



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

C. R. B.

EXPLORAÇÃO E ESTUDO DO VALLE DO AMAZONAS.

RIO TAPAJÓS

POR

J. Barbosa Rodrigues

Em comissão scientifica pelo Governo Imperial.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA NACIONAL.

—
1875.

AO

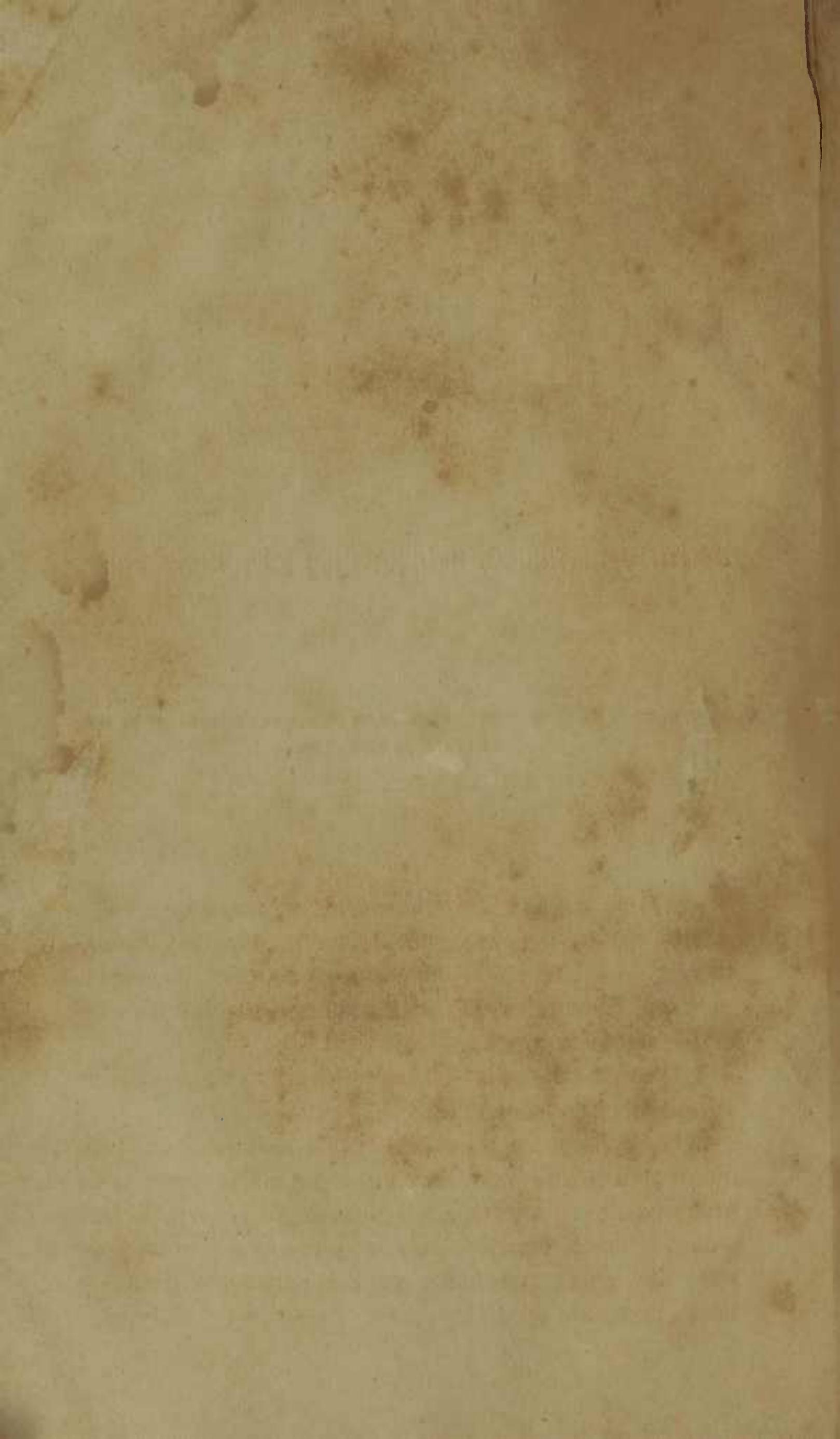
INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETNOGRAPHICO

DO

BRAZIL

DEDICA

O Autor.



RIO TAPAJÓS

I

SANTARÉM, SEUS ARREDORES E SEU HISTORICO.

Currente calamo vou transcrever as notas que tomei desde que avistei as aguas cristallinas, *pretas* dos naturaes, do rio Tapajós; por isso sem bellezas de estylo, acil será o meu dizer, firmando-me em estudos e na veracidade dos factos que observei.

A travessia da villa de Monte-Alegre para Santarém, apresenta impressões vivas e alegres.

Pelas 9 horas da manhã do dia 15 de Maio de 1872 comeci a distinguir uma linha negra na margem direita do Amazonas, que indicava a proximidade do Tapajós. A' medida que subia, mais distincta se apresentava a linha divisoria das aguas, que unidas desciam para confundirem-se mais longe.

Observei, quando penetrei no rio Tapajós, que antes da confusão geral das aguas, são as do Amazonas que se intromettem pelas do seu affluente.

Começa-se a observar neste que as aguas barrentas formam aqui e alli manchas claras e distinctas, que á medida que se approximam do Amazonas vão-se augmentando até confundirem-se. E' notavel a presença dessa porção d'agua bruscamente distincta das aguas negras, formando como que um panno preto manchado de pardo. A confluencia das aguas, o aspecto das margens, a natureza, tudo alli é deslumbrante.

Quando penetrei no Tapajós, como que senti minha alma alegrar-se.

A cidade de Santarém está situada na margem direita do rio Tapajós, quasi na confluencia do mesmo com o Amazonas, sob uma doce eminencia, que, principiando na margem vai terminar nos campos, proximo á serra que a rodêa, a duas leguas de distancia. Fica na lat. S 2° — 24' 52" e na long. O 41° — 33' — 41". Occupa uma bella posição, descortina um largo horizonte, é varrida pelos ventos, tem um clima saudavel e uma temperatura que, se bem que durante o dia atinja de 30° a 90° Fahr., é amenizada pelas brizas e tem as noites frescas e agradaveis, nunca excedendo o thermometro de 82°.

Os dias são alegres, seu alvorecer é lindo e as suas tardes soberbas. O espectaculo que se repete todas as tardes, durante o arrebol, é sempre variado e magestoso. Nunca se deita o sol no Tapajós senão cercado de ouro e purpura. A elevação de 46 metros acima do nivel do mar, contribue para que a sua situação seja magnifica. Distanto 460 milhas da embocadura do Rio-Negro e 650 do oceano, está collocada de maneira a ser um centro de grande valor commercial. Seu clima, posição e uberidade dos terrenos convidam a emigração a fazer ahi um nucleo, do qual grandes e importantes resultados se devem colher. Se

pelos seus bellos pontos de vista, pela sua posição, torna-se a princeza do Amazonas, pela sua população tambem occupa um lugar importante. Contém a cidade 2.304 individuos, sendo 1.120 do sexo masculino e 1.184 do feminino. Nacionaes 2.203 e estrangeiros 101, comprehendendo 207 casados, 2.204 solteiros, sendo 730 de côr branca, 567 tapuyos, 659 pardos e 348 pretos. Apenas são escravos 467 individuos e só sabem ler 586. Todo o municipio tem 8.643 habitantes, sendo brancos 1.098, tapuyos 4.690, de côr 830, do sexo masculino 4.191, e do feminino 4.452.

O boato de que este local é um foco de lepra e elephantiasis dos Arabes, é infundado, e custa a crêr que autores, taes como Baena, paraense, no seu *Ensaio corographico*, Herdon no seu *Walley of the Amazon*, e Agassiz na sua *Voyage au Brésil*, affirmem que grassam estas molestias entre os naturaes. Não sendo bem informados esses autores tomaram a nuvem por Juno. Indagando, observando por mim mesmo, só encontrei dous casos de elephantiasis, isto mesmo em individuos que não são do lugar. E' verdade que alguns elephantiacos apparecem ás vezes, mas são trazidos à cidade a implorar a caridade, e depois retiram-se para outras povoações onde residem. O testemunho de pessoas antigas e de medicos corrobora esta asserção.

Compõe-se a cidade de cinco ruas parallelas ao rio, cortadas por oito travessas em angulos rectos, embellezada por um largo e duas praças, comprehendendo 300 casas, das quaes 12 são de sobrados e 65 de palha, todas bem edificadas, se bem que algumas antigas e ainda de rotulas e postigos. Contam-se entre ellas 36 lojas de fazendas e tavernas, 4 padarias, 1 botequim, 1 typographia, 1 bilhar, 3 quitandas, 3 açougues, 3 boticas, 1 ferraria, 1 funilaria, 1 relojoaria, 2 lojas de alfaiates, 4 marcenarias, 1 saboaria, 1 armazem de seccos, 2 ourivezarias, 5 sapatarias e 1 fabrica de cal, etc., além de 26 regatões ou commercio ambulante para o interior.

A casa da camara é um bonito edificio, espaçoso, tendo no frontespicio quatro columnas, que formam um peristyllo para onde se sobe por uma escadaria que o rodeia, e que dá entrada por tres portas, tendo duas janellas de cada lado. Divide-se da cadêa, que está no mesmo edificio, por um pateo quadrado, rodeado de columnas quadrangulares. Contém esta quatro grandes, arejados e limpos compartimentos, onde actualmente existem 18 presos e condemnados, e um louco.

Foi começada a construcção em 1853 e terminada em 1867. O seu rendimento annual é de 7:000\$ a 8:000\$000.

Um grande e asseado templo serve de matriz, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Se bem que sua parte architectonica não contenha ricos ornamentos, pôde-se dizer que é ella a melhor igreja das povoações do Amazonas. Outr'ora tinha duas torres, porém essas cahiram. Faz frente para o rio e occupa um dos lados do largo que fica quasi no centro da cidade. Foi inaugurada em 1819, e construida pelos esforços do vigario de então, o padre portuguez Manoel Fernandes Leal e dos cidadãos José Fernandes dos Reis e Antonio Fernandes dos Reis, por appellido os *preguiças*. Depois da nossa emancipação politica, o mesmo vigario não querendo adherir a ella retirou-se para Lisboa.

Examinando a igreja, deparei com um crucifixo que para mim mereceu grande veneração e respeito, porque commemora um milagre, feito quando o Dr. Von Martius, dirigindo-se a Santarém, naufragou no dia 18 de Setembro de 1819 no Amazonas, proximo á embocadura do Tapajós. Um quadro de ferro fundido com letras em relevo, douradas, collocado na base da cruz, refere o milagre, da seguinte fórma: « *O cavalheiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da academia real das sciencias de Munich, fazendo em 1817—1820 de ordem de Maximiliano José, Rei da Baviera, uma viagem scientifica pelo Brazil e tendo sido aos 18 de Setembro de 1819 salvo por misericordia*

Divina do furor das ondas do Amazonas junto á villa de Santarém, mandou como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso erigir este crucifixo nesta igreja de Nossa Senhora da Conceição no anno de 1846.

O Christo é de tamanho natural, de ferro dourado, cravado em uma cruz de itaúba. Cumprindo a promessa que então fizera, o sabio botanico, apenas chegou á Europa, remetteu a imagem e o quadro, sendo então aqui collocado na cruz em 1846. Orna o primeiro altar da direita. Não é obra de arte, mas eternisa duas cousas: a «pia gratidão» de Martius e sua vinda ao Brazil.

Esta é a terceira igreja; a 1.^a, que existia na primitiva aldêa, era coberta de telha, segundo o inventario que li feito pelo primeiro vigario, era na rua do Castello, na esquina fronteira á actual pharmacia do Sr. Mattos e foi edificada pelo 4.^o missionario o Padre João Maria Gorsoni em 1682; a 2.^a, no largo da Imperatriz, onde hoje ainda se vê um cruzeiro. Mal edificada pelo Padre Manoel Rabello, foi em 1733 reedificada pelo Padre Luiz Alvares, que ahi missionou até 1746. Esta tinha junto um collegio dirigido pelos padres da companhia, que existia, já arruinado em 1814, sendo abandonado em 1819, depois da conclusão da actual matriz.

No campo em frente ao centro da cidade, existe o cemiterio, todo murado, com uma capellinha, e alguns tumulos de marmore, de valor.

A' direita da cidade, separada por uma espaçosa praça á margem tambem do rio, está a *aldêa*, ultimo vislumbre da antiga taba, da qual só resta uma velha tapuya centenaria. E' habitada por tapuyos, descendentes dos velhos Tapajós e por outros de cruzamento de outras tribus. Compõe-se de sessenta e oito palhoças, algumas arruadas, outras espalhadas, feitas das folhas da palmeira *curudá* (*attaléa spectabilis*). Cada palhoça contém, termo médio, cinco pessoas. Foi mais numerosa esta aldêa, porém em 1855, in-

vadindo o cholera-morbus o Amazonas, ceifou quasi toda a sua população. Conservam os indigenas ainda uns restos longinquos dos usos primitivos.

A' esquerda da cidade fica um outeiro, d'onde se goza o mais bello panorama. Quando não fosse notavel esse ponto pelo grande horizonte, e perspectivas variadas que dahi se gozam, as ruinas que ahi ainda se vê, de um antigo forte, o fariam, com as suas recordações historicas.

Com effeito grossas porções de muralhas, signaes de fossos, aqui excedendo a mata que já as cobre, acolá encoberta pela mesma, nos lembram o patriotismo de um abastado portuguez e o não menos nobre de seu filho, a quem cabe a gloria não só da edificação, como do seu commando. Reinando D. João IV, e temendo alguma invasão de francezes pela Guyanna, mandou fortificar as margens do Amazonas, por cujo motivo Francisco da Motta Falcão, o mesmo que foi ao Maranhão com o Governador Gomes Freire de Andrade em 1685, pela revolta de Manoel Beckmann, offerceu-se para fazer quatro fortalezas á sua custa e no curto espaço de quatro annos; pelo que El-Rei, por Alvará de 15 de Dezembro de 1684, fez mercê ao mesmo individuo de uma das quatro que se obrigára a fazer, podendo o mesmo por sua morte passal-a a seus filhos. Missionava então a aldeia dos Tapajós o padre João Maria Garsoni e fallecendo Francisco da Motta Falcão, deixando apenas principiadas as mesmas fortalezas, D. João, por Carta Patente de 14 de Julho de 1716, fez mercê a seu filho Manoel da Motta de Siqueira, do governo vitalicio da fortaleza dos Tapajós, em recompensa do serviço de tel-as feito á sua custa.

Prestou este, juramento, e rendeu preito e homenagem, nas mãos do Governador Capitão General Christovão da Costa Freire, (4) e tomou posse do referido commando no

(4) Senhor de Pancas, Commendador dos Alcarses de Soure, mestre de Campo da Infantaria auxiliar do termo de Lisbôa; tomou posse do Governo em 12 de Janeiro de 1707.

dia 18 de Junho de 1718, assentando praça depois a 26 de Julho com o soldo de 807000 annuaes, por ordem do mesmo Governador, dada em 15 do mesmo mez e anno.

Dezanove annos depois, não podendo, pelas molestias que soffria e pela avançada idade que tinha, de 80 annos, continuar como Governador da mesma fortaleza, requereu ao Governador Capitão General, que então era João de Abreu Castello Branco, (1) que havia tomado posse em 18 de Setembro de 1737, que, em vista da carta patente que tinha, nomeasse seu filho João da Motta de Siqueira para substituil-o. Attendendo o Governador, passou em 8 de Outubro do mesmo anno, uma carta patente ao mesmo João da Motta de Siqueira, dando-lhe o referido governo da fortaleza ; sem soldo, por pertencer a seu pai. Tomou então posse em 24 de Outubro do mesmo anno, depois de render preito e homenagem a El-rei, como era de estylo. Passando a governar a fortaleza João da Motta de Siqueira e vagando o posto de tenente por passagem que delle fez para o de ajudante de artilharia Domingos Rodrigues, em 9 de Novembro de 1746, foi provido no mesmo posto seu filho Manoel da Motta de Siqueira, por carta patente da mesma data, assignada pelo mesmo governador Castello Branco. Mereceu este posto, pelos *relevantes* serviços que prestou como soldado voluntario da companhia do capitão João Paes do Amaral, no espaço de um anno e oito mezes.

Entrou em exercicio no dia 12 de Novembro do mesmo anno.

Consideravam-se outr'ora bons serviços, as *rondas, sentinellas e guardas!* Manoel da Motta, foi tambem Juiz ordinario e de orphãos, da villa de Santo Antonio de Gurupá, nomeado por carta de confirmação de 8 de Junho de 1763.

(1) Fidalgo da Casa Real, Commendador da Commenda de Collos, da ordem de S. Thiago.

Reconhecendo D. Pedro II o pacifico, os serviços prestados por seu avô, quiz ainda mais galardoal-o nomeando-o moço fidalgo de sua Real Casa e agraciando-o com o habito de Christo, em quatro gerações. Gozam ainda estes fôros, sem o saber ou delles não fazer caso, os sete filhos que ainda vivem de João Pedro da Motta de Siqueira, que falleceu em 1864 com 70 annos. De pesquisa em pesquisa consegui saber o historico do Forte do Tapajós, por documentos originaes que fui descobrir nas mãos da viuva do mesmo, Theodora Antonia Gomes, moradora no Arapixuna. (1)

(1) DOM JOÃO POR GRAÇA DE DEOS REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES DA QUEM E DALEM MAR EM AFRICA SENHOR DE GUINÉ E DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO, COMMERCIO DA ETIOPIA, ARABIA, PERSIA E DA INDIA, ETC.

Faço saber aos que esta minha Carta Patente virem que tendo consideração a haver feito mercê a Francisco da Motta Falcão por Alvará de quinze de Dezembro de mil e seiscentos oitenta e quatro de uma das quatro Fortalezas que se havia obrigado a fazer por sua conta dentro em quatro annos pelo Rio das Amazonas acima nas partes meneionadas, na provisão que se havia passado para o dito effeito, qual elle escholhesse em sua vida, e por sua morte para um de seus filhos, qual elle nomeasse e hora vem representar por parte de seu filho Manoel da Motta de Siqueira fallecer o dito seu Pay sem dar eumprimento as condições com que lhe havia feito a referida mercê e as mais com elle mencionadas e só deixar principiadas algumas das ditas Fortalezas, e por sua morte tratar o dito Manoel da Motta de Siqueira com todo o valor trabalho e despeza de sua....da não de acabar as tacs fortalezas as quaes se acham em sua ultima perfeição eomo que tinha indi..... as condições..... que se haviam dado ao dito seu pay e mereê de governal-a.....eseolhe-se em sua vida, e por sua morte ao filho que nomeasse, e que se devia verificar no supplicante por ter satisfeito as condições a que o dito seu pay estava obrigado, e para se lhe passar o despacho do Governo da Tal Fortaleza nomeando logo a dos Tapajós que elegia para sua assistencia; e tendo despeito aos documentos que apresentou e ao que sobre este requerimento informou o Governador e Capitão geral do Estado do Maranhão e respondeu o meu procurador da Corôa a que se deu vista.

Hei por bem fazer mercê ao dito Manoel da Motta de Siqueira do governo da dita Fortaleza do Tapajós em sua vida e por sua morte ao filho que elle nomear, e que com o dito governo haja soldo de outenta mil réis em cada anno pagos pelo rendimento da fazenda real. Pelo que mando ao meu governador e Capitão geral do estado do Maranhão faça dar posse e juramento ao dito Manoel da Motta de Siqueira do governo da dita Fortaleza e lhe deixe exercitar em sua vida e haver o dito soldo eomo dito é, e aos officiaes e pessoas que nella estiverem ordeno tambem que lhe obedeam e eumpram suas ordens como devem e são obrigados e antes que entre no governo da dita Fortaleza me fará por ella preito e omenagem nas mãos do dito meu governador

Ainda em 1852, existia o forte, servindo de quartel e de cadeia, para onde se entrava por pontes que tinha sobre os fossos. Formava um quadrado, com 22 braças de cada

de que se fará termo nas costas desta Carta Patente que por firmeza de tudo lhe mandei passar por duas vias por mim assignada e sellada com o sello grande de minhas armas, e nos registros do dito Alvará se porão as verbas necessarias, e pagou de novo direito quarenta mil réis da propriedade e outro mil réis da renuncia que se carregaram do Thesoureiro Aleixo Betelho de Ferreira, a fls. 31 e deu fiança no livro..... (a dobra do papel inutilizou uma linha inteira) dão jundica, e não a apresentando no dito tempo pagar pelo que a junta lhe arbitrar, como constou de seu....em fôrma registado no registro geral a fls. 47. Dada na cidade de Lisboa, aos quatorze dias do mez de Julho. Dionizio Cardoso Pereira a fez. Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezuz Christo de mil e setecentos e dezeseis. (Seguia-se uma assignatura indecifavel).

(Assignado) EL REI.

(Lugar do sello).

Patente por que Vossa Magestade faz mercê a Manoel da Motta de Siqueira do governo da fortaleza dos Tapajós em sua vida e por sua morte ao filho que elle nomear e que com o dito governo haja soldo de outenta mil réis cada anno pagos pelo rendimento da fazenda real, como nella se declara que vai por duas vias.

Para Vossa Magestade ver.

Por resolução de Vossa Magestade de 16 de Março de 1716, em consulta do conselho ultimo de 13 do dito mez e anno.

Pagou 400 réis.

Joseph de Carvalho Abreu. Joseph Gomes de Azevedo.

Fica assentada esta carta nos livros das mercês e pagou vinte via e fica posta a verba que requer. Lisbôa 22 de Julho de 1716. Amaro Nogueira de Andrade.

Registada na camara mór da côrte e reino no livro de officios e mercês fls. 392. Lisbôa 23 de Julho de 1716. Innocencio Corrêa de Moura.

Pagou X réis por ser via. Lisboa 23 de Julho de 1716. Dom J. Miguel Maldonado.

Registada na secretaria do conselho ultramarino no livro 1.º de officios a fls. 125 e fica posta a verba que requer. Lisboa 23 de Julho de 1716.

Assignatura (Ininteligivel.)

Cumpra-se como Sua Magestade, que Deus guarde manda ao governador da fazenda real desta capitania Pedro Mendes Vismas lhe mande sentar praça com soldo de outenta mil réis como..... e se registará aonde...

Bellém do Pará 15 de Julho de 1718. Christovão da Costa Freire Regadas..... Estado no dito.... 15 de Julho de 1718. Antonio Rodrigues Chaves.

Sente-se-lhe praça com soldo de outenta mil réis.—Belem 26 de Junho de 1818.

Mendes.

Aos dezeseis dias do mez de Julho de 1718 nesta cidade de Belem do Pará no Palacio em que assiste o Governador Capitão

lado, defendendo os angulos quatro baluartes. Tinha em roda fossos com pontes levadiças, e era todo construido de taipa de pilão.

General deste Estado Christovão da Costa Freire, houve posse, juramento, preito e homenagem em suas mãos Manoel da M. de Siqueira pelo governo da Fortaleza dos Tapajós que Sua Magestade que Deus Guarde por mereçê de que fôra testemunhas o Capitão-Mor da Capitania José Velho de Azevedo (1) e o Coronel das ordenanças Illario de Moraes Bitaneurt. Belem do Pará 18 de Junho de 1718.

Antonio Rodrigues Chaves.

Fica registrada no Livro que serve de.... na fazenda real de fl. 25 verso e fls. 27 e lançado o soldo de 80\$, de primeira playna a fl. 338, por mim escrivão d'ella, etc.

(Assignado). *Caballeiro.*

JOÃO DE ABREU CASTELLO BRANCO DO CONSELHO DE SUA Magestade Governador e Capitão General do Maranhão, etc. Faça saber aos que esta minha Carta Patente virem que sendo-me apresentada por Manoel da Motta de Siqueira uma patente passada em catorze de Julho de mil setecentos e dezesseis, pela qual Sua Magestade que Deus Guarde foi servido provel-o no governo da fortaleza do Tapajós em remuneração dos serviços que havia feito ao dito Senhor edificando a sua custa quatro Fortalezas no Rio das Amazonas e fazendo outros mais serviços em attenção aos quaes lhe foi concedido na mesma Patente a mercê de que poderia nomear um dos seus filhos qual elle escolhesse para que por sua morte ficasse com o governo da mesma Fortaleza e requerendo-me que por se achar já muito adiantado na idade, que passa de oitenta annos e pelos seus achaques totalmente inhabil para poder assistir na mesma Fortaleza nem fazer n'ella algum serviço util a Sua Magestade me pedia nomeasse para substituir a sua falta a seu filho João da Motta Siqueira, provendo-o no governo da referida Fortaleza e attendendo eu aos bons serviços que o dito Manoel da Motta de Siqueira tem feito a Sua Magestade, reconhecendo na mesma prezença a verdade da sua supplica pelo que respeita a estar deerepito e inhabil para o serviço do mesmo Senhor, e ser conveniente ao mesmo serviço que a dita fortaleza esteja provida e governada por pessoa de merecimento e capacidade para cumprir com as obrigações do governo d'ella, hei por bem (*parte da linha estava roída pelas traças.*) João da Motta de Siqueira, no Governo da Fortaleza dos Tapajós com o que logrará todas as honras, liberdades, privilegios, prerogativas, izenções e franquezas que ao dito seu pai forão concedidas com declaração porém que tendo o exercicio do dito posto não cobrará soldo algum por este pertencer sómente ao dito seu pai. E nesta fórmula ordeno a todos os officiaes e soldados da dita Fortaleza o respeitem

(2) Tenente General de Artilharia, tomou posse em 11 de Junho de 1716.

O Governo provincial ha poucos annos, gastou infructivamente mais de 20:000\$0000 mandando levantar uma muralha na frente do mesmo, que ficou em principios e que ainda hoje se vê.

e obedeçam as suas ordens como devem e são obrigados. E antes que o dito João da Motta Siqueira passe ao governo da dita fortaleza jurará em mesmas maons preito e homenagem. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente por mim assignada, sellada com o sinete de minhas armas que se cumprirá tão inteiramente como n'ella se contém, e se registrará onde tocar. Dada n'esta cidade de Belem do Grão-Pará aos 8 dias do mez de Outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de 1737.

José Gonçalves da Fonseca, Secretario do Estado a fez.

Assignado— João de Abreu Castello Branco. Carta Patente pelo Governo da fortaleza dos Tapajós, que V. Ex. foi servido mandar passar a João da Motta Siqueira em nome de Sua Magestade pelas razões acima declaradas.

Regulamento a fls. 18 do L. 1.º do Registro Geral que serve n'esta Secretaria, fica registrada esta Patente. Belem do Pará 8 de Outubro de 1737.

José Gonçalves da Fonseca.

Aos vinte e um dias do mez de outubro de mil setecentos e trinta e sete nesta cidade de Belem do Grão-Pará, no Palacio deste Governo aonde.... Governador Capitão General deste Estado João de Abreu Castello Branco, faz preito e homenagem em suas maons João da Motta de Siqueira do Governo da Fortaleza do Tapajós em que é provido pela Patente atraz escrita de que fez assento no livro das homenagens que assignou com o Capitão-Mór do Pará Custodio Antonio da Gama e o Coronel Gaspar de Siqueira Queiroz, que se acham presentes a este acto; e de como fez o dito preito e homenagem se lhe passou esta certidão que eu José Gonçalves da Fonseca fiz e assignei. Assig. José Gonçalves da Fonseca.

Registem-se-lhe e se lhe sente praça na fórmula que a mesma patente declara. Belem do Pará, 3 de Outubro de 1737.

(Assignado), Figueiredo

Registrada nos Livros da Fazenda que servem de Cartas Patentes a fl. 76. Ve. 77. Belem do Pará, em 30 de Outubro de 1737.

(Assignado) Pedro Cavalleiro.

JOÃO DE ABREU CASTELLO BRANCO DO CONSELHO DE SUA Magestade Governador Capitão General do Estado do Maranhão, etc. Faço saber aos que esta minha Carta Patente virem que havendo respeito aos requisitos, merecimentos e mais partes que concorrem na pessoa de Manoel da Motta de Siqueira haver sentado praça de soldado pago voluntariamente na companhia do Capitão João Paez do Amaral huma das de guarnição n'esta Praça, na qual tem servido com bom procedimento por espaço de um anno e oito mezes

Collocado como disse em soberba posição como ponto de vista, não o é comtudo militarmente fallando ; porque não evita a passagem de vasos de guerra pelo Amazonas, nem tão pouco fecha a embocadura do rio Tapajós ; por haver

entrando e sabindo de guarda, fazendo rondas e sentinellas com todo cuidado e zelo ao real serviço ; e porque se acha vago o posto de Tenente da Fortaleza dos Tapajós por passagem que d'elle fez Domingos Rodrigues que o exercia ao posto de Ajudante de Artilharia d'esta praça e esperar do dito Manoel da Motta de Siqueira sirva com boa satisfação conforme a confiança que faço da sua pessoa. Hei por bem provel-o como por esta faço ao referido posto de Tenente da Fortaleza dos Tapajós que servirá por tempo de tres annos enquanto eu houver por bem e Sua Magestade não ordenar o contrario com o qual posto gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, izenções e franquezas que em razão de lhe lhe tocarem. Pelo que mando a todas as pessoas que lhe forem subordinadas lhe obdeçam, cumpram, guardem suas ordens tanto de palavra, como por escrito como devem e são obrigados e outrosim ordeno ao Procurador da Fazenda Real lhe mande formar seu asento para prevenir o soldo que levaram seus antecessores, e o Capitão da dita Fortaleza lhe dará posse e juramento na fórma do estilo, e por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas que se cumprirá inteiramente como n'ella se contém e se registrará onde tocar.

Dada na cidade de Belem do Pará aos nove dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de mil setecentos quarenta e seis. E eu Mathias Paez de Albuquerque Official da Secretaria de Estado a fiz:

Assignado, João de Abreu Castello Branco.

Carta Patente por que V. Ex. ha por bem prover Manoel da Motta de Siqueira no posto de Tenente da Fortaleza dos Tapajós que se acha vago por ter passado Domingos Rodrigues que servia ao posto de Ajudante de Artilharia d'esta praça como n'esta se declara.

Para V. Ex. ver.

Registrada a fls. 142 do Livro que serve n'esta Secretaria de Estado de Registo de Patentes militares. Pará 9 de Novembro de 1856.

Mathias Paez de Albuquerque.

Cumpraee registeee-lhe he se lhe forme asento. B lem 9 de Novembro de 1746.

(Rubrica inintelligivel.)

Dey-lhe posse e juramento na forma do estilo. Pará 12 de Novembro de 1846.

Assignado, André Miguel Ayres.

passagem franca pelo canal denominado impropriamente Igarapé *açu*.

Santarém, a maior das cidades da provincia, é tambem a em que mais se vê derramada a instrucção. Oito estabelecimentos de educação ha alli: quatro escolas publicas para o sexo masculino, sendo duas nocturnas para adultos e escravos, uma para o sexo feminino e mais tres outras escolas particulares, duas para o sexo masculino e uma para o feminino. Além destas sete escolas existe um collegio particular já bem montado, para ensino primario e secundario. Dividido em internato e externato, admite para ambas as divisões alumnos gratuitos. Foi installado no dia 1 de Outubro do anno de 1871, matriculando-se nesse dia 35 alumnos. Actualmente conta 50, numero que parece diminuto, mas que não é se attendermos á falta de população e ao facto de haverem outras escolas tambem frequentadas. O augmento progressivo e o estado satisfactorio que se notam são devidos aos esforços do seu digno director o tenente coronel Joaquim Rodrigues dos Santos e do vice-director o honrado e intelligente Capitão Fernando Felix Gomes Junior.

Frequentam já o 1.º anno do curso secundario oito alumnos. O governo provincial subvenciona este estabelecimento com a quantia de 4:000\$000, que é sem duvida alguma muito pequena; attendendo aos melhoramentos que se tornam necessarios á casa, que é pequena, já para o numero de alumnos e para outras reformas de que necessita o material.

A' falta de maior espaço onde nas horas de recreio os alumnos se divirtam, desenvolvendo o seu physico, é sensivel. A criança quer ar e espaço, prendê-la em um acanhado circulo, é tolher-lhe o seu desenvolvimento e preparar-lhe um mal para o futuro.

O estudo da physica e chimica, quizera antes vel-o substituido pelo da historia natural seguido então de noções

praticas das duas primeiras sciencias ; porque, qualquer que seja a carreira que tenha de seguir o alumno, o estudo da botanica, de mineralogia, geologia, etc., ser-lhe-ha sempre mais util do que o da physica e chimica, que aprenderão nas faculdades. A maioria dos alumnos naturalmente seguirá a vida da lavoura, e para esses aproveita mais a historia natural do que a physica.

Existe ali tambem uma sociedade litterario-scientifica, com o nome de *Sociedade Ethnographica*, com um museu e uma bibliotheca, com mais de 2.000 volumes, que está franqueada ao publico. Foi fundada no dia 7 de Setembro de 1872, pelo humilde autor deste escripto, com a cooperação das principaes pessoas da localidade, a quem rendo aqui um publico testemunho de gratidão.

O commercio em Santarém é grande, e está todo nas mãos dos nacionaes, que procuram o engrandecimento do seu torrão. O alto Tapajós e o municipio abastecem seu mercado. Os principaes generos de exportação, são : borracha, cacáo, cal, gado, couros, guaraná, pirarucú (peixe), salsa, yinhos, etc. Outros productos tambem exporta, porém em quantidade diminuta, como : cavallos, cumarú, estôpa, oleo de copahyba, sebo, tabaco, etc.

Comparando-se a exportação do triennio de 1869 a 1871, vê-se que diminue, e que provavelmente diminuirá ainda mais. Tendo augmentado gradualmente até 1867, anno da maior exportação, começou de então para cá a apresentar oscillações, quando devia ir augmentando progressivamente.

Por este pequeno quadro dos principaes generos exportativos poder-se-ha avaliar. (1)

(1) Não incluo os generos embarcados em barcos particulares, o que eleva a muito mais a exportação.

<i>Generos.</i>	1869.	1870.	1871.
	arrbs. lbs.	arrbs. lbs.	arrbs. lbs.
Borracha.....	7.477	9.240	6.987
Cacão.....	16.067	44.590	40.028
Carnes.....	5.585	5.281	8.928
Couros.....	6.000	4.000	1.434
Pirarucú (peixe)...	10.898	23.460	11.837
Salsa.....	115 29	199	68 20

Nos outros generos nota-se tambem sensivel diminuição. Duas têm sido as causas : uma natural, contra a qual não ha remedio, mas outra que é mister combater quanto antes. A primeira foi a abundante chuva dos ultimos annos, que impedio a pesca, matou o gado e destruiu as plantações; a segunda é a extracção da borracha, que fez com que centenaes de individuos abandonassem suas plantações, seu commercio, etc. e seguissem para o Alto Amazonas, onde, procurando um lucro ficticio, perderam a saude e algum capital que por ventura possuiam, para voltarem miseraveis quando não ficavam sepultados lá. Familias inteiras abandonaram tudo e seguiram para os seringaes.

A prohibição expressa de extrahir-se borracha nas florestas do governo, trará nos primeiros cinco annos alguma paralysação ao commercio, mas depois as rendas serão maiores, haverá progresso, lavoura, industria, haverá finalmente vida !

Innumeros productos vegetaes são hoje desprezados, o que não o serão então; as madeiras, por exemplo, que podem abastecer nossos arsenaes e mercados, serão aproveitadas; ver-se-hão as margens dos rios cobertas de serriarias, e não desertas como ora estão, os campos serão rotados, o tapuyo comprehenderá que precisa trabalhar e deixará esse ocio que o prende a rêde, quando sahe do seringal.

Dir-me-hão, talvez, que é impossível essa prohibição ; mas assim como se prohibe a pesca da tartaruga no tempo da postura (para não faltar alimento á pobreza), assim tambem pôde prohibir-se a extracção da borracha.

Lavoura e industria, pôde-se dizer que não existem em Santarém. Os fazendeiros são creadores de gado e só cultivam pequenas porções de terreno para o costeiro das fazendas. Quanto á industria, não ha senão uma fabrica de vinhos de frutas do paiz (que já exporta annualmente quasi 2.000 garrafas), algumas rêdes e uma ou outra obra de palha grosseira, a não ser a da colonia americana que ahi existe, prosperando muito e a da cal, que se exporta para a provincia do Amazonas. Alguns americanos do sul, estabelecidos na serra, são os unicos lavradores que mostram o que poderá ser o municipio de Santarém quando reconhecerem a necessidade de trabalhar e a emigração para ahi affluir.

E' uma colonia composta de 19 familias, representadas por quasi 88 individuos, sendo 77 norte-americanos e 11 inglezes. Entre elles existem dous medicos, quatro mecanicos, um padre, sendo os outros lavradores. O Padre que é o Rev. Sr. Hennington, é tão industrioso que conseguiu fazer por suas proprias mãos 10 machinas, com os recursos do lugar. São movidas por agua e podem trabalhar todas a um tempo ou separadamente. (1)

O estrangeiro que aporta a Santarém, é recebido com agasalho e affago.

Os usos e costumes são os de uma sociedade bem educada apesar de dizer Henrique Bates, naturalista, na sua obra *The naturalist on the Amazone: primo*, que a alta classe da sociedade é toda ceremoniosa e que a falta de hospitalidade impressiona desagradavelmente ao estrangeiro ; *secundo*, que é uso fazerem-se visitas casacalmente ao

(1) Hoje esta colonia está muito augmentada.

meio dia, quando o sol está a pino e que o calor é insupportavel, por causa da areia ; *tertio*, que nas noites chuvosas os *jacarés e onças* chegam á cidade.

As duas primeiras asserções são inteiramente falsas e filhas de indisposições pessoaes, segundo o que indaguei. A terceira, tambem é falsa. Bates nunca vio onças dentro da cidade, mas, aproveitando-se do archivo da camara municipal, que teve entre mãos, affirmou um facto que não se dava na época em que elle visitou Santarém (1851).

Vi que o livro 1.º das actas das sessões da camara, a fl. 43, que em sessão de 13 de Dezembro de 1830, o vereador Domingos José Martins de Albuquerque, propoz, que visto apparecerem ás vezes animaes ferozes na villa, se pagasse pelas rendas do conselho da municipalidade a quantia de 4\$ a quem matasse um dos ditos animaes dentro da cidade; depois de alguma discussão foi resolvido pagar-se sómente 4\$ por cada onça e 2\$, por qualquer outro animal. Ahi colheu Bates sua informação.

Depois do rapido esboço que fiz do estado actual de Santarém, apresentarei alguns esclarecimentos sobre o seu passado.

Foi taba principal dos Tapajós, que julgo oriundos do Perú d'onde sahiram talvez pela invasão hespanhola. Não havendo documento nenhum historico a tal respeito, a archeologia encarrega-se de mostrar que os Tapajós tinham quasi os mesmos usos dos Incas. O uso dos muirakitans, dos quaes depois fallarei, vem mostrar tambem, que, na descida do Perú, relacionaram-se com a tribu que existia no Rio Trombetas, e que impropriamente foi chamada das Amazonas, por Orellana. Habitaram não só a margem do rio mas tambem as chapadas das serras que a contornam, como se collige pelos innumerous vestigios que encontrei no Piquiatuba, Ypanema, Mararú, Taperinha, por exemplo : restos de louça, machados, fragmentos de idolos caminhos cavados nos declives da serra, depositos de

conchas, etc. Senhores de toda a margem do rio, com diversos nomes áquem das cachoeiras, ainda hoje chamado pelos tapuyos *Tapayú-paraná* (rio dos Tapajós), tinham sua principal taba na embocadura do mesmo rio.

Por ordem do superior dos frades da companhia, o padre Antonio Vieira, em 1661 fundou a aldeia dos Tapajós o padre João Felipe Bittendorf, em virtude da ordem régia de D. Pedro reunindo a estes propriamente ditos os Urue-rucús, que estavam na outra margem. Sendo governador Ruy Vaz de Siqueira e mandando uma expedição ao rio Urubú vingar a morte covarde e traiçoeira do sargento-mór Antonio Arnaud Vilella, sahio esta no dia 6 de Setembro de 1664, commandada pelo capitão Pedro da Costa Favilla, que chegou á aldêa dos Tapajós em 25 do mesmo mez e anno, chamando a si alguns dos indios Tapajós que ainda ahi viviam. (1)

Em 1768, quando o padre Dr. José Monteiro de Noronha, vigario geral do Rio Negro, escreveu seu *Roteiro*, diversas tribus habitavam as margens do rio, uma das quaes a dos Maués, ainda hoje ahi se conserva, e os outros gentios eram os Tapacorá, Carary, Jacarétapiyá, Çuarirana, Piriquito, Uarupá, Sapopé, Uarápiranga e Yauain. Os Sapopés e Jacarétapiyá eram antropophagos. Os Uarupá e Çuarirana e Piriquito, tinham nas faces signaes pretos feitos á ponta de espinhos e depois coloridos. Os Yauain tinham uma listra larga e da mesma côr desde a raiz dos cabellos na testa até a barba. Suas tabas eram as povoações de Alter do Chão, Boim, Pinhel, Villa Franca e outras além das cachoeiras, tendo alguns, como os Sapupés e Uarupás, algumas malocas, no furo Urariá, que desagua no rio Tupinambaranas, e no Matary, centro dos Sapupés. Habi-

(1) Compunha-se esta expedição de 34 canôas com 500 gentios, sob as ordens dos seus superiores e de 4 companhias de tropas regulares sob o mando de 4 capitães de infantaria e de outros officiaes subalternos (Baena).

tavam pelo centro os seguintes: Apaunuariás, Marixitás, Amanajés, Apicuricús, Morivás, Moquiriás, Jacaréuarás, Anjuariás, Senecuriás, Necuriás, etc., vindo, julgo eu, os Amanajés do rio Tocantins, os quaes usavam no labio superior um furo e outros nas orelhas, que eram enfeitados com pennas amarellas e azues mettidas em um canudinho, que se adaptava aos mesmos furos. Dous nomes indicavam a localidade de suas tabas, se áquem ou além das cachoeiras: *Canicuruz* designava os do baixo Tapajós e *Yapyruara* os do Alto. Mais tarde estas tribus foram exterminadas pelos Mundurucús. Em 1750 a população na aldêa era de 400 almas pouco mais ou menos.

Em virtude da lei de 6 de Junho de 1754, que mandou elevar á categoria de villa, as missões dos jesuitas, já em estado de prosperidade, porém sujeitas ao ordinario, D. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, (1) elevou a aldêa dos Tapajós a villa de Santarém, sendo inaugurada em 3 de Julho de 1757 pelo seu primeiro vigario, o Rev. Padre Francisco Xavier Eleuterio, nomeado por Provisão do Rev. Bispo D. Frei Miguel de Bulhões, em 22 de Abril do mesmo anno. Missionava então ahi novamente o padre Luiz Alvares, que no acto da inauguração poz embargos dando como motivos o não ter ordem do seu prelado para dar posse ao mesmo vigario. (2) Tendo lido solemnemente na Matriz a Provisão, que o nomeava, e elevava a aldea a

(1) Commendador de Santa Marinha da Mata dos Lobos da Ordem de Christo e capitão tenente da real marinha

(2) Os missionarios que teve a aldêa dos Tapajós foram os seguintes padres da Companhia de Jesus: 1.º João Philippe Bittendorf, fundador da aldêa; 2.º Aloysio Conrado; 3.º Antonio Pereira, que missionou a nação Cayoana, e reuniu-as em Araçary, Tapary e Borary; 4.º João Maria Garsoni (1680), que edificou a 1.ª igreja, porque os antecessores moravam em tejupares, e diziam missas em capellinhas de palha; 5.º Manoel Rabello, fundador de Villa Franca; 6.º João de Souza (1715); 7.º Annibal Mazaloni, servio dous annos; 8.º Manoel da Silva, servio dous annos; 9.º Manoel Gonçalves, servio um anno; 10.º Sebastião Fusco; 11.º Luiz Alvares, servio treze annos; 12.º João Texeira, 13.º Sebastião Fusco, servio mais um anno; 14.º Manoel Ferreira (1737—1750), 15.º e ultimo Luiz Alvares, pela segunda vez.

villa, o Rev. Parocho lavrou um termo, assignado, não só pelo Director dos Indios o Tenente Manoel Corrêa Moncada, como pelo Capitão-mór Paulo, Principal André e mais pessoas que em grande numero assistiram a esse acto. O missionario Luiz Alvares, negou a sua assignatura. (1) Em 24 de Outubro do mesmo anno foi lida a primeira pastoral, obrigando o povo ao dizimo de tudo quanto colhessem, fizessem, extrahissem, etc. fazendo a sua primeira visita pastoral o arcypriste Dr. José Monteiro de Noronha, em 29

(1) *Dom Frei Miguel de Bulhoens, da Ordem dos Pregadores, por mercê de Deus e de Santa Sê Apostolica, Bispo do Grão Pará, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima etc.*

Porquanto o Illm. e Exm. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador e Capitão General do Estado, nos participou que em observancia das Reaes leis de Sua Magestade regia na Aldeia dos Tapajós em Villa de Santarem, e na conformidade das Reaes Ordens do dito Senhor e da declaração que os Prelados regulares deste Estado fizeram em junta de dez de Fevereiro, competente ao nosso Pastoral officio destinar algum Ecclesiastico subdito nosso para Parocho da referida Villa, e na pessoa do Reverendo Padre Francisco Xavier Eleuterio concorrem todos os requzitos necesarios para desempenhar as obrigações deste emprego, o nomeamos Vigario interino da nova Villa de Santarem, que servirá em quanto Sua Magestade como Governador e perpetuo Administrador do Mestreado, Cavallaria e Ordem do nosso Senhor JESUS Christo, não mandar o contrario e nós o havermos por bem, ao qual recommendamos administre a seus freguezes os Sacramentos, que lhe pertencem com aquella Vigilancia e zello que convem ao serviço de Deus e ao bem esperitual das nossas ovelhas que amamos nas entranhas de Jesus Christo podendo absolver de todos os peccados a nós reservados, observando na administração dos mesmos Sacramentos inviolavelmente a fórmula que declara o Sagrado Concilio Tridentino e Constituições porque se governa este Bispado e terá um especialismo cuidado em os instruir nos Mystérios da Nossa Fé e lhes propor a palavra de Deus aos Domingos e dias Santos especialmente nos dias de maiores solenidades na Igreja fazendo-lhes aquellas praticas esperituas que julgar mais uteis e proporcionadas á direcção de suas almas em lhe destinamos a congrua de oitenta mil reis por anno, que será paga pela Fazenda Real em virtude da Real Ordem do mesmo Senhor expedida por carta da Secretaria do Estado de 4 de Março de 1735 e haverá tambem todos os mais próes e precalços que por direito lhe competem. Pelo que manda a todos os nossos subditos especialmente aos moradores da sobre dita Villa de Santarem com pena de excomunhão maior ipso facto que reconheçam e venerem ao dito Reverendo Padre Francisco por seu legitimo Parocho obdecendo-lhe em tudo o que pertencer ao seu sagrado ministerio.

de Outubro, ainda do mesmo anno. Entre elle, o vigario, o Director dos Indios e os chefes dos mesmos fizeram um ajuste em que se obrigava o mesmo director pelo povo a dar annualmente vinte mil réis para guizamentos da Igreja e um pote de manteiga de tartaruga e outro de azeite de andiroba para a lampada do sacrario. Varias pastoraes foram então expedidas por D. Miguel de Bulhões, exigindo os dizimos, sob pena de excommunhão maior. Tres annos

Dada nesta cidade de Belem do Grão Pará sob nosso signal e sello das nossas arinas.

Passada pela Chancellaria e registrada aonde pertencer. Aos 22 de Abril de 1757. Assignada. † Frei Miguel, Bispo do Pará.

Registrada. Ferreira Leonardo.
Ach.^a e sello—400 rs. Recebi Ferreira Leonardo.

Auto de posse que tomou o Reverendo Padre Vigario Francisco Xavier Eleuterio da Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição da Villa de Santarém que até agora se chamava aldeia dos Tapajós, em nome do Exm.^o e Revm.^o Sr. Padre Frei Miguel de Bulhões, do Conselho de Sua Magestade Fidellissima, etc. Bispo desta Diocese.

Aos 3 dias do mez de Julho do anno de mil setecentos e cincoenta e sete na matriz da Villa de Santarém onde se acharão presentes o Director o Tenente Manoel Corrêa Moncada, o Capitão-mór Paulo o Capitão Jacob; o Capitão Domingos, o Capitão Fellippe e o Ajudante Damião e os moradores e sendo ahi junto o povo da dita Villa que até agora se chamava Aldeia dos Tapajós, ns presença de todos mandou o Reverendo Vigario Francisco Xavier Eleuterio publicar uma provisão de Sua Ex.^a Revm.^a em que nomeava e constituia vigario da dita Freguezia em virtude da qual tomou posse da sobre dita Igreja, em nome de Sua Ex.^a Revm.^a Sr. Bispo, abrindo e feixando a porta do Sacrario, observando as mais cerimoniaes do Estillo, a qual o Reverendo Padre missionario Luiz Alvares embarçou dizendo que tinha embargos que por a dita posse, porque não tinha ordem de seu Prelado para dar posse, nem menos quiz assignar. e só disse que fazia entrega; o que tudo entenderam as pessoas que se achavam presentes que abaixo vão assignadas, e para que a todo tempo constasse da referida posse, mandou o Reverendo Vigario Francisco Xavier Eleuterio fazer este termo por mim Manoel Baptista de Araujo, Escrivão commissario nomeado pelo dito Vigario, que este fiz e assignei.

Villa de Santarém 3 de Julho de 1757. —Manoel Baptista de Araujo. —O Vigario, Francisco Xavier Eleuterio. —João Baptista Mardel. —Manoel Corrêa Moncada. —José de Souza e Silva. Assignado pelo principal André, o qual por estar molestado me pediu que por elle assignasse. Manoel Baptista de Araujo. O Capitão-mór Paulo. Uma cruz do Capitão Domingos. Uma cruz do Capitão Jacob. Uma cruz do Capitão Felipe. Cruz do Ajudante Damião. —Ignacio de Souza e Silva. —Domingos Rabello. —Estevão Lopes. —Manoel João Baptista, Custodio de Souza Guedes. —André Rodrigues de Oliveira. —José Domingos de Paiva. —José Teixeira.

depois o Bispo D. Frei João de S. José Queiroz, nomeou o 2.º Vigario em 17 de Setembro de 1760, o Padre Antonio da Silva. Em 29 de Julho de 1775 foi nomeado o 3.º Vigario Padre Dionizio da Fonseca, pelo Bispo D. Frei João Evangelista Pereira. Foi depois elevada á categoria de cidade pela resolução n.º 145 de 24 de Outubro de 1848, sendo presidente o coronel do imperial corpo de engenheiros Jeronimo Francisco Coelho. Em 28 de Julho de 1800, porém, já era tal a importancia da villa que o governador D. Francisco de Souza Coutinho, propoz para Lisbôa a criação de uma nova comarca, tendo por séde a mesma villa, com outras que deviam formar a nova jurisdicção. Hoje é cabeça de comarca, sendo classificada de 1.ª entrancia pelo Decr. n.º 687 de 26 de Julho de 1850 e de 2.ª pelo Decr. n.º 5023 de 24 de Julho de 1872. Tem dous termos, o de Santarém e o de Monte Alegre, comprehendendo 5 municipios: de Santarém, Monte Alegre, Alenquer, Villa Franca e Itaituba, com dous collegios electoraes o de Santarém e o de Monte Alegre. Feito este bosquejo, proseguirei no estudo da natureza.

Logo depois da minha chegada, no dia 17 pela manhã, comecei a fazer algumas herborisações. Seguindo pelo centro da aldêa, encontrei uma pequena capoeira e tomando um trilho que por ella passava, fui dar ao matadouro publico, que consta apenas de um cercado, ou curral com uma cobertura ao lado. O gado é morto na margem do rio. Sahindo d'ahi dei no campo, onde um pequeno igarapé forma um lago.

Ahi nas margens desse lago, vi pela primeira vez o *jará* (*Leopoldinia pulchra*), que apesar de pouco desenvolvidos, tinham alguns cachos de fructos maduros. Crescem no lago duas especies de *pontederias*, duas *utricularias* e uma *bemjaminia*; nas margens, algumas *cyperaceas*, *xyridaceas*, entre as quaes encontrei duas *mayacas*, que julgo serem novas.

Nas immediações desse lago, uma cruz indica que outr'ora ahi foi um cemiterio. Com ella ainda encontram-se sob a vegetação algumas sepulturas, cobertas de tijolos, guardando os restos dos cholericos que alli se sepultaram quando houve a epidemia de 1855. N'essa época desoladora o povo fez um voto a S. Sebastião, que começou a cumprir-se em Junho de 1872, levantando-se os alicerces de uma capella sob a protecção do mesmo Santo. Como por milagre a capella vai se erguendo graças aos esforços do seu provedor o Tenente Coronel Joaquim Rodrigues dos Santos, auxiliado pelo povo. Pouco é o dinheiro mas tão bem é elle aproveitado que a olhos vistos apparece a prova do milagre de S. Sebastião. Está sendo construida no bairro denominado *Mundo-Novo*, quasi em direcção aos fundos da Camara Municipal.

Explorei depois diariamente em todas as direcções o campo que occupa um espaço de mais de duas leguas em torno da cidade, coberto de ilhas ou capões de vegetação, nos quaes encontram-se entre as leguminosas os generos *Hecastophyllum*, *indigofera*, *cassia*, *aeschynomene*, colhendo deste ultimo algumas flôres da especie *paniculata*; *piperaceas*, varias especies do genero *Artanthe*; *malvaceas*, genero *sida*, sp, var.; *bignoniaceas*, *acanthaceas*, algumas *passifloreaceas* e *apocynaceas*, entre ellas abundando algumas trepadeiras do genero *allamanda*. No litoral que borda o campo, onde se encontra o *astrocaryum jauary* crescem sobre as *gramineas* diversas *convolvulaceas* do genero *Ipomœa* (*Pharbitis*), de flôres roxas, brancas e amarellas. Tres especies de *clitoria*, de flôres brancas, roxas, e brancas e roxas, abundam por entre os arbustos.

Quér nos capões, quér no campo, abunda o *anacardium occidentale*, encontrando-se sobre seus galhos duas especies de *Loranthaceas* do genero *psittacanthus*, que estão agora em plena florescencia. Uma tem as flôres vermelhas,

outra amarello-avermelhada. Varias rosaceas do genero *hirtella* e *myrtaceas* formam alguns capões, na parte sombria, dos quaes encontram-se *melastomaceas*. Nestas familias, muitas especies são madeiras de lei, e todas com propriedades para os diversos misteres da arte. Em um dos montes, formados pela ondulação do terreno, encontrei alguns geodos arenosos, na encosta do lado do N.

Na parte baixa e humida de algumas matas extensas, que formam as maiores ilhas do campo, a vegetação é forte altaneira, serrada e mais variada. Predomina sempre ahi, nos claros deixados pelas arvores a palmeira *curudá* (*attalea spectabilis*) encontrando-se tambem o *cyagrus cocoïdes*, o *astrocaryum acaule*, e *œnocarpus bacaba*. N'uma destas matas vi soberbos pés de inajá (*maximiliana regia*) com espiques de mais de cem pés de altura. Trepam pela vegetação algumas jacitaras (*desmoncus*); entre as especies que encontrei duas são novas, uma tem 0,^m045 de diametro. Denominei-as *D. atuxacanthus* e *D. oligocanthus*. Alguns igarapés que cortam aqui ou alli o terreno arenoso do campo apresentam em suas margens as *aroides* e a *mauritia aculeata*. Quanto á orchideas, só se encontram nas arvores dos campos e sobre os jarás alguns *monachanthus viridis*, e nas matas algumas *gongoras*. Casos de *heteranthia* tenho observado bem distinctos no *monachanthus*, apresentando no mesmo pseudobulbo tres generos diversos: tem em cada haste floral o *monachanthus*, o *catasetum* e o *myanthus* ou na mesma haste flôres de um e outro genero. No *monachanthus* é sempre a pollinia rudimental, emquanto que o *catasetum* apresenta-se ella sempre bem caracterisada, com o caudiculo e retinaculo. Pela sensibilidade do cume da anthera e das duas antenas que ornam a base do gynostomo, e pela força da ejaculação das pollinias, o *catasetum* sempre que chega a anthese, perde-as, ou pela força propria de ejaculação ou pela introduccão de insectos no labello em busca do nectario; entretanto o

monachanthus, ainda mesmo depois de secco e fecundado ou desenvolvido o fructo, conserva a sua anthera presa do clinandro.

Apezar de differentes na fórma dos verticillos externos da flôr, e nos órgãos reproductores, apresentam-se ambos dando sementes. Munidos de cavidades stigmaticas, se bem que o funiculo do gynostomo seja mais desenvolvido no *monachanthus*, ambos fecundam-se e frutificam-se, não podendo concordar por isso com a opinião de *Charles Darwin*, que considera o *monachanthus* como a femea do *catasetum*. Que se não deva formar dous generos como *Lindley* estabeleceu concordo, attenta a circumstancias da heteranthia, já observada tambem por *Hooker*.

Mas, que só frutifique o *monachanthus* como *R. Schomburgk* affirma, tambem não concordo, porque tenho observado na mesma haste ambas as flôres fecundadas o que é facil de ver-se por serem as flôres persistentes.

Notei no Rio de Janeiro a mudança do *monachanthus* para o genero *myanthus* (como tambem observou o sabio *Dr. C. A. Serrão*) e *catasetum*, e nas observações que aqui tenho feito tenho notado que o *catasetum tritentatum*, com a sua synonymia, não póde ser considerado senão um *monachanthus*, ou então, com *Reichembach* filho, acabar-se este genero e conservar-se o de *catasetum* com a sua heteranthia (*monachanthus myanthus* e *catasetum*).

II

BAIXO TAPAJÓS.

Não só com o fim de conhecer a vegetação, mas aprofundar também minhas indagações, sobre os usos e costumes dos extinctos indios Tapajós, tratei de explorar também a parte da serra do Piquiatuba, (1) denominada *Taperinha*. Para esse fim acompanhado do Exm. Sr. Dr. Antonio Joaquim Gomes do Amaral, em uma grande igarité, convenientemente preparada, dirigi-me para esse ponto.

Fallando pela primeira vez n'este bom amigo, cumpre aqui render um publico testemunho de reconhecimento e gratidão, pelos auxilios que desse distincto cavalheiro e amigo recebi; já facilitando-me meios de conducção ou providenciando para que nada me faltasse na ardua tarefa que desempenho. Em um lugar onde tudo são difficuldades, muitas foram aplainadas pela sua influencia e relações de amizade.

(1) *Piquiá*, madeira d'esse nome, e *tyba*, muito, bastante.

Deixando o porto de Santarém, no dia 5 de Junho pelas 2 horas da tarde, demandei a embocadura do Tapajós. Ainda avistava a mais de quinhentas braças, a linha divisória entre as aguas azuladas d'este e as pardacentas do Amazonas quando notei outra vez, as porções d'aguas do Amazonas destacadas nas do Tapajós, ora á superficie, ora no fundo formando grandes malhas barrentas que se não confundem. A' medida que me aproximava do grande rio, maiores e mais unidas eram ellas, até que finalmente desembocando no Amazonas, seguindo ainda por longo espaço destacadas, sensivelmente chegaram a confundirem-se. Depois de uma curta travessia pela margem, onde a correnteza ainda formava grande marulho, deixei o Amazonas e penetrei pelo furo *Ituquy*. Antes de entrar n'este, pouco abaixo da confluencia do Mahicá, parei para examinar alguns *astrocaryum jauarys* e um igapó que fica junto á margem. Encontrei algumas *utricularias*, muito desenvolvidas, das quaes colhi algumas com fructos, não podendo infelizmente colhel-as em flor, porque abertas as flores ao alvorecer, apenas se aproxima o meio do dia ellas deixam a sua haste e vem matizar a agua. A poucos passos d'ahi, uma scena propria da natureza do equador chamou minha attenção. Presa á um grande tronco, cahido n'agua, uma pequena montaria balouçava-se á sombra de um frondoso ingazeiro e a poucos passos, na parte mais sombria da mata, atada a duas arvores uma alva rede encobria o corpo de uma tapuya, que ahi gozava a natureza, enquanto o seu pirarucú assava-se n'um braseiro que lhe ficava proximo. Poetico era o lugar, serena a tarde, que gozava em plena liberdade a filha do filho das selvas. Vulgar é esta scena, para quem viaja o valle do Amazonas.

O furo *Ituquy*, une o rio *Ayayá* ao Amazonas. Tem ambas as margens cobertas de canarana, que borda a baixa floresta que corre parallela as mesmas. Ahi abundam as garças, que de distancia em distancia, destacam-se do verde

da canarãna, pela sua roupagem. Um facto, nota-se n'estas aves; ellas, tinguijam tambem o peixe. Formado um bando, levantam um vôo baixo por sobre a superficie das aguas e vão lançando n'ellas uma materia leitosa excrementicia, que embebeda o peixe fazendo-o subir á tona d'agua. Voltando depois o bando, aproveita então a presa facil que assim preparou. Os pescadores aproveitam-se d'essa occasião para apanhar tambem o peixe.

Já noite deixei o Ituquy e penetrei por um estreito canal artificial denominado *Cavado*, mas que pela enchente estava completamente debaixo d'agua; formando com o campo alagado, pelo qual atravessa, um immenso lago coberto de vegetação. Depois de algumas horas de viagem, vi-me perdido, porque a luz que nos guiava era a das estrellas, no meio da escuridão. Ora encalhando, ora recuando, assim como que as apalpadellas, depois de algum tempo de demora encontrei novamente o canal por onde segui. Durante esta travessia vagarosa, porque levava a igarité então tocada a varas, uma musica horrorosa fazia-se ouvir em torno de nós e como que nos acompanhava. Cantores de todas as vozes e de todas as idades, pareciam esmerar-se em mostrar o som rouquenho de suas enormes guellas. Alguns nas bordas mesmo da igarité animavam-se a deixar se ver e ouvir. Compunha-se essa gigantesca musica, de jacarés de todos os tamanhos. Para assanhal-os, um dos *apuicuitdras* (1) arremedava-os; então como que as aguas animavam-se, ouvia-se o barulho d'agua batida pelas caudas e um ruído infernal atroava os ares, com o ronco de todos a um tempo. No meio d'estes perigos, aprazia-me comtudo em os mandar arremedar, para apreciar a revolução que havia no espaço alagado. O jacaré (*alligator*) é o saurio mais temivel que infesta os lagos e rios do Amazonas. Attinge quasi que o tamanho dos crocodilos do Nilo (*crocodilus*) e do caimam

(1) Remeiro.

da America do Norte (gaviale), chegando a ter 20 palmos; torna-se respeitado principalmente pela enchente ou pela vazante dos lagos, onde em montes sobrepostos uns aos outros (como dá-se no lago grande de Villa-Franca), assim como que amortecidos esperam pela presa sobre a qual se lançam logo que a têm a seu alcance. Temiveis em terra, perseguidores á tona d'agua, são comtudo inoffensíveis debaixo da mesma. Preso na rede quando os pescadores tiram seus lances, só se deixa conhecer pelo peso; porque torna-se então immovel, para ficar furioso apenas se vê na areia, sendo os seus movimentos para os lados comtudo vagarosos, por causa da pouca mobilidade das vertebrae salientes do pescoço. N'agua, para melhor enganar a sua presa, esconde-se todo deixando só de fóra os olhos, cujas orbitas ficam mais elevadas do que o resto da cabeça. São vorazes e alimentam-se de aves paludosas e ribeirinhas, de peixes e de qualquer quadrupede, não desprezando a carne humana, quando lhe é facil a presa. Tem comtudo um inimigo ao qual não resiste e pelo contrario entrega-se como que magnetizado. Esse inimigo é a onça (*Felis sp. var.*) que se apraz, antes de começar a devoral-o, fazer-lhe negaças, como que mostrando o pouco caso que faz dos seus dentes e da sua forçosa e dentada cauda por onde começa a comel-o.

Tres especies se encontram nos rios e lagos, o *jacaré-açu*, (*A. sclerops*) o *curúá*, sp. nob. e o *jacaré-tinga* (*A. palpebrosus*). que é muito menor, mais claro, não offende o homem, e serve para o seu alimento, apezar de ter a sua carne um certo almiscar. Ambos põem ovos em ninhos nas margens dos rios, que o sol choca, ficando a mãe a vigial-os. Nesta época ficam mais ferozes. Os ovos são oblongos-alongados, asperos, duros, e maiores que os de uma perua; não tendo os pequenos logo que sahem destes mais do que quatro pollegadas, mostrando-se desde logo atrevidos, chegando a morderem as caudas uns dos outros. Além dos jacarés nada

mais se podia apreciar pela escuridão da noite, a não ser innumerous pyrilampos que cobriam a vegetação que sahia fóra d'agua. Não pertenciam estes á ordem dos *coleopteros*, gen. *lampyres* mas eram umas pequenas larvas de 0,^m02 de comprimento, pouco mais ou menos, que immoveis se conservavam sobre as folhas, com um pequeno luzeiro continuo, na parte inferior da extremidade opposta á cabeça. Era tal o numero e tão forte o luzeiro, que dava uma luz fusca que deixava ver os objectos.

Depois de ter atravessado o *Cavado* penetrei no rio Ayayá, onde está situado o engenho do Exm. Sr. Barão de Santarém. Depois de algumas horas de viagem por este rio, cheguei ao referido engenho, pelas 2 horas da madrugada. Quér pela sua posição, quér pela boa direcção do estabelecimento, assim como pelas suas solidas e espaçosas accomodações, é o primeiro do municipio. A grande casa de vivenda, de telha, é inteiramente separada do engenho, que lhe fica quasi fronteiro e que é todo igualmente de telha. Com machinas proprias para o fabrico do assucar e aguardente, movidas pelas aguas de um açude, que são trazidas por um longo canal artificial, pelo qual navega uma montaria, fabrica annualmente avultada quantidade desses generos, que são vendidos no mercado de Santarém ou exportados. Além dos productos proprios do engenho, fabrica tambem excellentes vinhos de laranja, cacáo, canna, cajú, etc. que nada deixam a desejar. Cultiva tambem o milho, o arroz, o feijão, o fumo, a mandioca, o cacáo, etc. Dirigido pelo intelligente Norte-Americano Rhome e socio do mesmo Barão, o estabelecimento está n'um estado prospero e parece que muitos melhoramentos tem de soffrer, pela activa administração do mesmo Rhome. Assentado na margem do rio, na raiz da serra da Taperinha que se acha logo ahi, tem todas as suas plantações no cume da serra, d'onde desce uma grande calha de madeira, em fórmula de meia ferradura, que termina proximo á casa do engenho, por onde é

conduzida a canna que tem de ser moida. Tem aproximadamente 400 pés de altura esta calha.

No mesmo dia da minha chegada, depois de percorrer o estabelecimento e suas dependencias, tomando uma montaria, segui pelo referido canal, que de certa distancia em diante passa por baixo da mata, e fui ao lago que dá origem ao mesmo canal. Está situado esse lago no meio da floresta que o rodeiá, espraiando suas aguas por baixo della, e é coberto quasi que litteralmente por *nympheaceas* e *cabombaceas*. Ahi encontrei um unico pé de uma *utricularia* de flores côr de rosa. As margens estão cobertas de assahyzeiros e caranês. De volta notei que o canal estava aberto por meio do que chamam *mina de cernamby*, (1) e de que já estava informado. Aproveitando-me da occasião fui examinal-a. Depois de percorrer toda a superficie occupada pela mina, que está coberta de uma camada de terra vegetal, onde já cresce vigorosa vegetação, deixando em alguns lugares transparecer a mesma, pude, estudando a natureza e disposição do terreno, conhecer que affecta a fôrma mais ou menos regular e pronunciada de um cone, cuja base abrange um espaço de mais de vinte braças de diametro. Notei que além desta, havia mais outras muito menores. A primeira impressão que causou-me um córte de mais de duas braças de profundidade, feito pouco a cima da base do referido cone, foi que essa immensa quantidade de conchas ahi reunidas em camadas, certificava-me a passagem de aguas em tempos immemoriaes que ahi formaram esse deposito, mas examinando as conchas notei serem modernas, e ainda com representantes nas aguas do Amazonas e Tapajós. Geologicamente fallando, quanto a mim, esse deposito só attesta o deslocamento das aguas do Amazonas, e a sua proximidade ás serras que hoje correm serpenteando

(1) Cornamby, é o nome que vulgarmente dão aos molluscos da classe *conchifera*.

o curso do Tapajós, e não um deposito feito por ellas. Examinando a parte excavada e fazendo outras excavações, reunindo as circumstancias que me vieram ao conhecimento e encontrei, pude chegar a uma conclusão, que se não é verdadeira, ao menos satisfaz-me e julgo não ser erronea. Creio que esse deposito foi feito pelos antigos selvicolas, servindo tambem de sepultura aos seus cadaveres, como passo a provar.

Entre as innumeradas conchas que formam esse deposito, só quatro ou cinco especies pude distinguir predominando uma especie dos generos *Castalia*, *Unio* e *Hyarea*, que são oleraceas. Entre as mesmas, formando os stractus, encontrei alguns fragmentos de louça de barro, alguns com signaes de fuligem, assim como pequenos fragmentos de ossos de peixe-boi, e de diorito, da mesma qualidade do dos machados encontrados por mim nas serras das circumvizinhanças. Se fosse um deposito, feito por correntes d'aguas, geologicamente fallando, grande seria o numero de generos e especies de molluscos que ahi se encontrariam, porque grande é o seu numero nas aguas amazonicas, e não seriam transportados os generos mencionados, todos proprios á alimentação. Os fragmentos de louça, provam que não houve deposito feito pelas aguas, pelas circumstancias, não só da sua existencia ahi, sem mostras de ter sido rolados, como a ausencia de outro qualquer corpo ou seixo rolado, assim como a identidade na comparação feita com outros fragmentos encontrados na serra que fica sobranceira. Os fragmentos de diorito, é outra circumstancia que dá ao meu espirito a convicção de que fosse obra dos gentios. Duas outras circumstancias, acabaram depois de convencer-me: o encontro de alguns craneos de indios, quando se cavou o canal, nas proximidades da mesma mina, e um caminho que actualmente ainda existe, do cume da serra á baixa, onde estão as conchas, formado por excavação dentro da mata; caminho que servia de estrada

para os gentios que habitavam a serra. Finalmente, a figura que representa a referida mina, é a de ter sido formada pelos homens e não por agentes da natureza. Se em vez de uma figura conica, que geralmente apresenta os depositos feitos pelo homem, fosse um plano horizontal, talvez trouxesse alguma duvida, mas tal qual hoje existe convence-me que foi feitura de indios o dito deposito, que hoje tem o nome de mina, porque dahi, como de uma mina calcarea extrahe o seu proprietario o material com que fabrica excellente cal. Uma objecção apparece, onde foram os indios buscar tantas conchas ? Para que queriam as mesmas ? Como puderam fazer esse monte que mede algumas cinco braças de profundidade ? Julgo responder assim : Como disse os generos *Castalia* e *Unio* que mais abundam são alimenticios, naturalmente fariam esses molluscos parte da alimentação dos gentios, que muito perto se encontravam nas aguas do Amazonas, que então tinha o seu leito nas proximidades e fizeram ahi nesse lugar um deposito, não só para os restos das que comiam, como para aquellas que apodreciam, servindo depois para nelle enterrar-se os mortos. (1) A quantidade não admira, porque grande população, em largos annos poderia fazer ainda maior deposito do que existe.

A verdade é que esses molluscos dão mais luz á ethnographia do que á geologia, foi a opinião que formei depois de alguns dias de investigações e estudos. Mostrando um dos usos da extincta tribu que outr'ora habitava estas regiões, mostra tambem esse deposito de conchas, que havia facilidade no encontro dos molluscos, nas aguas Amazoni-

(1) Estas *ostreiras* se encontravam tambem em Santos, Cananéa, Iguape, etc. Madre de Deus, nas suas *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*; diz: « Pois que se algum indio morria no tempo da pescaria, servia de cemiterio a ostreira, na qual depositavam o cadaver e depois o cobriam com concha.

cas, que então pelo Ayayá passavam, banhando um terreno, que calculo estar cincoenta pés acima do actual nivel do Amazonas, então desobstruido das ilhas baixas e de terras de alluvião, que hoje separam estes das fraldas da serra. O que chamam rio Ayayá, não é mais do que a reunião das aguas dos Igarapés: Urumary, Mahycá, Mararu, Diamantino, Tiningú e Igarapé-açú, que juntos formam um desaguadouro no Amazonas, do qual é separado por ilhas de modernas formações, de que acabo de fallar. Naturalmente sendo pescadora a tribu ahi existente então, a Tapajós, (o que se deprehende pela formação do monte de conchas e por alguns fragmentos das mesmas que encontrei no alto da serra,) e habitando esta o mesmo alto, prova que esse lugar procuravam para evitar os pantanos, que haviam de existir nas actuaes terras firmes baixas, e as enchentes haviam de lavar as mesmas, ficando esse deposito conchifero na praia; porque pequena é a distancia que o separa da aba da serra, estando actualmente em terra firme, distante das aguas do Ayayá.

Para ter sido levantamento de terreno em que houvesse deposito d'agua nesse lugar, é um absurdo, por não serem as conchas fosseis, e não ter havido revolução geologica moderna que pudesse trazer alguma duvida á questão.

E' verdade que revoluções contemporaneas do homem moderno têm havido, que têm levantado terrenos acima das aguas, formando depositos conchiferos, alguns ficando até em cima das montanhas, como se encontrou na Europa—na Sardenha, Sicilia, e nos antigos Estados pontificios, porém nunca n'elles foram achados ossos humanos. A presença dos fragmentos das rochas com que foram fabricados os machados, que se encontram na serra, assim como n'ella tambem uma ou outra concha soterrada, tanto quanto estão as do deposito mostram, que o lugar era habitado e que de cima da montanha traziam os fragmentos de machados para baixo e d'ahi levavam as conchas para cima.

A louça contemporanea da da serra é mais uma prova que confirma a minha opinião.

Julgo ter esclarecido a existencia d'essa chamada mina, porém espiritos mais esclarecidos e competentes que julguem e decidam, porque quanto a mim, a apparição em um pequeno local de um deposito constituido exclusivamente de molluscos, não prova formação de camadas feitas por phenomenos geologicos, não havendo outros vestigios em parte alguma d'elles.

Pondo de parte este assumpto, continúo a minha excursão.

Depois de chegar á casa e ter convenientemente acondicionado algumas amostras dos molluscos que acima fallei, que pude colher perfeitos, e uma porção dos que compõem quasi a totalidade da mina, isto é, dos já estragados, metti-me em uma pequena montaria e fui examinar o *igapó* que cobre a baixa das terras na frente do engenho. A vegetação aquatica ahi, é a mesma que encontrei nos lagos de Santarém. Compõe-se de duas especies de *pontederias* uma de folhas largas e outra de folhas estreitas: sendo a primeira conhecida no Rio de Janeiro, de uma especie de *utricularia* de flores amarellas, de varias *nympheaceas*, entre ellas uma especie, que estava então em flor e que julgo ser a *nymphaea alba*. Borda esse *igapó*, assim como quasi toda a margem do Ayayá, a canarãna, que é uma *graminea*, que cresce quasi sobre a agua nos lugares baixos, onde as raizes possam tocar o solo, e que substitue o capim d'Angola, do sul.

D'esta canarãna é que são formadas quasi todas as ilhas que matizam o Amazonas. Assemelha-se á canna crioula, quando nova, e d'ahi o nome de cana-rãna, ou canna falsa. Serve de abrigo a diversos passaros aquaticos, que nella procuram occultar-se do caçador ou mesmo ahi acham o seu alimento, como a piassoca (*parra jacana*), o jaburú moleque, (*mycteria americana*), as garças, (*ardea*) etc.

que em alguns lugares apparecem com frequencia e mesmo aos bandos, como a piassoca e a garça. Duas especies de maritim pescador, (*alcedo*) tenho encontrado nas margens dos rios, uma grande e outra pequena, dando-se aqui a ambas o nome de ariramba. Decahia então a tarde quando voltei, tendo então occasião de ver e ouvir o grasnar, como que latido, de algumas cauintahús, (1) (*palamedea cornuta*) que estavam sobre igapó. Despertas pelo ruido das aguas, batidas pelos remos, levantaram ligeiras o vôo, não me dando tempo de atiral-as.

Dizem os indios que quando o caintaú ou cauintahu está bebendo agua, nenhuma outra ave, desce a beber, sem que elle tenha primeiramente acabado. A crista cornea que tem perto do bico, segundo a opinião geral tem certas virtudes : preserva de ataques de estupor e cura-os, é antidoto para o veneno de cobra, etc. Sustenta-se de hervas principalmente do grelo da *aninga*.

No dia seguinte pelas 6 horas da manhã tomando um animal, subi ao cume da serra, para examinar a floresta. D'ahi goza-se um soberbo panorama, vendo-se até perder-se nas nuvens do horizonte, innumerous igarapés que correm pelas terras baixas, distinguindo-se bem o Tapajós, assoberbado tudo pelo volume do Amazonas ; apresentando o aspecto geral, de um mar coberto de ilhas e peninsulas de verdejante vegetação. Depois de por algum tempo, gozar as delicias de uma das brilhantes paginas da natureza do Equador, segui, tendo á minha esquerda um grande ca-coal, onde ouvia-se cantar o japú, (*cassicus cristatus*), e á minha direita um immenso canavial, occupando ambos a chapada da serra ou a terra preta, chamada. Geralmente observei, que as chapadas das serras, são dotadas de uma

(1) *Ainhuma* da provincia do Mato Grosso, *unicorne* na do Espirito Santo e outras.

forte camada de *humus* que toma uma côr ennegrecida, e que é favoravel a toda e especie de cultura ; por essa razão penso, os antigos habitantes das florestas, os Tupayus, procuravam de preferencia essas paragens como pude averiguar pelos vestigios que delles tenho encontrado. D'esta serra, (Taperinha) foram me communicados alguns fragmentos de machados, pelo Sr. Rhome, entre elles um diferente dos que até então encontrára, que pelo mesmo Sr. foram achados quando passou-se o arado nas terras. Feito da mesma rocha, dos que já tive occasião de descrever, apresentando quasi o mesmo feitio, afasta-se, porém, na maneira por que são feitos os encaixes, por onde deviam passar as prisões que o uniam ao cabo.

Apeando-me, á entrada da mata, fui puxando o animal por entre ella, para melhor observar e colletar. Pouco depois de deixar o lugar cultivado, comecei insensivelmente a descer, á sombra de um immenso docel de verdura, que a centenares de pés ficava acima de minha cabeça. Tinha por companheiro o bom amigo Dr. Amaral e alguns tapuyos, que nos serviam de guia. Logo que comecei a caminhar deparei com um grande pé de *inajá*, que media mais de cem pés, pelo calculo que fizemos, medindo um outro que jazia por terra já secco, derrubado pelo vento, e que tinha iguaes dimensões. Descendo, entrei n'um valle humido, coberto igualmente por fechada floresta, mas cuja vegetação não attingia ás proporções, da da vertente da serra e era então mais entrelaçada de sipós. Ahi encontrei muitos exemplares de *griffinia* e uma *musacea* cujas flores senti não poder aproveitar por estarem estragadas, não só pelo tempo como pelos insectos. Abunda ahi a caça grande, tanto que por mais de uma vez tivemos de ouvir o correr da anta e encontrarmos as suas pegadas ainda frescas.

Abundando em caça, é tambem infestada pelas onças que com a nossa aproximação fugiam dando d'isso provas

os vestígios frescos que a cada passo encontravamos. O macaco de prego (*cebus cirrhifer?*) ahi é tambem vulgar, porque por mais de uma vez encontrei alguns bandos. Sendo já tarde comecei a subir, voltando pelo mesmo caminho. Compondo-se a floresta de uma grande variedade de madeiras reaes, proprias para construcção e marcenaria, que seria enfadonho enumeral-as, basta só dizer, que tive occasião de medir uma itauba (*acrodiclidium*) que na altura de um homem apresentava um diametro de onze palmos, com uma altura correspondente. Pobre mostravam-se-me os galhos d'esses madeiros em orchideas, pois que nem uma só encontrei; assim como em palmeiras que só quatro especies achei, o *inajá* que abunda, a *mumbaca* (*astrocaryum*), um ou outro (raro) *jatá* (*cyagrus*) e alguns *maraja-y* (*bactris*) que estavam então com fructos, entre elles um novo que denominei *B. monticola*.

No dia seguinte, deixei o Engenho da Taperinha e fui visitar um outro sitio, notando que abunda na margem em que está assentado o mesmó engenho, uma verbeneacea, a *vitex tarumã*. Deixando o Engenho, vem a proposito patentear os bons serviços que como amigo me tem prestado o seu Exm. proprietario, serviços, que a gratidão guarda no coração, e só patentea-os quando impellida pelo mesmo.

A mesma natureza, a mesma vegetação, quasi as mesmas scenas, notei durante dous dias de excursões que fiz pelos lugares que depois percorri, antes de voltar para Santarém, onde cheguei no dia 10.

Ahi tive occasião, na vespera do dia de S. João, de ver dous costumes antigos, que vão cahindo em desuso, mas que um não deixa de ser pittoresco. Um delles é o *Çairé* ou *triúa*, especie de procissão, instituida pelos jesuitas, para mais firmarem a religião ou chegarem a seus fins, em honra de S. Thomé, mas que hoje em varios lugares, é feita em honra de varios outros santos. No Ereré, por

exemplo, o padroeiro é Santo Antonio; em Santarem, porém, ainda conservam a antiga devoção. Escrevendo as minhas impressões de viagem e fazendo um estudo dos costumes da provincia, não posso deixar de dizer o que é o çairé. Como disse, procissão ou festa, é ainda hoje feita pelos tapuyos e indios, que para esse fim, preparam na aldeia uma grande coberta ou rancho de palha onde termina a festa. Dão a esse rancho o nome de *ramada*, porque antigamente era com effeito, uma ramada que preparavam. Feito tambem com antecedencia o *tarubá*, bebida espirituosa preparada com beijús de mandioca ralada, no dia proprio sahe o çairé em procissão acompanhado por grande numero de mulheres, por ser festa privativa dellas. O çairé é um semicirculo de madeira de 5 a 6 palmos de diametro, contendo dentro dous outros menores, collocados um a par de outro sobre o diametro do grande; cada um d'elles com um raio perpendicular ao mesmo diametro, rematando por uma cruz. Estes arcos são cobertos de algodão batido, enfeitados de fitas, espelinhos e biscoutos, sahindo da cruz que orna o cimo do arco exterior uma fita comprida. Seguram este arco tres mulheres velhas, sendo a domeio denominada mestra que são as cantoras e uma quarta segue atrás, entre as duas primeiras segurando na fita de que fallei. Ao lado segue uma outra, que póde ser moça, e leva o *tamborinho*, pequeno tambor rusticamente feito e enfeitado de fitas, assim com a vaqueta, e que é levado debaixo do braço esquerdo.

Segue na frente o çairé, precedido de uma bandeira branca com uma figura mal pintada, que representa o Santo protector, e atrás em morno silencio, grande numero de mulheres, que ouvem o canto triste e monotono das velhas, acompanhado das pancadas compassadas do tamborinho. Em seguida vão os homens, todos devotamente crentes na influencia que tem o çairé nos seus destinos, e na sua vida d'além-tumulo. Debaixo da cantiga desentoadada vão buscar

os juizes da festa, e levam-os para a igreja, assim como o vigario, que são levados depois para a ramada. Este depois de benzer a mesa, que preparam para obsequiar os convivas, retira-se acompanhado pelo mesmo çairé e pelo jantar que lhe offerecem. Segue-se depois um ceremonial entre os Juizes, procuradores, mesarios, etc. fastidioso de descrever, terminando a festa por dansas, que vão até o dia seguinte, acompanhadas de libações de tarubá e d'agua-ar-dente, que põe todos mais ou menos em um estado pouco lisongeiro. Na igreja, nas casas onde vão, ou pelas ruas, nunca cessa a cantiga, que é cadenciada pelo tamborinho e pela inclinação para frente ou para traz, que dá a fita ao çairé, movida pela mulher que segue dansando e pulando de um para outro lado. Por mais que tenha procurado a origem ou etymologia da palavra çairé, ainda não pude descobrir. Será soirée, que por corruptela chegasse a çairé? O que representa? ninguem o sabe. Parece comtudo segundo uma versão que ouvi, que é um emblema para perpetuar a lembrança do diluvio solidificando a religião. O arco, significará a arca, os espelhos, a luz que depois se fez, os biscutos, a abundancia, e o tamborinho, o ruido das aguas, em torno da arca. Será esta a origem? O que é verdade é que para o indio e o tapuyo o çairé, é um motivo para se pôrem bem com Deus, no Céu, e regalarem-se com as mulheres na terra. Esta festa tive occasião de estudal-a na vespera de S. João. Pelas 8 horas dessa noite, apresentou-se em minha casa uma multidão precedida pelo çairé, que entrando agglomeraram-se as mulheres n'um lado da sala, com o çairé á frente, e n'um tom baixo e monotono começaram a cantar. Sendo uma festa de tapuyos, todo o canto era na lingua geral, o que para mim era mais enfadonho por não comprehender ainda bem a lingua. Depois de mais de meia hora de ceremonias retiraram-se sempre na ordem que descrevi.

Notando que as mulheres que acompanhavam o çairé,

estavam com corôa de flores naturaes e algumas artificiaes, assim como que os tapuyos traziam corôas nos seus chapéos, perguntei se era aquillo proprio da mesma dansa ou procissão ; responderam-me que era um antigo uso, proprio do dia.

Com effeito, sahindo a percorrer a cidade vi que muitas moças de familias distinctas, assim como mancebos, trajavam vestidos brancos, e tinham aquellas as frontes e estes os seus chapéos de palha coroados. Uso antigo, então muito apreciado pela juventude e mocidade, que se ufanavam de saltar a fogueira assim coroados, hoje desapparece, como vão desapparecendo os usos e costumes innocentes do povo. Este costume era, e ainda é, seguido de outro em que entra uma das tantas superstições, que a noite desse dia traz ; umas doces, outras amargas ao coração, umas de esperança, e outras de realidade. E' crença entre a população que o banho tomado na madrugada do dia de S. João cura e evita as molestias, pelo que quasi todos armados de braçados de plantas aromaticas, como a periperioca, o trevo e a pataqueira, antes de alvorecer se dirigem para a margem do rio e apenas desponta o dia lançam-se n'agua. A praia fica coberta de individuos de ambos os sexos, e de todas as idades e cores, que levados pela fé, assim terminam o festejo do Santo.

No dia 29 de Junho, pelas 4 horas da madrugada, tomando o vapor *Inca*, deixei o porto de Santarém, e subi o Tapajós. Este que se lança no Amazonas como vimos, por uma foz estreita, passando a cidade de Santarém começa a alargar-se, formando uma ampla bacia denominada de Villa França, por ahi ficar situada na margem esquerda a villa deste nome. E' antiga aldeia de Cumarú ou dos Arapiuns, fundada pelo 5.º missionario jesuita, o padre Manoel Rabello, que com o fim de para ahi passar a aldeia dos Tapajós, não só pelas molestias que haviam, como para se ver livre da oppressão da gente da fortaleza, ahi fez um

nucleo d'estes indios, descido do rio do mesmo nome que proximo desagua. Compunha-se a aldeia de indios Arapiuns, Comandy, Goanacuás, Marxagoaras, Apuatiás, Arapucus, Andirágoares e outras. Em virtude da lei de 6 de Junho de 1755, foi pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado elevada á Villa em Março de 1758. Para o N da villa fica o extenso lago grande de Villa Franca ou das Campinas, antigo Tucumá, onde houve um grande pesqueiro régio, approvedo por provisão do Erario de 28 de Julho de 1783.

Era notavel esta villa pela industria que ahi havia de tecidos de palha, que hoje está extincta. Tem por orago a matriz Nossa Senhora da Conceição. A sua população é de 3.672 individuos, sendo 1.756 homens, e 1.916 mulheres: são nacionaes 3.665 e estrangeiros 7, que formam 552 familias.

Uma questão geographica convem aqui esclarecer, visto como erradamente alguns viajantes e escriptores têm affirmado, lançar-se o Tapajós no Amazonas por um *delta*, o que não é exacto.

O que naturalmente tomam como outra boca do mesmo rio, não é mais do que o canal de que acima fallei. Percorrendo toda a região banhada ahi pelo Tapajós e Amazonas, estudando a questão, ao passo que observava a vegetação, cheguei ao conhecimento de que por uma só boca, esta mesma bastante estreita, em relação á massa d'agua geral, que até na região das cachoeiras occupa maior extensão em largura, se lança o mesmo no Amazonas. Mais detalhadamente provarei o que adianto.

O rio Tapajós chegando em frente á Villa Franca alarga-se consideravelmente, formando como vimos a denominada bahia de Villa Franca, onde se lança o rio Arapiuns antes Uarapium, dirigindo-se do S. Passando a foz deste, estende-se uma costa paludosa, atraz da qual fica o lago do Veado, que se perde em paues não conhecidos, e se une

por um canal, denominado furo do Veado, que corre e lança-se no Arapixuna na direcção de O N O. Este rio não é mais do que um desaguadouro do lago Carariacá, que pelo furo do mesmo nome recebe as aguas do Amazonas, e vae lançar-se no Tapajós, com o nome de rio Jary, dirigindo-se a principio de N a S e depois para S O. Da foz do Jary, que recebe sempre as aguas do Amazonas, começa a costa das *Araras*, que forma quasi um triangulo equilatero, tendo por base o canal ou furo Sururú, que une o Jary á bahia das Araras.

Em continuação da grande enseada semi-circular que ahi o rio forma, encontra-se a chamada ponta dos Piriquitos e logo depois a bahia do mesmo nome, que forma uma longa península banhada a S E pelo canal impropriamente chamado Igarapé-açú, que communica o Amazonas com o Tapajós, trazendo suas aguas barrentas que correm pelo Tapajós ao longo da costa que termina na Ponta Negra, limite N da foz do mesmo Tapajós. Pelo que acabo de expôr vê-se que nenhum braço lança o Tapajós para o Amazonas, visto como não se pôde considerar braços, nem o Jary, nem o Igarapé-açú, por receberem aguas amazonicas e não levarem as do Tapajós. Considerado mesmo geographicamente, e attendendo á direcção dos dous rios e á sua grande correnteza, vê-se que naturalmente ambos estes canaes seguem o rumo S O que indicam a força da corrente levada pelo Amazonas, que leva então a de N S. Quando não houvesse a côr das aguas, á direcção geographica, não era possivel admittir-se que um rio que segue uma direcção, lançasse braços levando suas aguas para traz. A parte denominada Ponta Negra é a extremidade S da ilha quasi triangular que firma a bocca do Tapajós banhada ao O por este, ao N pelo Igarapé-açú, e a Leste pelo Amazonas que forma a base do triangulo.

Cumpria-me esclarecer este ponto, que melhor o faria, se meus conhecimentos fossem maiores, porém para fortale-

cer mais minha opinião, apresento ainda a formação de duas pequenas ilhas, na foz do mesmo Igarapé-açú. Como é sabido, o Amazonas constantemente forma e destroe ilhas no seu caminhar ; e que se não dá isso em outros rios, sobretudo no Tapajós, que pela natureza de seu terreno, não consente taes formações, pois bem, no Tapajós onde as margens são arenosas assim como o seu leito, formaram-se duas ilhas não de areia, mas de materias sedimentosas da mesma natureza das do Amazonas, que se cobriram de uma vegetação propria do grande rio, e que não existe em todo o curso do Tapajós. Formadas as ilhas de grossos madeiros, canarana, murerú, cobertas depois por camadas de sedimento, a primeira vegetação que apresenta, é logo a de uma especie de *chorão* ou *salgueiro*, a *salix Martiana*, denominada *Ayorana*, pois bem essa vegetação é que literalmente já cobre as duas ilhas do Tapajós, que assim attestam uma formação amazonica.

A propria vegetação, das margens do Igarapé-açú, é a mesma que se encontra nas aguas do rio Amazonas. As ilhas da canaranas ou *periantans*, trazidas pelas correntes, entrando pelo Igarapé-açú, formam hoje lindas campinas que orlam toda a margem do mesmo, assim como a *cecropia scabra*, que é propria das margens do grande rioahi predomina. O que é exacto é que geologicamente falando a península composta de ilhas formadas pelos igarapés ou antes canaes, e que começa no Arapiuns, outr'ora não existia, porque toda a sua formação é de sedimento, e pela vegetação attesta serem terras amazonicas. A foz do Tapajós que hoje é apenas de 4.200 metros, outr'ora tinha mais do triplo e devia ficar pouco abaixo do rio Arapiuns. Quando não se examinasse o terreno, basta a differença palpitante da vegetação para provar a minha asserção. Estudando-se a flora do Amazonas, e a do Tapajós, nota-se a differença. A fauna mesmo parece querer justificar a minha opinião, porquanto, no Igarapé-açú encon-

tram-se aves, que não se encontram no Tapajós e sim no Amazonas, como o *carará*, plotus anhinga, os *arapapds*, *canchromacochlearia* e os *mergulhões*, *colymbus*.

Raiava o dia quando passavamos a ponta do Cururu, lugar onde torna-se a estreitar o rio a que um elevado monte de fôrma conica, para quem começa a subir o rio, dá um aspecto bonito á entrada da enseada onde está plantada a villa de Alter do Chão, que confusamente se avista de bordo, na margem oriental. Esta povoação está em completa decadencia ; reina a miseria e ás vezes mesmo a fome. Consta de quarenta casas de palha. Tem uma escolla publica frequentada por 28 alumnos. Os habitantes empregam-se na pesca ou na extracção da borracha, para que abandonam os seus lares. Lavoura não existe, a não ser rocinhas de mandioca ou de bananas, para o sustento proprio, assim como não ha industria alguma ; quando, entretanto possuem terras ferteis e a proximidade da cidade e do centro commercial os convida ao trabalho.

Alter do Chão dista 4 a 5 leguas da cidade de Santarém. A igreja que é de telha, mas pobre em ornatos e alfaias está estragada. Tem a invocação de Nossa Senhora da Saude. Conta hoje uma população de 593 individuos formando 100 familias, sendo 317 homens e 297 mulheres, dos quaes são nacionaes 592.

Foi a antiga aldeia *Borary*, *ybyrayb* (1) ou Hibirabibe (2) fundada pelo 3.º missionario jesuita, o padre Antonio Pereira com indios Cayoanas e Tapaipurus. Em 1729, 10.º missionario o padre Sebastião Fusco, chamou os indios para a aldeia dos Tapajós, sendo abandonada aquella. Em 1738, porém, por ordem do vigario provincial, o padre José de Souza, passou o padre Manoel Ferreira, 12.º missionario, os indios novamente para Borary, ficando sómente

(1) Padre João Daniel, *Thesouro Descoberto no maximo Rio Amazonas*
(2) *Corographia Paraense*, de Accioli.

os Tapajós, então em numero de cerca de 400, por terem sido desimados por uma epidemia de cursos, segundo refere o mesmo Manoel Ferreira em um seu escripto.

Foi elevada á villa em 1758, porém hoje é freguezia. Nas suas terras antigamente e ainda hoje, mas é raro, encontravam-se contas de feldspath (muirakitans) pelo que muitos em vez de Borary querem que seja *Puerary*. (1) mas como é conhecida é pelo primeiro nome. Destas contas, usadas pelos Tapajós, depois fallarei. Passando a enseada, o monte que se nos afigura ser todo conico, começa a estender-se, perde a fórma de que fallei, e apresenta o cume achatado. O rio apresenta suas margens orladas de uma cadeia de montanhas, sendo porém a oriental mais accidentada e ondulada cobertas de vegetação.

Começamos a dobrar a ponta do Jaguarary ás 9 1/2 horas, onde começa uma enseada grande denominada Piquiatuba, porque ahi vem morrer a serra do mesmo nome, de que já tive occasião de fallar. Separa esta enseada, de uma outra, o igarapé Marahy, que dá seu nome a esta.

Ahi as montanhas são baixas e sem accidentes, que tornem notavel esta paragem, a não ser um grande banco de areia, que fica fronteiro a um outro de pedra, na margem opposta, na ponta chamada Suruquá, bancos estes que no tempo de secca, são cobertos apenas por 4 ou 5 palmos d'agua, deixando entretanto entre as pedras um canal que na maior vasante sempre mede 15 a 18 palmos de profundidade. Ahi o rio tem de largura cinco milhas, ficando estes dous pontos distantes de Santarém 32 milhas e de Alter do Chão, 20. A's 10 1/2 passei a ponta de S. Thomé, chegando a Boim ás 11 horas.

Boim, antiga aldeia de Santo Ignacio ou dos Tupinambás ranas, é uma povoação, plantada n'uma grande planicie areenta, composta de quarenta casas pouco mais ou menos,

(1) *Puera*, conta. *hy*, rio.

feitas de palha, tendo só cinco de telhas em um só lance. A igreja, que tem as paredes feitas de páo a pique, é coberta igualmente de palhas, está muito arruinada, e tem por patrono Santo Ignacio. Foi fundada no lago Uaicurapá no canal Ramos ou Tupinambaranas pelo padre Jesuíta Antonio da Fonseca, em 1669, com indios Tupinambás e mudada depois para o rio Anderá, onde se aggregaram os indios do mesmo nome, e ahi permaneceu até o anno de 1737, época em que foi mudada pelo padre Manoel Lopes da mesma Companhia, para o lugar que hoje occupa. Emquanto esteve no lago Uaicurapá teve por orago Santa Maria Maior e depois Santo Ignacio de Loyola. Hoje ainda a população é de indios e tapuyos, que levados pela indolencia natural, e os fallazes lucros da extracção da borracha, deixam suas terras em abandono, nada cultivam, e contentes com alguma farinha que lhes dá algumas braças de terra roçada, vivem fóra de toda a sociedade, desconhecendo os principaes deveres de um cidadão. Levados por uma pessima educação, vivem sujeitos, porque se julgam incapazes de por si se dirigirem. Amam a liberdade, mas não a comprehendem. E' habitado o districto por 103 familias, com 600 individuos, dos quaes 260 são homens e 340 mulheres, sendo 594 nacionaes. Ahi assisti, ao que denominam elles *varrição da festa*, que consiste em andar pelas ruas homens e mulheres, atrás de duas bandeiras, e de um tambor, acompanhados de *eracachá*, (1) cantando de casa em casa, no dia seguinte á festa de algum Santo. Tinham festejado S. Pedro na vespera e quando corria a povoação, encontrei-me com a *varrição*, que depois de correr algumas casas, precedidos de duas bandeiras, branca e encarnada, e de um enorme tambor, entraram em uma casa onde sobre uma tosca mesa, estava uma corôa de latão, coberta em parte por um

(1) E' um instrumento feito de um pedaço de taboca de 1½ a 2 palmos de comprimento, dentado de um lado. Toca-se com um pedaço de páo passando-se pelos dentes.

lenço de seda roxa. Collocando-se em frente á mesa, começou o individuo que levava o tambor a tocar e a cantar, ficando aos lados as duas bandeiras. Algumas mulheres ahí ficaram, mas quasi todas se retiraram deixando-o na sua devoção. Trajavam todos vestes domingueiras.

O aspecto geral da povoação é bonito, está bem situada, abrange bastante espaço, e a baixa vegetação campestre que a circunda a distingue das outras do baixo Tapajós. Dista esta freguezia 186 leguas da capital, 24 de Santarém, 13 de Pinhel e 13 de Itaituba. Acima da povoação encontram-se alguns sitios á margem do rio rodeados pela vegetação natural, sem apresentarem indicio algum de lavoura. Passando a ponta Itapuama (1) o rio alarga bastante, e apresenta as margens elevadas perpendicularmente, uns 200 pés acima do rio. Cobre as mesmas uma vegetação alta-neira, que pelas aberturas que deixa, vê-se argilla vermelha de que são compostas. Diversa é a fôrma das arvores que ahí observei, das do Alto Tapajós, sendo estas esguias e quasi sem copas, emquanto que as que cobrem as margens, na região das cachoeiras, são frondosas e de um verde mais negro. Em Itapuama, existiam outr'ora os indios Napai-purus e Curarés, que tendo se mudado para Jaguarary, foram levados depois pelo 6.º missionario o padre José de Souza, para Borary. Foram aldeiados em Itapuama pelo padre Manoel Rabello, porém, tendo sido ahí os Curarés, amarrados por um Paulo Ferreira cunhado de Manoel da Motta e levados captivos para o Pará, os restantes se mudaram. (2)

Na margem oriental, 193 leguas distante da capital, 31 acima da cidade de Santarém e a 6 á quem de Itaituba, está situada a Freguezia de Aveiros, antiga povoação fundada pelo padre Antonio Pereira, com indios Sepeparus no sitio

(1) Ita, pedra, puama, em pé.

(2) Brazil Historico, n.º 41, pag. 4.

chamado Magoary e elevada á villa em 1781, pelo Governador José de Napoles Tello de Menezes. Tendo tido como suas contemporaneas a categoria de villa foi depois rebaixada pelo estado de regresso em que estava, pela lei n.º 148 de 18 de Novembro de 1848. Com effeito hoje Aveiros é uma povoaçãozinha em abandono cercada de matos, composta de uma só rua parallela ao rio, com 30 casas tendo só duas de telhas. A matriz que tem por padroeira Nossa Senhora da Conceição, é pequena, baixa, sem torres, de telha, porém completamente estragada, tendo na frente já aberturas por onde se devassa o interior. Em 1790, floresceu, porque então era grande o commercio que tinha com os Cuyabanos, que em grandes *monções* ali aportavam. A população do districto de Aveiros é de 1.972 individuos, dos quaes 915 são do sexo masculino e 1.057 do feminino formando 306 familias. São nacionaes 1.955.

Proveito algum usufruem de suas terras e de suas matas, e a pesca que poderia ao menos prevenir a fome, é também despresada. Entregue á inacção sahe a sua população tapuya dessa inercia e semi-brutalidade em que vive, quando aproxima-se o verão, que parte então, para a vida immoral e desregrada, que os lança na miseria e locupleta a outros; seguem para os seringaes. Uma verdadeira praga afflige a população, é a formiga de fogo (*myrmica rubra*) que algumas vezes afugenta a população, porque e tal a quantidade que chega a cobrir o chão das casas e da rua.

Na margem occidental duas leguas acima desta Freguezia, a seis de Itaituba, está plantada n'uma planicie sobre uma eminencia, a extincta missão de Santa Cruz. Pittoresco é o lugar, aprazivel suas praias e excellentes florestas cobrem suas uberrimas terras. Fica-lhe fronteira a ilha do mesmo nome, que se liga por um braço de areia á ilha Grande de Aveiros, sendo a quarta, para quem sobe. Santa Cruz era uma das cinco missões dirigidas pelos Jesuitas, tendo sido estabelecida sob o governo de D. Francisco de Souza Couti-

aho em 1799 ; e sujeita a jurisdicção da ex-villa de Pinhel, que lhe fica distante rio abaixo, 3 leguas. Cahiu em decadencia e foi novamente creada em 1848, sendo nomeado o seu missionario em 8 de Novembro do mesmo anno. Hoje é uma maloca de Mundurucus semi-civilizados, que ahi vivem na ociosidade, quando não estão na extracção da borracha. Dezanove palhoças accommoda uma população de cem almas emquanto que em 1855, tinha 609 individuos, sendo 349 adultos, 165 homens, e 184 mulheres e 260 menores dos quaes 144 eram do sexo masculino, sendo só casados 99 indios. Habitava então esta população 48 palhoças.

Uma pequena capella, por assim dizer abandonada, conserva ainda a Sagrada Cruz, ahi plantada pelos padres da Companhia. Outr'ora mais populosa, com maior numero de casas tinha alguma importancia, pelo commercio que faziam os indios com a salsa, o cravo, etc. mas hoje em completo abandono, attesta mais o regresso do importante rio, que pela natureza é destinado a figurar a par dos mais ricos.

Pouco acima de Santa Cruz, na mesma margem fica a ponta Pêca-açu (1) que fórma um grande promontorio. Desagua quasi em frente a este, o rio Cupary que dizem ser abundante em borracha, e pelo qual Bates, em Agosto de 1851 subiu, e estudou a sua fauna. A ilha de Uruará ficallhe quasi fronteira. Ao anoitecer cheguei á ilha de Urucurituba, um dos lugares em que o vapor aporta. Ahi tem um portuguez alguma lavoura, com um engenho movido a animaes, para fabrico da aguardente e assucar. Commercia com os indios e tapuyos e exporta muita gomma elastica.

E' um dos pontos apraziveis e onde encontrei sobre uma *crescentia cujete*, um bonito exemplar do *epidendrum vanillosum*. Ahi pernoitando, segui viagem no dia seguinte pelas 4 horas da manhã. Atravessando a ponta que fica na margem occidental, vi ahi os restos da ex-villa deno-

(1) *Pêca*, ponta aguda ; *açu*, grande.

minada Brasilia Legal, por ter sido um ponto onde alguns cidadãos voluntariamente se armaram contra os Cabanos, em 1836. Informaram-me que ainda em 1848, haviam ahi perto de vinte palhoças, mas que hoje não tem nem um terço desse numero. Pela lei n.º 266, de 16 de Outubro de 1854, foi-lhe conferida a categoria de freguezia e de villa, mas não correspondendo ella a essa honra, foi-lhe depois tirada pela lei n.º 290 de 15 de Dezembro de 1865.

Passando esta encontrei as ilhas das Guaribas, dos Papagaios e as do Guarana sal que são em numero de quatro. Pouco acima destas ilhas, na margem oriental, ha uma ponta formada de pedras calcareas que tem o nome de Ipápixuna (1). E' bastante elevado, e algumas rochas esboroadas pela acção do tempo se amontoam sobre a praia. Tres qualidades de rochas ahi se apresentam dando cal, de differentes qualidades. Destas rochas é que se fabrica a cal em Santarém, que tem grande consumo em todo o Amazonas.

Na enseada formada pela ponta da Brasilia Legal, uma legua acima da ex-missão de Santa Cruz, e a 34 de Santarém, fica uma outra povoação, formada de Indios e tapuyos, que foi outr'ora uma outra missão, creada no mesmo anno. Fica assentada na margem esquerda do rio Cury, que ahi desagua, se compõe de um pequeno numero de palhoças, das quaes algumas estão abandonadas. O lugar das orações é uma pequena capella de palha, onde se venera, como em Santa Cruz, o lenho do Salvador. Não ha ahi lavoura ou industria, entregues á indolencia professam esses indios uma moral que muito pouco abona a educação que foi legada pelos primeiros que commerciarão no Tapajós. Inda populosa, não ha muitos annos, pois tinha pela revolução que enlutou a provincia, mais de 1.000 almas,

(1) *Corruptella de itá*, pedra e *pixuna*, preta.

hoje só conta algumas familias, que por amor ao lugar ou por outra qualquer circumstancia, não têm deixado o lar, pelos lucros fallazes do seringal. Em 1858 ainda contava uma população de 282 individuos, sendo adultos 166, dos quaes 86 eram homens e 116 menores, destes 64 eram do sexo masculino. Habitavam 14 fogos.

Em frente á ponta do Ipa-pixuna, ficam as Barreirinhas, onde existe um canal entre as mesmas e uns escolhos, formados por um banco de areia e rochas. Deste ponto para cima começam a ser mais proximas as ilhas. Acima da ilha das Barreirinhas, vê-se na margem occidental em terra firme algumas habitações.

Passando a ilha das Pederneiras, nome que tem de muito *silex* que se encontra formando grandes rochas, contorna-se a ilha de Camarury, pelo braço oriental do rio, onde fica pouco acima, a povoação de Mundurucus Uixituba, antiga missão, dirigida pelo Capuchinho Frei Egydio de Garezio, em 1849, que missionava tambem Cury e Santa Cruz, sob o nome de missão do Tapajós. Dista do Cury uma legua, e quasi duas de Itaituba e 35 de Santarém. A causa da extincção d'esses fócios de civilização, encarrega-se de dizer o finado general Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, quando destas missões trata no seu Relatorio apresentado em 1849, a pag. 82. Diz elle : « Em geral os indios destas tres aldeias, em suas reuniões festivaes entregão-se a excessos de embriaguez, e neste estado tornão-se momentaneamente iusubordinados. Tambem pessoas estranhas vão frequentemente ás aldeias plantar a desmoralização, seduzir e lezar os indios. Grande parte delles de ambos os sexos se acha fóra, a titulo de aggregados em serviço de particulares, que com elles tem sempre abertas contas leoninas, dando-lhes retalhos de más fazendas pelo quadruplo do que valem, e ao mesmo tempo taxando-lhes os serviços em diminutos valores, de modo que é sempre o indio quem deve ; e por este titulo de credores pertendem desconhecer

a competencia do missionario sobre os indios, e recusam entregal-os, o que são outras tantas causas de contrariedade para o augmento, tranquillidade, e bôa ordem dos aldeamentos.

Cumpre advertir, que esta mesma desmoralisação, seducções e traficancias se praticam não só nestas aldeias, mas em todos os pontos da provincia, onde ha indios ou aldêados, ou em suas malocas, e os principaes corruptores dos indigenas são essas esquadrilhas de canoas de regatões, mascates, ou quitandeiros dos rios, que os cruzam, e penetram por todas as partes, incutindo falsas idéas no animo dos indios, illudindo-se com embustes, suscitando-lhes mãos conselhos para os afastar da obediencia, aldeamento regular, apresentando-se como seus amigos, porém com ardiloso e perverso disignio de conservarem o exclusivo monopolio de suas relações commerciaes, a fim de os poderem lezar á vontade e impunemente, visto que os indios não tem claro conhecimento dos valores dos generos, que permutam.»

As especulações commerciaes e a descoberta dos seringaes neste rio fizeram com que essas missões de então para cá desapparecessem; quando ainda em 1855 prosperavam e tinham 1.503 indios apezar da epidemia que as dizimou. Começou a decadencia em 1858.

Passando a povoação, uns escolhos que da mesma margem se dirigem para o rio, difficultam a navegação porque um grande banco ou ilha de areia lhe fica quasi fronteiro, deixando um canal por onde embarcações de maior calado passam.

Em frente a esta ilha ou banco, fica a villa de Itaituba, ponto que destinei para centro de minhas excursões, e onde cheguei pelas 10 1/2 horas da manhã do dia 1.º de Julho. Até esse ponto conta-se mais de 16 ilhas, sendo as principaes as que citei e a do Capitary, que fica em frente á Freguezia de Pinhel.

Não me sendo possível ir a esta freguezia, comtudo tomei algumas informações que não posso deixar de dal-as, na rapida descripção que faço do Rio Tapajós. Distante de Santarém 30 leguas, e uma de Aveiros, está edificada na margem opposta a esta a freguezia de Pinhel, antiga aldeia de S. José de Matapus, fundada pelo padre Jesuita José da Gama em 1722, que então missionava Arapiuns. Foi elevada a villa em 1758, porém pela Res. n.º 233 de 21 de Dezembro de 1853 foi-lhe tirada essa categoria, em vista do atrazo e da decadencia em que estava. Compõe-se de 35 casas de palha, quasi todas tapuyas.

A igreja tem por orago S. José. Está em decadencia como todas as povoações do Tapajós; decadencia que se não póde attribuir, senão á extracção da borracha, porque antes da população entregar-se a ella, todos esses lugares floresceram, eram mais populosos e havia mais industria e lavoura.

Trinta e sete leguas, acima da cidade de Santarém, e cento e noventa e nove da capital, na margem occidental do Tapajós, a 4º 19' 25" 4 ct. S e 12º 2' 10' Long. Occ. do meridiano do Rio de Janeiro, está edificada a Villa de Itaituba. (1) Tendo por origem o estacionamento de forças legaes pela revolução de 1835, que chamou muitos individuos e animou o lugar, a actual villa que então tinha poucos moradores foi se desenvolvendo, tornando-se o ponto commercial mais importante do Tapajós. Esta importancia levou o presidente da Provincia que então era o Tenente Coronel do Corpo de Engenheiros (2) Henrique de Beaurepaire Rohan, a transferir pela Lei n.º 290 de 15 de Dezembro de 1856, a categoria de freguezia e de villa,

(1) *Itá*—pedra, *i*, pequena, *tuba* por *tyba*—bastante—

(2) Actualmente Marechal de Campo e conselheiro, foi nomeado em 4 de Abril de 1856, entrou em exercicio em 29 de Maio de 1856 e deixou a presidencia em 27 de Janeiro 1857.

conferida pela Lei n.º 266 de 16 de Outubro de 1856 a povoação de Brasilia Legal, para Itaituba. A 3 de Novembro de 1857 celebrou a Camara Municipal a sua primeira sessão, sendo esta de installação, posse e juramento, presidindo então a Provincia o Doutor João da Silva Carrão.

Como as mais povoações de que tenho fallado, a de Itaituba tambem cahe, porque compondo-se ella hoje de uma só linha de casas parallelas ao rio, outr'ora tinha mais outra da qual ainda se notam vestigios. Tem 37 casas, sendo 16 cobertas de telha e 21 rusticamente feitas com palhas de curuá, das quaes muitas estão muito arruinadas. Sete destas casas estão occupadas por estabelecimentos commerciaes, dos quaes dous são de commerciantes estrangeiros. Além das casas commerciaes, tem mais o commercio ambulante, formado por 12 canôas de regatões, das quaes são nacionaes oito. Ainda outras casas existem fóra da villa negociando clandestinamente, que segundo fui informado « tem por fim illudir as Repartições publicas que são incumbidas de cobrar os impostos municipaes e provinciaes. »

A matriz está em construcção, tendo já as paredes lateraes e da frente principiadas, celebrando-se os officios divinos n'uma choupana nos fundos da Igreja. Tem actualmente por padroeira Santa Anna, sendo em 1845 Santo Antonio e outr'ora Nossa Senhora da Conceição.

A população do municipio pelo recenseamento de 1 de Agosto de 1872 é de 7.873 almas, que assim estavam divididas :

Em Itaituba.....	1.573
No Seringal.....	800
No Baccabal (mundurucus)....	500
Nas Campinas (idem).....	3.000
Maués.....	2.000
	<hr/>
	7.873

Conta-se entre os 4.573 habitantes de Itaituba, 857 homens, 716 mulheres, dos quaes 290 casados, 68 viuvos e 4.215 solteiros, avultando nesse numero as crianças de ambos os sexos.

Quando é tão grande o numero de crianças, em estado de frequentarem as escolas, nota-se entretanto que só ha uma escola publica, que tem matriculados 17 alumnos, não sendo frequentada per mais de 10.

Não é por falta de gosto ou aptidão, que se nota essa falta de frequencia e de matricula, mas sim pelas distancias a vencer.

Corri todos os sitios e habitações de tapuyos, malocas de indios e perguntando sempre porque não punham os filhos na escola respondiam-me, como se houvesse combinação : « sentimos não poder mandar nossos filhos diariamente, porque a escola é longe, se elles podessem lá dormir com muito gosto mandaríamos. »

Se houvesse, pois, em vez de uma simples escola para externos, uma que reunisse as duas classes de alumnos internos e externos, seria essa escola muito frequentada e prestaria innumerous serviços á causa da civilização. Não se exigir muito do alumno, o simples ensino primario, satisfaz as necessidades e por certo abrirá mais os olhos, desses individuos que cegos pela educação recebida de seus avós, não se contam no numero de cidadãos. Que além do ensino primario, é esta a parte mais essencial, o professor, em uma hora de prelecção diaria, iniciasse os alumnos nos deveres que tem o homem para com Deus e para com a sociedade, nos deveres do cidadão, nas leis que o prôtegem, no conhecimento da nossa constituição politica, isto em linguagem facil e persuasiva. Se a principio o fructo aborta, a continuação da cultura faz com que elle se desenvolva e sazone bem. Que o parocho auxiliasse o professor, é isso facil porque pouco trabalho tem este nestas povoações, que fosse elle o professor de religião, casando

este sempre a doutrina christã com as garantias e regalias que tem homem religioso na sociedade em que vive. Mostrar que perante Deus todos são iguaes, que o nascimento não obriga este a ser escravo daquelle, que todos devem trabalhar em commum para gloria de Deus e prosperidade da patria.

Dous internatos um na villa de Itaituba, outro em Santarém, trariam não só o desenvolvimento moral do Tapajós, como daria importancia ao lugar augmentando o seu commercio e a sua lavoura, porque a frequencia dos pais e parentes dos alumnos para esses lugares, trariam animação, dariam lugar a especulações commerciaes, chamaria população e portanto a vida que falta agora.

Com pouco dispendio faria o governo a despeza com a construcção de casas, que não exigem luxo, mas commodidades, despeza que talvez os particulares a fizessem. As mensalidades, com um pequeno auxilio do Estado chegarão para alimentação e mesmo vestuario, para aquelles alumnos que forem extremamente pobres. Para este a classe de gratuitos é indispensavel. Estes internatos estabelecidos um em Itaituba para a população do Alto Tapajós, outro em Santarém seria muito frequentado, e ainda mais serão si as autoridades não á força mas por meios persuasivos, empregarem a sua influencia para com aquelles que não prestarem-se a remetter seus filhos. Um auxilio annual de 1:200\$ para cada internato, e uma despeza de 4:000\$000 a 6:000\$ para construcção de cada casa, não é dispendio que não possa fazer uma provincia da ordem da do Pará. Despeza que se fará annualmente sem pesar aos cofres, si se der providencias energicas, para que se procedam ás cobranças dos impostos que ha, de maneira a não ser lezado e illudido o governo como agora. O que se não cobra, cobrando-se dará para essas despezas. Um imposto mesmo maior sobre o commercio da borracha, evitará os escandalos que hoje se dão, e servirá para um fim que

tende ao engrandecimento da provincia. Si se quizer instrucção na provincia, creem-se os internatos que só assim será ella derramada e evitará o escandalo da educação de orphãos por particulares.

Tendo sido elevada a villa em 1856 só se começou a cobrar impostos em Itaituba no anno de 1869, isto é, quinze annos depois, perdendo assim a Provincia e a Camara, mais de 140:000\$000 estabelecendo por base as quantias de 3:300\$000 de rendimentos municipaes e 6:000\$000 de provinciaes, que foram os do exercicio de 1871 a 1872, da camara municipal e collectoria.

O rendimento do municipio poderia ainda attingir ao triplo, si a arrecadação de impostos fossem effectuadas regularmente e se empregassem as disposições das posturas e as leis que o regem.

O commercio que havia ha alguns annos em grande escala com a provincia de Mato Grosso, para onde se exportavam milhares de arrobas de guaraná, agora vai diminuindo a ponto de descer a exportação a 180 @ em 1872; devido á extracção da borracha que occupa todos, os que outr'ora se occupavam na industria do guaraná.

Diminuindo o fabrico do mesmo artigo, augmentou a exportação da gomma elastica para a capital, que parecendo á primeira vista trazer melhoramento e abundancia para o lugar, por ser grande o commercio que se faz desse genero, não veio mais do que trazer a miseria para as naturaes.

Collocada sobre uma doce eminencia, a villa, apresenta vista do rio um aspecto agradavel, e della se goza uma bella paisagem, formada pela serra que se eleva na margem opposta, e pelas ilhas que matizam as aguas. Em frente mesmo da villa, alguns raros arbustos que se vê sahindo d'agua no meio do rio no tempo das cheias, nos mezes de Outubro e Novembro, formam o matiz de uma bella ilha de arêa, que se une á ilha de Camararury.

As aguas que beijam a elevação do terreno, descem depois deixando uma extensa praia arenosa e coberta quasi que litteralmente de seixos rolados e de molluscos fosseis.

Seu clima é agradável, (Temp. 21.º Reaumur, no verão) mas, sujeito a febres intermittentes que em certas épocas, como as da enchente e vasante, na occasião dos repiquetes, apparecem, e que são devidas ao pouco cuidado dos habitantes quér nos banhos a horas improprias, quér na alimentação de frutas não sazoadas e finalmente á agua.

A agua ahi como muitas vezes observei da meia noite até ás 10 horas da manhã pouco mais ou menos, eleva-se a uma temperatura excessivamente alta e mesmo em alguns lugares durante o dia vê-se que a agua está impregnada de residuos de varias especies em decomposição.

Os banhos e a absorpção da agua, áquellas horas e naquelles lugares são uma das causas da molestia. Os vegetaes em putrefacção que as cheias levam e os que são trazidos dos leitos dos lagos e igarapés pela vasante, contribuem muito para que se desenvolva o mal, que por falta de meios é desprezado e se desenvolve. Nas proximidades da villa varias lagôas e igarapés, que seccam pelo verão, contribuem para que se dê o que acabo de relatar, vindo affirmar o que digo a salubridade da margem opposta, onde a elevação não permite lagôas nem igarapés.

Cheguei a esta localidade quando começavam a descer as aguas, e percorrendo varios lugares tive occasião de fazer algumas observações, em ambas as margens.

Logo depois que cheguei, fui estabelecer-me na ultima casa da villa, na mesma em que habitára o professor Hart, quando ahi estive, que obsequiosamente foi posta á minha disposição pelo Sr. Tenente Joaquim Caetano Corrêa, a quem sou grato pelos numerosos favores que dispensou-me.

No dia seguinte ao da minha chegada percorrendo a praia fiquei maravilhado de ver o numero de fosseis que se

encontrava, quér soltos entre a areia e seixos, quér em algumas pedras trazidas pelas correntes. Ahi apanhei varias especies dos molluscos representantes dos terrenos Devonianos, e carbonifero dos generos *Orthis*, *productus*, *atrypa terebratula*, *rhynconella*, *spirifera*, e *clymenia*.

Alguns polypeiros dos generos *cyathophilum* e *encrinetes* imperfeitos e um gasteropode do genero *bellerophon*, tambem ahi achei. Fragmentos de varias especies de *silex* encontram-se em abundancia entre os seixos de quartzo e agatha que são trazidos de mais longe e ahi se accumulam formando assim uma das praias mais ricas, geologicamente fallando.

Percorrendo outras praias, continuações da de Itaituba, vi que differiam desta, por serem umas arenosas, e outras só ricas em seixos. Nestas, como na de Itaituba, encontrei tambem alguns fragmentos de machados de diorito, e mesmo alguns perfeitos, da mesma fôrma dos que já havia encontrado nas immediações de Santarém, assim como pequenos fragmentos de louça pintada de vermelho, que apparecem desenterradas pelas aguas da chuva, e que provam que ahi existio uma maloca.

No dia 4, pelas 6 horas da manhã, subindo o rio e costeando a margem occidental, dirigi-me para o riacho Bom Jardim, acima da villa uma legua. Lança-se este no Tapajós por uma bocca de 6 á 8 braças, durante a cheia, e de uma a duas depois do escoamento das aguas, depois de ter passado por lugares baixos por onde se espraia, formando paúes, e de um curso de duas leguas pouco mais ou menos, originando-se, segundo os indios Mauhés, no lago Capituan. Pouco acima de sua foz, tem uma ilha quasi circular, coberta de vegetação baixa.

Logo defronte desta ilha, á margem esquerda, apresenta a costa formada de uma pedreira calcarea, que atravessando o leito do rio chega á outra margem e prolonga-se coberta de humus e de vegetação fraca por largo espaço.

Pela acção das aguas a parte inferior da pedreira fórma grandes abobadas, e grutas de fórmãs caprichosas.

Apresenta ahi seis stratificações, perfeitamente horizontaes, cobertas de 3 a 4 palmos de terra vegetal e de cores mais ou menos claras. A primeira não é calcinavel, é cortada por pequenos veios de quartzo e ornada de geodos de crystal de aragonita, com a espessura de um metro.

A segunda é formada de silex, com 0,4 de espessura sobreposta á terceira, que calcina perfeitamente, dando cal bastante alva. N'esta encontram-se muitos molluscos fosseis dos generos *terebratula*, *stringocephalus*, *spirifera*, *retzia*, *pentamerus*, *atrypa*, *calceola*, e *productus*. Como a primeira a quarta não calcina, emquanto que a quinta calcinando bem, dá cal grosseira. Como a terceira stratificação, a sexta produz cal que nada deixa a desejar pelas suas propriedades e alvura.

Sobre esta pedreira estabeleceu um italiano, um forno de pequenas dimensões, mas que lhe tem produzido cal que em quantidade exporta, dando-lhe muito interesse.

Subindo o rio cujas margens são cobertas de baixa vegetação, encontrei a 150 braças de distancia, no mesmo lado outra pedreira, mas que deixa fóra d'agua só dous stratus, sendo o primeiro de uma cor cinzenta e o segundo amarellado. A vegetação rachitica que a cobre, mostra a pequena profundidade do humus e a grande extensão que tem a mesma para o interior. Ambos os stratus calcinam bem, pela experiencia que fiz. Continuando a subir, na margem opposta começa a apparecer outra pedreira com tres stratus, de pedra inferior, mas calcinaveis, tendo o primeiro e terceiro inumeros molluscos fosseis, sendo os do primeiro de genero diverso dos do terceiro. Encontrei ahi *Chonetes*, *Rhynchonella*, *Orthis*, *Strophomena*, e formando estes brachiopodes em alguns lugares massas compactas. No segundo encontram-se alguns fosseis, raros, do mesmo genero que os do primeiro. Em toda a extensão

do rio navegavel que percorri, mais de meia legua, encontram-se signaes da existencia do calcareo, já pela vegetação, já pela apparencia das rochas em alguns lugares, que o pouco humus que as cobre deixa a descoberto, mostrando que de ambas as margens para o interior existe a continuação das rochas.

Deixa de ser navegavel o riacho, porque espraçando, fica todo obstruido pelos vegetaes, e apresenta então também pouco fundo. Ahi encontrei pela primeira vez um bando de lontras, *lutra braziliensis*. Scientifica e commercialmente fallando, este riacho por si só constitue uma riqueza, que hoje desprezada, poderá para o futuro constituir um ramo de industria muito lucrativa. Distrahidos hoje os naturaes, com a extracção da borracha, não dão fé do que perdem, será tarde, talvez, quando vier o arrependimento! O que hoje desprezas, amanhã o estrangeiro apresentará como titulo de riqueza.

Passando o dia neste igarapé, occupado em colher amostras, voltei já tarde para a villa, encontrando quasi na embocadura do mesmo um bando de mais de duzentas *ciganas* (*opistocumus cristatus*).

Constando-me que em um sitio proximo ao rio Piracaná existiam algumas igaçauas (1) para elle me dirigi na madrugada do dia 6 de Julho, tomando para isso uma montaria tripolada por dous tapuyos, e indo amanhecer na ponta da ilha de Camararury que divide o Tapajós em dous braços, estendendo suas praias por elle a dentro em

(1) *Corruptella* de *yucáçaua*, do verbo *yucá*, matar, com a terminação verbal *áua* hoje (*ába*) que faz *çauá* ou *çába* por terminar o verbo em vogal; significa, o lugar onde se mata, ou se enterra um morto, e ás vezes o instrumento. *Igaçaba* ou *igaçáua* é um pote ou urna mortuaria onde se enterram os mortos ou os ossos dos mesmos. A terminação *áua* é puramente tupi e assim a exprimem os descendentes das mesmas raça, porém o padre Anchieta, na sua grammatica escreveu *çaba* e os civilizados assim também pronunciam, por ser euphónico. Os *Tembés* e outros indios dizem *muruuicháua*, *tucháua*, *cáua* (maribondo) e não *murubichaba*, *tuchaba* é *caba*.

grande extensão. Querendo conhecer a vegetação que orna as margens, quér da ilha quér do rio, nesse lugar, tomei pelo braço que costeia a ilha pela margem esquerda e desci.

Tomando nota das plantas que estavam em flor, ou mais abundava nas margens, notei que uma ou outra soqueira de jauary apparecia, rompendo a espessa ramada, feita de algumas plantas sarmentosas, que ahí crescem em abundancia tornando inaccessivel as margens, sem auxilio de algum instrumento que abra passagem. Começando a vasar o rio, comtudo as aguas beijavam ainda as raizes e ramas dessa longa sipoada, d'entre a qual e além via-se romper e apparecer grandes pés de tachy do igapó (1), uma *polygoneacea*, do genero *triplaris*, e que julgo ser a *triplaris Bomplandiana*, que embellezava a floresta com suas flores brancas e avermelhadas, quando velhas, que apresentavam quasi suas copas inteiramente cobertas de flores; são arvores altas, mas cuja madeira não tem emprego, senão para carvão. Com seus troncos mergulhados n'agua e firmados na areia se antepõe a essa cipoada, innumerous pés de *myrtaceas*, dos generos *psidium* e *eugenia*.

Entre estas especies, alguns pés de *vitex tarumã*, e uma *malpighiacea*, do genero *Ianusia*, estavam tambem em flor.

Costeando a ilha, dobrei a sua ponta norte e comecei a subir o rio pelo outro braço, chegando ao sitio ás 10 horas da manhã.

Collocado este sobre uma elevação, occupa um grande espaço do terreno denominado *terra preta*, hoje coberto por um cafezal quasi abandonado.

Em frente á casa que está quasi beira-rio, deparei logo

(2) A tres especies differentes de plantas dão os naturaes o nome de tachy (ha o tachy da mata, da varzea e do igapó), nome originado da formiga tachy que habita sempre nestas arvores nos lugares indicados. *Tacy* na lingua tupy significa formiga.

com innumerous vestigios de igaçauas, compostos de fragmentos de louça, uma grosseira e sem desenhos e outra mais fina e com desenhos affectando fórmias geometricas e coloridos com tinta encarnada. Pelos mesmos cheguei a ajuizar que as fórmias das mesmas aproximavam-se das das panellas. Procedendo logo a uma escavação a ver se encontrava alguma perfeita, fui informado então pelos habitantes do sitio, que nenhuma encontraria, por ter sido esse lugar todo escavado pelo Professor Hart, que tirou quantas igaçabas encontrou. Vendo mallogrado o meu intento internei-me pelo cafezal a ver se encontrava outros vestigios, sendo ainda infructifero o meu trabalho pois nem um só traço dellas encontrei.

Para compensar o tempo perdido, o acaso fez-me deparar com um machado de diorito compacto, o mais bello e bem acabado que encontrei. Tinha de comprimento 0,™25 sobre 0,™09 de largura. O cóрте bem aguçado, contrastava com os lados arredondados, que se prolongavam além da abertura dentada, que proxima ao alvado tinha para prender o cabo. Pesava mais de 4 libras e é um dos machados mais raros que se encontra no Alto Tapajós. Além deste, outros ainda encontrei, porém pequenos, achatados, e semelhantes, aos que já havia encontrado anteriormente. Sendo informado que quasi toda a parte elevada dessa margem era de terra preta, lugar onde habitavam de preferencia os antigos gentios, pelas provas que existem, e pelos seus vestigios só se encontrarem nesses terrenos, comecei a percorrer todos os sitios dessa margem que me pagaram o trabalho, com alguns exemplares dos mesmos machados, mais ou menos perfeitos. Pelas fórmias, pela natureza da pedra, e pela semelhança, quér da qualidade, desenho e ornatos da louça, cheguei ao conhecimento de que a mesma tribu, ou sub-divisão da mesma, com os mesmos usos estendia-se da foz do Tapajós, occupando ambas as margens até Itaituba.

Varias malocas existiram, como já tive occasião de fallar, em ambas as margens com diversos nomes e mesmo costumes, mas creio que algumas eram sub-divisões dos Tapajós, que não habitaram só a foz do rio, que tomou-lhe o nome.

A margem deste lado, tem a mesma vegetação, que a do outro, differençando-se comtudo, em não ser tão abundante o tachy, em apparecer mais *leguminosas*, tribu fabacea encontrarem-se vulgarmente muitas *convolvulaceas*, do genero *jacquemontia*.

Estando o dia abrazador (28 Reaum), a atmospherba baixa e nuvens carregadas para o S ameaçando mudança de tempo, pelas 3 horas da tarde dirigi-me para Itaituba. Depois de uma hora de viagem começou a soprar o vento, que crescendo sempre, encapellou as aguas, que a custo podia a força de dous remos rompê-las. Sobrevindo depois chuva, acompanhada de repetidos relampagos e trovões, formou-se um verdadeiro temporal, acompanhado de furacões, que me obrigou a arribar a uma praia, com grande difficuldade, já molhado não só pela chuva como pela agua que entrava na canôa occasionada pela quebra das vagas de encontro ao seu costado. Então, tive occasião de observar o temporal sem risco de vida, um dos maiores que costumam assolar essa paragem. A chuva cessára. O vento mugia pela floresta, levâdo ante si innumeras folhas, flores e galhos; as aguas encapelladas pareciam refluir com rapidez; o ruido da chuva e dos trovões era aterrador, entretanto o sol estava fóra, a tarde clara, e só grossas nuvens corriam pelo horizonte de S para N.

Era um espectaculo soberbo, que se me offerencia, e que ainda não tinha observado.

Cinco minutos durou essa revolução dos elementos, correndo depois para S O todo o temporal. Cessando o vento começaram as aguas a aplainarem-se dando-me lugar a seguir viagem, procurando sempre a margem. Pelas 6 ho-

ras, depois de lutar muito com a corrente que ainda sentia-se do temporal, cheguei a Itaituba, onde o vento tinha feito garrar algumas montarias, canoas de cachoeira e atirado com outras para terra.

No dia seguinte, ao alvorecer, tomei a direcção da mata que fica á esquerda da villa, onde encontrei muitas *maximilianas régias* e uma variedade de *bactris macroacantha* de porte menor, que estava com fructos verdes. Proximo a um lago que ahi ha coberto de *aninga*, encontrei alguns pés de *syphonia* (seringueiras) e de *Dipterix odorata* (cumarú) que estavam tambem com fructos. Estes servem de alimento aos morcegos, que comem a polpa do mesocarpo e abandonam o resto.

Distante do cumaruzeiro encontram-se sempre lugares cobertos destes restos, que mostram, que os fructos foram para ahi levados pelos morcegos não comendo elles os mesmos no pé, mais sim longe deste.

Abunda ahi tambem a *cyagrus cocoïdes* e algumas madeiras de lei; formando uma floresta que, se bem bastante elevada, mostra que é de nova apparição.

Voltando ás 10 horas da manhã tomei uma montaria e me dirigi para Uixituda. (1)

A' vista da villa de Itaituba, porém quasi duas leguas abaixo, está assentada na margem occidental, a povoação de Uixituba, antiga missão cuja população é toda de indios mundurucús.

Muito mais antiga do que Itaituba, esta povoação que em 1855 tinha uma população de 500 individuos, sendo 234 homens e 266 mulheres, divididas em 48 fogos, está hoje reduzida a 8 palhoças, das quaes 5 abandonadas, contendo apenas uns vinte individuos que formam tres familias.

Ainda recorda o seu passado a igreja, com a invocação de S. José, que bem fosse construida de taipa, não é peque-

(1) *Uixi*, fruta desse nome. e *tyba*, bastante.

na, tem elegancia, mas com o resto da povoação está em ruínas e é habitada pelos morcegos, que têm infestado o seu interior. Aservas e os arbustos tomaram conta das antigas ruas, que formam hoje uma verdadeira capoeira ou serradão. Correndo as choupanas dos indios, tive occasião de ver preparar e provar uma bebida repugnante, mas que para elles é delectosa, o tarubá.

Ralada a mandioca, mettem a massa no tipity e extrahido o succo, de que se prepara o tucupy, fazem della grandes beijos de forno, denominados beijos-açú. Estes vão depois de borrifados com agua para um paneiro, onde são accumulados uns sobre outros, tendo entre elles folhas de curumi-caa, e depois cobertos com folhas de assahy; assim conserva-se por dous ou tres dias, findos os quaes, depois de apodrecidos os beijos, são mettidos em um pote, d'onde sahe depois a massa quando della se querem servir, dissolvida n'agua e passada em peneira, que constitue então o tarubá. E' uma bebida agri-doce muito estimada entre indios e tapuyos.

Geralmente tambem se usa o tucupy, (1) que não é mais do que o succo da mandioca, extrahido o polvilho, cozido ao fogo ou ao sol, misturado com agua, e que se emprega em molhos para peixe e mesmo para carne. O tucupy que é essencialmente venenoso antes da extracção do polvilho e de cozido, que tem então o nome de manypuêra, torna-se depois inoffensivo e agradavel, pela evaporização. Com a massa deixada pelo tucupy prepara-se o *arubé* que é feito com sal, pimenta, alho, que tudo socado, produz uma massa semelhante á mostarda. Cozido o tucupy com sal, pimenta e outros ingredientes entra na composição do *tacacá*, que não é mais do que gomma da fecula da mandioca.

(1) E usado tambem nas Guianas, onde tem o nome de *cassiripe* e nas Indias orientaes, onde os inglezes o denominam *pepper-pot*.

Como a praia de Itaituba a de Uixituba, é também coberta de seixos rolados, e encontram-se também algumas amostras de ferro, que indicam haver por ahí alguma mina, que não pude descobrir. Sahindo de Uixituba, costeando sempre a margem, observei que a vegetação que ha pela parte arenosa e fórma o limite das matas que se estendem das montanhas até ahí, é composta de myrtaceas, generos *eugenia* e *psidium*; de *caparidaceas* entre as quaes ha o *catauary*, uma arvore baixa, cujo fructo e casca socada emprega-se como caustico, nas molestias que o reclamam, e que julgo ser a *crataeva Benthami*; de *leguminosas*, tribu *fabaceas* e o genero *inga* representado por varias especies, de algumas *malpighiaceas* sarmentosas; de varias *apocinaceas*, do genero, *ambliantera*, e *taberna e montana*.

Por entre a copada folhagem das arvores da floresta, que da baixa se estende á serra, destacam-se as frondas dos mucajás; a *crocomia sclerocarpa*, e dos inajás, *maximiliana régia*, que ahí assoberbados se apresentam.

Em alguns lugares a costa é pedregosa, estendendo-se em frente á Itaituba, pelo rio, a formar recife; que durante a cheia estão cobertos pelas aguas, e na vasante formam praia.

Alguns sitios ha nesta margem, porém sem lavoura, a não ser a pequena cultura da mandioca e de algumas bananeiras. A laranja, o cacáo e outras frutas, apparecem aqui ou alli, como planta de luxo. Voltando á tarde, gozei ainda do espectáculo magestoso do arrebol nas aguas Tapajonicas.

Raiava o sol do dia 8, quando eu já seguia a explorar a margem occidental, acima do igarapé Bom Jardim. Pouco acima deste, desembarcando fui examinar a chapada que forma a costa ahí, onde encontrei alguns machados de pedra, chatos. Continuando pela mesma chapada, que aqui é coberta de matos, alli com restos de cultura abandonada encontrei ainda alguns fragmentos de outros de fórma di-

versa. São mais grossos e compridos, tendo a metade da largura daquelles, sendo de igual fórma do grande encontrado no Piracaná. Seguindo pelo rio no lugar Itapeua (1) deparei com outros machados de igual fórma, n'um sitio que ahi fica, sobre a elevação. Até ahi a margem apresenta praias, cobertas de seixos rolados de varias naturezas, apparecendo muito poucos fosseis e cobrem-se as ribanceiras de myrtaceas e outras plantas já mencionadas nas praias anteriores, predominando as *fabaceas*. Ahi o rio começa a formar uma enseada semi-circular que se comunica a um lago, formando uma ponta ao S donde começa a margem a elevar-se quasi perpendicularmente, formada de rochas calcareas. Até a parte banhada pelas aguas a superficie das rochas, apresentam cinco stratificações, sendo as quatro primeiras horizontaes e a ultima de uma structura differente formando talus successivos e irregulares, que mostram que depois de um *remaniement* do fundo do rio, começaram as aguas a correr tranquillamente, formando as primeiras stratificações. A primeira é composta de seixos rolados consolidados por uma amalgama de grés, apresentando indicios de oxydo de ferro. Attribuo esta consolidação ao carbonato de cal, que o acido carbonico tinha em solução e que depois evaporou-se.

Ainda nas praias encontram-se seixos e fragmentos de rocha, cobertos de carbonato de cal.

A segunda stratificação tem uma côr amarellada ; a terceira é branca e a quarta pardacenta, não sendo nenhuma calcinavel. Estas rochas são cobertas de uma camada de humus de dous a quatro palmos de profundidade. Na segunda e terceira stratificações encontram-se crystaes de aragonita e na parte mais elevada as aguas formaram duas pittorescas grutas, onde demorei-me para tomar alguma refeição.

(1) *Ita*, pedra ; e *péua*, chata.

Grandes blocs, que se despegaram da massa geral, com fôrmas mais ou menos geometricas e regulares, enchem o rio, que ahi é fundo, mas que ficam a descoberto pela vassante.

A vegetação que cresce no humus é baixa, destacando-se a piteira, *agave americana*, Linn. que nestas regiões vi pela primeira vez, por entre as *polypodeaceas*, *aroidaceas* e *bromeliaceas*. Aqui ou alli sombream com sua basta folhagem, alguns pés de sumauma, *eriodendrum sumauma*. Algumas orchideas ahi apparecem, representadas, pela *Brassavola Amazonica*, por uma variedade do *epidendrum vanillosum* e por um *oncidium* que não estava em flor, com o habitus do *oncidium pumilum*, mas de grandes dimensões, e com as folhas excessivamente coriáceas e mosqueadas de carmin, que julgo ser o *Lanceanum*. Termina a parte elevada da margem n'um grande apuyseiro, *ficus*, sendo dahi em diante baixa e coberta de vegetação quasi toda dicotyledonea. Pela fôrma que apresentam as rochas, denominaram os naturaes esse lugar Paredão.

Depois de um bello dia, armou-se á tarde um temporal de vento e trovoada, como são ahi costumados, que obrigou-me de volta, a chegar á villa ás 8 horas da noite.

No dia 10 tornei a ir ao Paredão, e chegando ao sitio denominado Sumauma, ahi fiquei, para no dia seguinte explorar as margens dahi para cima. Com effeito, no dia seguinte, ao alvorecer, depois de percorrer um pouco, a margem occidental que ahi é pedregosa, e abunda em *cecropias*, atravessei o rio que apresenta então uma largura de tres a quatro milhas.

No centro encontra-se a ilha de Itacapam (1) que apresenta uma ponta a SSO talhada a prumo sobre o rio,

(1) *Ita*, pedra ; *caa* mato ; *paan*, ilha ; isto é: ilha de pedra com mato.

de uma grande elevação, formada de um só bloc de porphyro, com saliencias angulosas que lhe dão o aspecto de uma fortaleza abandonada. Toda da mesma rocha, é coberta, comtudo, de mato na sua parte superior, de gramineas e bromelias. Depois de costea-la dirigi-me para outra margem e desembarquei, n'uma extensa praia arenosa, chamada dô Painim. Ahi encontrei milhares de uacuráos (*caprimulgus*) de uma só especie, que cobriam espalhados a praia. Eram pardos, com o peito branco, e quando pousados sobre a areia achatavam-se de tal maneira que tornavam-se á pouca distancia quasi imperceptiveis.

Os seus ninhos são covas na areia, onde depositam dous ovos brancos, que cobertos pela areia são chocados pelo sol. Pouco acima desta praia fica um sitio com o mesmo nome de Painim, que tem uma excellente casa de telha. Seguindo sempre a margem, encontrei 2 milhas acima deste sitio uma alta barranca formada de laminas de schisto, de tres consistencias, sendo a primeira excessivamente molle e pardacento e a terceira ennegrecida e bastante dura.

Acima d'esta extensa barranca encontrei algumas *tillandsias* e duas orchideas, a *maxillaria rufescens* e um *epidendrum*, que pelo corymbo secco que apresentava pareceu-me ser o *S chomburgkii*. Quasi na embocadura do rio Tapacorá-açú, que ahi afflue, encontrei novas barrancas de schisto, onde na segunda camada, tambem molle, encontrei, pôde-se dizer, uma mina de *sulphureto de ferro*, tal é a quantidade que ahi se encontra encravado no schisto. Entre estas barreiras, a margem é argillosa formando tambem duas camadas que se distinguem pelas côres, amarella e avermelhada. A flora é bem representada para o interior, que se cobre de densas florestas, emquanto que pela margem é rarefeita e composta de arbustos e pequenas arvores.

Em frente á confluencia do Tapacorá-açú, que é enca-

choeirado para o interior, fica a ilha Itapocu (1) da qual fallarei mais adiante.

O Tapácorá-açú, tem cerca de 50 braças de largo, e suas margens são ricas em madeiras de lei, e com terras apropriadas, principalmente, para a cultura da canna e do café.

Atravessando em frente á Ilha Itapocu tomei a margem occidental, voltando para a villa. Ahi grandes arvores obstruiam a margem, cahidas por desmoronamentos, causados pela enchente. Passando em frente á praia do Painim, encontrei o denominado lago Capituam, (2) que não é mais do que um grande saco, formado pelo Tapajós, ficando este um pouco ao N do Igarapé do mesmo nome, que desagua onde termina a barranca calcarea. E' um riacho de grande extensão, porém estreito, e cheio de vegetação.

Começando a anoitecer pernoitei no sitio Sumauma, donde sahi pelas 10 horas da manhã do dia 12.

Devido, julgo eu ao excessivo sol que apanhei, os dias que se seguiram, não pude trabalhar, comtudo no 16, achando-me melhor, fui novamente ao sitio do Piracaná ver se podia descobrir ainda alguma igaçaua, mas infelizmente, ahi chegando fui accommettido por um ataque de febres intermitentes, ou sezões, que levou-me á cama. Voltando á tarde assim mesmo doente fui a alguns sitios onde havia deixado anteriormente encommendas de machados de pedras, e pude alcançar alguns.

Agravando-se-me a molestia, pude conhecer quanto é falta de recursos a villa de Itaituba, não havendo ahi medicamentos, á excepção de pilulas do Dr. Capper, que em vez de minorar-me os soffrimentos, agravou-os.

Depois de alguns dias de intensa febre dia e noite, com

(1) *Ita*, pedra ; *pocú*, comprida.

(2) *Cagy* capim.

alguns medicamentos, que levava em botica portatil, consegui debellar a febre e entrar em convalescença. No dia 4 de Agosto, sahi pela primeira vez, a tomar ares, tendo então occasião de assistir a uma maneira de pescar ahí usada. Consiste em fazer primeiramente uma cova no fundo do rio, onde se deposita alguma comida, e passado horas, vae o indio pescar. Leva comsigo uma linha, armada de anzol em uma extremidade, tendo ahí um pontalete amarrado, e uma vara. Chegando á praia, amarra a extremidade sem anzol na vara que espeta na areia, e pondo isca no anzol atira-se ao rio levando este preso nos dentes e mergulhando vae espetar dentro da cova, pelo pontalete, o anzol, e nada apressado para terra, onde vem segurar a ponta da linha que ficára amarrada, e ahí puxa o peixe que não tarda a pegar no anzol por estar ahí sevado. Quantos são os peixes pescados, tantas são as vezes que se repetem a scena do mergulho. Alguns dias depois de ahí pescar-se, a pesca torna-se abundante, porque acostumam-se elles á seva que ahí se deita.

Achando-me mais forte, nos dias 5 e 6 fiz algumas excursões pelos campos, que correm além da mata que margina a costa occidental, atraz da villa de Itaituba. São campos rasos, com capões, ou uma outra vegetação mirrada, composta quasi que exclusivamente de duas especies de muruchy (*byrsonima*), de jutahy (*hymenæa*), e de alguns pés de baccaba (*Ænocarpus distichus*) e Inajá (*maximiliana régia*), porém sendo estes infezados. O terreno é todo argiloso, crescendo mesmo ahí mal as gramineas. Passando este campo, que se estende por algumas leguas, começa a floresta, que occupa um terreno mais baixo, cortado por alguns igarapés, e em alguns lugares semeado de igapós.

Como que para compensar a mesquinhez e raridade de bonitas arvores no campo, a floresta apresenta-se luxuosa com seus immensos madeiros, todos com mais ou menos emprego nas artes e officios.

O *Ænocarpus distichus* e a maximiliana régia, ali não só abundam, como tomam um desenvolvimento extraordinario. Medi ali um pé de maximiliana, cahido secco por terra, ou pelos annos ou por temporaes, que attingia ao enorme comprimento de 435 pés, com 2 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro. Nos igapós, apparece a aninga (*caladium*), e o caranã, (*mauritia armata*), que não só não attinge á elevação que lhe é propria, como morrem muitos pés, antes do completo desenvolvimento.

Em alguns lugares humidos, cresce o marajá (*bactris*) que se estende por alguns espaços. Goza-se ali na floresta uma frescura agradavel, emquanto que no campo, apezar de alguma viração o calor é insupportavel. Ali anima a floresta um pequeno passaro esverdeado do genero *tanagera*, que com seu canto assoviado e repetido por centenares de companheiros, occultos pelas folhas no alto das arvores, forma uma harmonia que dá vida ao sombrio lugar.

Tendo ali colhido algumas flôres do *Ænocarpus*, passei o dia 8 desenhando-as e em preparativos de viagem para a região das cachoeiras.

III

ALTO TAPAJÓS.

Depois de feitos os preparativos necessários, para uma expedição á região das cachoeiras, arriscada porém cheia de encantos pelo lado scientifico, pelas 10 horas da manhã do dia 10 de Agosto de 1872, n'uma canôa propria de cachoeiras, tripolada por quatro indios, tres mundurucus e um mauhe, pilotados por um cuyabano pratico do rio, e interprete, sahi da villa de Itaituba.

Passando ás tres horas da tarde em frente ao Igarapé Itapéua (1), que desagua na margem occidental meia legua acima do do Bom Jardim, ahi apanhei um forte temporal, que, emmarulhando as aguas, a todo o momento atiravam-as para dentro da canôa, o que retardou-me a viagem; obrigando-me a passar a noite n'um sitio pouco acima do chamado Sumauma.

(1) Pedra chata.

As canôas usadas para a navegação das cachoeiras, pouco differem das igarités (1); têm mais do que estas, uma tolda baixa na prôa, que serve para accommodar as cargas, e uma puxada na popa, onde vai o piloto de pé, segurando o leme, que tem o feitio de um remo de voga, pouco mais ou menos, com uma larga pá, porém mais grosso, que por uma correia é preso á canôa. Como na subida do rio, a viagem é sempre pelas margens, não usam remos, mas sim de zingas, que são varas de 2 1/2 braças de comprimento, com as pontas ferradas, que servem para tambem nas cachoeiras desviar a canôa das pedras, e forçal-a a subir a corrente.

O sol do dia 11, quando despontou no horizonte, veio encontrar-me, na entrada do canal Itapocu (2), que na parte occidental tem a margem coberta de jauarizeiros. Este canal é formado pela ilha do mesmo nome, que se estende em fôrma de crescente por mais de tres quartos de legua, terminando a S O em uma extensa praia, que se prolonga a formar um baixio. E' coberta esta por uma densa floresta, onde se acoutam, depois de atravessarem o rio muitos porcos do mato.

O canal que nesta época dá passagem franca apezar de innumerous baixios, que se estendem a fôrmar occidentalmente extensas praias, pelo verão quasi secca inteiramente. Bonitas paisagens ahi se encontram, animadas por alguma rez, que descendo do campo, vem á margem beber agua. Sahindo do canal, pouco acima, a margem se eleva formando um paredão de schisto de mais de 50 pés, que a acção das aguas escava, sobre o qual crescem muitos *Enocarpus distichus* e *mauritias armatas*. Na parte sombria medram algum *lichem* e *gramineas*, assim como destaca-

(1) *Igara*, antes *yara*, (o *y* sôa como *ig*,) montaria, canoa, e eté verdadeira, isto é canoa grande, com tolda.

(2) Pedra comprida.

se um ou outro pé de *cecropia digitala*, que na barranca se balouça sobre algumas *aroidéas*. Fronteando uma branca praia do lado oriental, o paredão se eleva mais, cobre-se litteralmente de *felices* e *licopodiáceas*, torna-se humido, e apresenta nos lugares sombrios alguns pés de *cyatheas* e *alsophilas*, arborecentes, magestosas, que provam estar esse lugar a mais de 400 pés acima do nivel do mar. Alguns capões cobrem as vezes o alto, predominando entre as arvores a cupiuba (*myrcia*) e o arapary, que pelas suas folhas vistas de baixo pareceu-me ser uma leguminosa. Pela encosta vê-se tambem o uauassu (*atalea speciosa*), e o vindicaá ou cardamomo, *amomum sylvestre*. Toda esta parte schistosa tem o nome de Itapocu, até o denominado porto do Pindoal, donde começa a margem a denominar-se Tayácoara (1), nome tirado de um riacho que ahi despeja suas aguas. Dahi até uma pequena cascata, tem essa denominação, passando então a ter a de Barreirinha. Neste espaço a costa é baixa, tem uma vegetação serrada abundando a caxinguba (*pharmacosysea?*) e o paricárana, *mimosa*. Aos lados da pequena cascata encontrei alguns pés de catauary, *crataeva Benthamii*, arvore medicinal empregada pelos tapuyos: usando das cascas do lenho e das frutas, socadas, como caustico. O limite da denominação Barreirinha, é um bonito sitio sobre uma pequena collina coberta por um Inajasal, contornada por um pequeno lago, que se tornou celebre, pela forte resistencia que oppuzeram ahi os *Cabanos* contra a força legal em 1835, que inundou de sangue a bella campina que hoje ainda existe. Continúa a margem dahi com o nome de Jacaré. A's 2 horas da tarde passei em frente da Ilha Uarupá, que se divide por um baixio de areia, outr'ora habitada pelos indios do mesmo nome, que fugidos das margens dos rios

(1) *Tayá*, todas as *aroidéas* têm vulgarmente este nome e *coara*, buraco.

Abacaxiz e Canumá que desaguam no Uarariá confluyente do Tupinambaranas, foram para as immediações de Aveiros, e dahi sahindo amallocaram-se nella. Foram exterminados por um lado pelos Mauhés e por outro pelos Mampás, comtudo ainda a oito annos existia uma familia delles. Tinham as faces pintadas de preto, e eram bons navegantes, conhecedores do rio, sendo elles os que ensinaram a navegação pelas cachoeiras, aos civilizados.

O terreno até ahi, além da zona florestal, que margina o rio, cobre-se de piriquiteiras (1) *bombax*, que sem folhas apresentavam-se completamente amarellas pelas suas innumeradas flores. Apparecem algumas *bromeliaceas* e abunda a *brassavolla Martiana*.

Desagua em frente a esta ilha, por uma bocca de 50 braças, o rio Jacaré, que é o caminho mais seguido para as terras dos Mauhes. Dahi para cima começa a margem a ser argillosa, abundante em caraipé-rana, *lecithidea*. Pelas marcas que se notam nas arvores ribeirinhas, o rio até esta data tem descido 10 palmos.

Atravessando o rio, pelas 7 horas da tarde cheguei á ilha Tracuá (2), que corre do N a S e fica fronteira á do Uarupá, n'um dos pontos em que se alarga o rio. As suas proximidades são cheias de baixios, entre as quaes com pouco fundo, se pôde navegar.

Hospedei-me em casa de um Cuyabano que ahi reside, o Sr. Silverio de Albuquerque Aguiar, mais conhecido por Leverger, que pelas suas maneiras francas e attenciosas, sabe angariar sympathias.

A ilha é coberta de mato, á excepção da parte cultivada, onde na derrubada foram respeitadas algumas bacca-beiras e inajazeiros, que attingem hoje uma altura gigante.

(1) Em outros lugares da provincia tem os nomes de *Sumauma de macaco* e *S. do igapó*.

(2) Nome de uma formiga, de cujo ninho fazem isca os indios e tapuyos.

Deixando este ponto no dia 12, pelas 9 horas da manhã comecei a navegar em direcção á primeira cachoeira, cujo estrepito já ouvia surdamente. Um quarto de legua depois, começam as ilhas do Maranhãosinho, nome da primeira cachoeira.

A primeira está no meio do braço esquerdo do rio, formado pela ilha do Tracuá, e estende-se para esta deixando um canal entre ellas. Esta ilha tem a fôrma de tres pequenos montes, entre os quaes nas cheias se navega. Nella abunda a Jacitara, (1) *desmoncus*, que em Mato Grosso tem o nome de *urubamba*. A' esquerda da ponta desta ilha fica a dos Ananazes, quasi toda arenosa, coberta de bromelias e jauarys, onde me demorei, para a tripolação apanhar cipós, (ituá e mucunã), que deviam servir na cachoeira como sirga. As praias destas ilhas são elevadas, cobertas de areia finissima e alva que formam montes como dunas. Dahi atravessei para a margem esquerda onde a corrente já é forte, e penetrei por um canal pedregoso, com algumas ilhotas de pedras soltas.

Passando estas ilhas, entrei na cachoeira. Bonito golpe de vista, e risonha natureza! A cachoeira não é mais do que um archipelago, por assim dizer, pedregoso, sobre o qual ha pouca e rasteira vegetação, por entre o qual, as aguas correm e rolam impetuosas formando aqui grandes corredeiras, que se passam sem perigo, com cuidado e bom piloto, e alli remansos e rodamoinhos em lugares não navegaveis.

Dista esta cachoeira de Itaituba 18 leguas. Durante o inverno o aspecto geral da cachoeira muda, com o engrossamento das aguas, que submergem muitas ilhotas e rochedos, que agora estão descobertos; assim como desapparecem as praias, ficando a vegetação banhada pelas mesmas. Augmentando o volume das aguas augmenta tam-

(1) *De-y-acy-tara*, o que agarra a gente.

bem a corrente tornando mais difficil a navegação. O declive ahi das aguas é de 10°, n'um espaço de trinta a quarenta braças. O encontro das aguas por canaes differentes, ahi formam grandes marulhos, que difficultam a travessia, mas nunca formam verdadeira cachoeira..

Na ponta denominada Santa Rita, fica a embocadura do canal Pocu (1), falsamente chamado igarapé. Ahi a corrente não é tão forte porque são mais distanciadas as ilhas, o que faz com que seja tambem mais profundo o leito do rio. Acima da bocca do Pocu, fica uma grande ilha de rochedos, que me affirmam os praticos ficar submergida durante as cheias, onde agora a corrente é bastante forte. Neste ponto não ha ilhas, o rio alarga-se consideravelmente, apresenta suas margens montanhosas, diminue a correnteza e começa-se a avistar a serra do Coatá pela frente.

Esta parte desobstruida de ilhas é sobremaneira pittoresca. Poucas palmeiras ahi se avistam, a não ser um ou outro jauary. Parando fiz uma excursão pela baixa floresta da margem esquerda, onde deparei com uma *aspasia*, e uma *cactacea*, para mim nova, que cresce com as folhas alternas apegadas á casca das arvores, d'onde brotam algumas raizes, assim como do rhyzoma, que as tem mais fortes e compridas. As folhas são ellipticas, lobuladas, tendo no angulo dos lobulos feixes de aculeos pequenos. Dão um aspecto ao tronco sobre o qual nascem e se enroscam, muito caprichoso.

As margens nesse espaço, de um quarto de legua, têm as praias ora arenosas ora pedregosas. A's 12 1/4 da tarde cheguei á entrada da cachoeira Maranhão Grande. Nota-se então a differença da natureza desta que é por toda parte marginada por enormes rochedos, tendo no centro do rio uma grande ilha, que o divide em dous, assás ele-

(1) Comprido.

vada. Chegando ao « rabo da cachoeira » como denominam os naturaes a entrada da mesma, saltei sobre os rochedos e fui em busca de um canal que ahi ha, secco agora inteiramente, mas de grande profundidade pela enchente onde, diziam os meus indios, havia um grande pé de jauary, com diversos galhos. Sobre os rochedos medram algumas bromelias, e na parte arenosa que ha entre elles o *cyagrus cocoïdes*.

Não crendo que pudesse haver palmeiras de galhos, no genero *astrocaryum*, tomei por fabula o dito dos indios, mas como me assegurassem que ahi havia um exemplar, como quem procura um thesouro assim procurava o jauary de galhos, quando saltei em terra.

Com effeito depois de duas horas de um calor abrazador, exposto ao sol, sob um solo arenoso ou pedregoso, deparei com um grande jauarizeiro com quatro magnificos galhos, ornados todos de bellas frondas, com espadices de fructos, já seccos.

Para mim, e julgo mesmo que para a sciencia, esta aberração é nova, o que levou-me a desenhar immediatamente o pé, e cortal-o para com vagar estudar a ramificação dos tecidos. E' uma aberração da natureza, mas que segundo fui depois informado, repete-se com frequencia nos jauarizaes do Tapajós.

Depois de acondicionar o meu thesouro, segui na canôa até a ponta fronteira á ilha grande onde a corrente é impetuosa. Ahi dobrou a ponta a canôa, ajudada por espia, que levavam dous indios, saltando de rocha em rocha, e impellida pelas zingas dos dous que ficaram dentro della.

Custou essa passagem 20 minutos, de luta entre a força do homem e a das aguas. Os canaes formados pela ilha, por onde as aguas passam em caixões, com fragor immenso, constitue o Maranhão Grande. Tres grandes rochedos nús, encontram-se na entrada do canal. Depois de passar

esta cachoeira, penetrei n'um canal todo de rochas, pelo qual seguindo fui dar na cachoeira das Furnas (1), que não é mais do que um immenso poço, onde desaguam varios canaes, que atravessando por entre innumeras ilhotas de rochedos, em todas as direcções, ahi se lançam com grande marulho, redomoinhando as aguas, que lisas apparentemente ás vezes, forma varios redomoinhos, que principiam por pequenos circulos, se alargam, aprofundando consideravelmente, a abrir enormes gargantas em fórma de funil, que quando se fecham é com um grande estrondo levantando grande jorro d'agua. Ai da canôa que tocar n'um dos circulos impetuosos! E' immediatamente sorvida com toda a carga, e mui longe vai apparecer toda desmantelada. Formam-se assim neste lugar varios redomoinhos, destes, que em um minuto afundam quasi ao leito do rio e em menos, tomam o seu estado natural. Durante a cheia dizem ser medonha essa paragem pelas innumeras e repetidas *furnas* que incessantemente formam-se e desfazem-se, com horrivel estampido.

A's 2 1/2 horas da tarde estava sobre as Furnas, marcando então o Therm. 25° Reaum.

Apenas passam-se estas, varias ilhas de rochas de fórmas caprichosas, formam outros tantos canaes, por onde se escoam com rapidez as aguas da cachoeira do Coatá. Corre esta entre a grande ilha do mesmo nome e outras pequenas. Tres obstaculos nella se encontram, que são duas quedas e uma rapida correnteza n'um pequeno cabo formado pela ilha. Affluindo a maior força d'agua n'um canal de 200 braças, com declive, na passagem por cima de um recife que corre de lado a lado fórma a primeira queda, que não tem mais de um metro de altura.

Acima desta algumas braças outros recifes mais baixos

(1) Ultimamente naufragou nella Frei Pelino, missionario do Bacabal, salvando-se já exaustado de forças agarrado a um galho.

formam nova queda, de menos altura e cuja passagem é menos trabalhosa.

Quando cheguei á ilha, para evitar a cachoeira que ficasse á esquerda de quem sobe, penetrei n'um estreito canal de 4 a 5 braças entre rochedos, que costea-lhe a direita, e subindo por elle cheguei a um ponto, que pela sua pequena quantidade d'agua, impediu-me de seguir e obrigou-me a pernoitar ahi, visto como, sendo tres horas da tarde, não tinha tempo de transpor a cachoeira, para onde tinha de voltar. Sendo ainda cedo tomei a minha caixa de herborização e fui visitar a ilha e ver a cachoeira do Apuhy, cujo estrondo ouvia.

Penetrando pela floresta que cobre a ilha, na sua parte elevada, ahi encontrei uma outra especie de *Vitex*, de flores muito maiores, das que a *tarumá*, e de côr azul, que tem o nome de *páo d'arcórâna*.

Pela semelhança externa^a da flor os naturaes dão a essa verbeneacea esse nome, por assemelhar-se ás do páo d'arco, que é uma bignoniacea. Deparei com algumas orchideas minhas conhecidas antigas, como a *dichœa*, a *aspasia*, encontrando todavia duas outras, o *oncidium lanceanum* e um *epidendrum*, que pelo porte, me era estranho e estava infelizmente sem flores. Algumas *bifrenarias aurantiacas*, ahi haviam tambem sem florescencia. Entre as palmeiras só encontrei algumas baccabeiras e um ou outro specimen de *bactris*.

Sahindo a praia, avistei a poucos passos a magestosa cachoeira do Apuhy, magestosa não pela queda da agua, mas pelo caprichoso panorama que se goza. Que soberba natureza! O estampido das quedas, e o sussuro das aguas que depois se precipitam umas após outras no remanço, casam-se de maneira que formam uma harmonia forte, mais agradável, que enleva o hómem, que se esquece então de tudo para só contemplar o magnifico quadro. O cahir da tarde concorria para que mais poesia ahi encontrasse.

Começando a anoitecer, dirigi-me pela restinga pedregosa que fórma o canal, ahi então totalmente secco, e me dirigi para a praia onde ficára a canôa. Quando ahi cheguei, já a minha rede estava armada em duas magnificas arvores, e junto della a minha arma de dous canos. Na parte mais sombria da floresta, n'um ponto donde se avistava a canôa, o meu piloto escolheu para nossa dormida.

A frescura, o som nunca interrompido da cachoeira, a lua que magnifica coava sua luz por entre a folhagem, o cri-cri-cri dos insectos e a voz sonora de um *caprimulgus* que animava a natureza, fizeram-me gozar de uma das noites mais bellas da vida nas regiões equatoriaes.

Ao romper d'alva do dia 13, os cantos e gritos de bandos de araras, papagaios e maracanãs, que por sobre a minha cabeça passavam para irem para a *comedia* vieram despertar-me. Uma frescura agradavel me convidava a um passeio, pela mata, o que fiz, aproveitando o tempo em que ás costas se carregava a bagagem para a praia da mesma ilha opposta á em que eu dormira e acima da cachoeira do Coatá. Pelas 8 horas, porém, tive de embarcar para descer o canal, por onde na vespera subira, para entrar na cachoeira.

Podia ficar na praia onde estava a bagagem e esperar a canôa, mas preferi montar a cachoeira, soffrer a impressão que causa vêr o trabalho que dá e passar os mesmos riscos dos que me acompanhavam, para poder avaliar a subida de uma cachoeira.

Sendo abundante o peixe nesta paragem, ia de pé na prôa da canôa um dos indios, armado de arco e flexa, para matar alguns, mas infelizmente, só um *pacú*, pôde-se flexar. E' notavel a presteza com que despedem a flexa logo que avistam algum peixe e a certeza no desconto para o acerto da mesma.

A's 9 horas estava em frente da primeira queda, que me parecia insuperavel.

Ahi estava um negociante com uma grande canôa, descarregada, sobre umas pedras, lavada pelas aguas, haviam já oito dias, sem que podessem livral-a do perigo. Deixando a minha canôa n'uma pequena enseada, mandei a minha tripolação ajudar a tirar a canôa do perigo em que estava e fazer passal-a todos os obstaculos. Estava esta sobre as rochas do recife de que fallei, que fórma a primeira queda ou queda grande do Coatá, como se denomina, junto ás rochas da margem direita. Junta a tripolação das duas canôas, parte atirou-se n'agua e parte, depois de sirgada a canôa, tomou a longa sirga e estendeu-se pelas rochas da margem.

Acostumados ao trabalho nas cachoeiras os indios e tapuyos, não deram mostras de soffrer a corrente, e uns aqui mergulhando, outros alli banhando-se mostravam-se satisfeitos.

Estendida a sirga que levavam, tomou o meu piloto o leme, a gente que estava n'agua metteram-se uns por baixo da canôa onde esta o permittia, outros pelos lados e começaram á força a suspendel-a, uns com as costas, outros com as mãos, enquanto era tambem puxada pela sirga. Depois de inaudito trabalho de mais de duas horas, concordou-se em fazel-a descer o rio para subir pelo lado opposto, onde se bem que a corrente fosse mais caudalosa tinha menos pedras.

Com effeito impellindo-se a canôa para baixo, esta com algum custo safou-se e seria levada pela corrente se não a sustentassem á sirga. Então passando a tripolação para ella, com uma velocidade incrivel desceu, inclinando-se para a margem opposta, obedecendo ao leme que o meu piloto com mestria e força governava. Chegando á margem opposta, saltando todos sobre as rochas, foram uns levar a sirga para uma ponta fronteira á em que tinha de passar a canôa, ficando entre estes dous lugares uma enseada circular, que formava um remanço assás fundo. Ahi, como

da primeira vez, foi a canôa sirgada e impellida pela força dos indios, que com agua acima da cintura a suspendiam e impelliam. Depois de meia hora de trabalho galgou a queda e entrou pelo remanço.

Gritos então de alegria, coroaram a passagem ; conduzida depois a zinga, transpoz sem muito trabalho as outras passagens, indo fundear na praia onde estavam as cargas. Descendo por sobre as rochas, voltou a tripolação a buscar a minha canôa, que pelo mesmo processo passou, mas sem tanto trabalho por ser muito menor.

Estando a tripolação cançada para embarcar as muitas cargas do negociante, e tendo de ajudal-o a passar a cachoeira do Apuhy, falhei esse dia. Sendo cedo, internei-me pela mata depois de ter examinado algumas *podostemeas* que ahi cobrem as rochas, já seccas e completamente inutilizadas. Algumas bonitas e em flôr avistava no centro da corrente sobre rochas onde era impossivel chegar-se.

A ilha é elevada e cobre-se de vegetação inteiramente diversa da que cresce na arêa entre as rochas da praia, que é composta de *rosaceas* e *myrtaceas*, grandes arvores, soberbas palmeiras compõem a mata. A *dipterix odorata*, e a *lecythis ollaria* ahi predominam. O *astrocaryum jauary*, *maximiliana régia*, *œnocarpus distichus*, são as palmeiras da parte elevada, emquanto a *bactris marajá*, e *geonoma paniculigera* e *multiflora*, crescem em algumas baixas. Algumas orchideas encontrei, das mesmas que já referi, encontrando mais uma *burlingtonia*, uma *schomburgkia* e uma variedade da *maxillaria uncata*.

Voltando tarde depois de uma refeição ligeira, me dirigi para a cachoeira do Apuhy, para ver o braço que deita para a direita denominado Frechal, e que sahe á direita do Maranhão Grande. Ahi a corrente é impetuosa, descendo em caixões sobre caixões, que se quebram nas lages, que obstruem a passagem com um fragor de ensurdecer. Chegando a uma rocha na borda da cachoeira, ahi assen-

tei-me, admirando o abysmo revolto que se abria a meus pés.

Ao cahir da noite dirigi-me para a praia onde encontrei no grande areal que ahi existe a minha rede armada em duas zingas, entre outras dos companheiros.

Quando as trevas deviam cobrir a natureza, a lua apresentou-se com todo o brilho, argentando as aguas, e dando encanto ás areias das praias. Deitado ao relento adormeci ao som do hymno gigante que entoava a cachoeira ao Creador.

No dia seguinte atravessou-se as cargas para a ilha do Apuhy, que fica fronteira, e foi conduzida através da floresta que a cobre, para a margem de um braço da cachoeira do Apuhy, que mansa e suavemente corre por entre pedras. Passando-se parte do dia neste transporte, não pude seguir viagem, e aproveitei a manhã, para correr a floresta.

Ahi abunda o cumarú de duas especies, *dipterix odorata* e *oppositifolia*, varias *lecythideas*, a *siphonia elastica*, e algumas palmeiras. Ahi desenhei a flôr do jauary, e encontrei uma variedade nova da *bactris simplicifrons*, com o habitus e fructificação igual, mas afastando por ser aculeada, que denominei a *gracilis*. Entre as orchideas, crescem sobre alguns troncos a mesma especie de epidendrum, que encontrára no Coatá.

Examinando á tarde as rochas que formam a cachoeira, notei que quasi todas eram de diorito, e diorito compacto, vindo esclarecer-me um ponto ethnographico. Diziam-me não existir na provincia as rochas de que eram feitos os machados, que se encontram dos antigos habitantes das selvas, e este encontro veio mostrar-me a origem delles, pelo menos dos que tenho encontrado, que são de rocha da mesma natureza.

Diversas rochas granitoides, como o syenito, encontrei, já formando grandes blocs, já esparsos pela areia todas mais ou menos cobertas de uma oxydação, que as tornam desconhe-

cidas pelo brilho que apresentam. Esta especie de oxydação cobre todas as rochas, dando-lhe um tom avermelhado.

Colhi diversas amostras, que tive occasião de remetter depois ao Governo Imperial. A cachoeira que abrange a largura do rio é dividida por tres ilhas, que formam quatro canaes, sendo os tres da margem direita os que formam grandes corredeiras, embaraçadas por pedras e com mais declive, como o primeiro da direita, o Frechal. Fica esta na L 4°, 32', 0'', e na Long. 55°, 54', 23''.

No dia 15, depois de passar a manhã em algumas investigações, fui atacado de febre que levou-me á rede.

A par da bella natureza, e das riquezas vegetaes e naturaes que se encontram ahi, ha uma praga, que torna insupportavel a viagem por essas paragens. E' a dos piuns e borrachudos, que em nuvens nos cobre o corpo, e cujas mordeduras causa inflammação nas mãos e rosto ; chega a suppurar e leva o viajante á cama com febres. O piun é um *diptero* quasi imperceptivel, cuja mordedura fica assignalada por uma pinta vermelha, como a dos borrachudos. Alimentando-se quasi que exclusivamente do nectar das flores do assacu, causam as suas mordeduras, quando em abundancia, os mesmos symptomas de envenenamento, dos produzidos pelo veneno da planta.

A ausencia dos passaros e aves torna notavel a região das cachoeiras, a não ser o canto, ao crepusculo, do crá-chué (1) (*turdus*), e os gritos dos papagaios, araras e maracanãs, nenhum mais se houve. Sendo então o tempo dos tucanos, apenas um ouvi cantar. Se a fauna por esse lado é pobre nas margens, não o é quanto ás onças, *felis jaguapara*, *Liais* e *felis concolor* que ahi abundam.

O parecido som rouquenho de um engenho a trabalhar ao longe, vem ao alvorecer e anoitecer, annunciar a pre-

(1) *Uirá*, passaro, *chué*, que chora. E' o *sabiá* de outras provincias.

sença das guaribas, *mycetes*, tal é a voz desses primates, produzida pelo grande hyoide, que as caracteriza. Duas especies ali vivem em sociedade, occupando cada uma, uma das margens do rio, a preta e a vermelha. Habitam estas a margem direita e aquellas a esquerda. Dizem que entre os passaros notam-se tambem modificações nas côres, sendo mais vivas as da margem oriental.

Nesse mesmo dia, emquanto a febre consumia-me, fazia-se a passagem das canôas. Principiando ás 8 horas da manhã a sirgar-se as mesmas, só ás 3 horas da tarde chegaram ellas ao canal ultimo da esquerda, hoje medindo um palmo a tres de profundidade, mas de perigosa passagem no tempo das enchentes. Existe ali uma ponta de pedra denominada *Cabo Lino*, que é a parte mais perigosa do canal, por arrastarem para ella as correntes todas as canôas, que não havendo muita pratica e cuidado nella naufragam. (1) Tira o seu nome do de um cuyabano que ali primeiro naufragou. A custo atravessando a mata da ilha, na margem desse canal pernoitei.

No dia 16 depois de embarcada a mesma bagagem, despedi-me do negociante que ajudára a subir, e pelas 11 horas segui viagem. Depois de atravessar o canal *Cabo Lino*, que tem seu leito todo pedregoso, sahi no rio, que então alarga-se consideravelmente e apresenta-se semeado de ilhas cobertas de jauarys. A margem esquerda ali cobre-se de *páo d'arco* (*bignonia*), que se destaca das outras arvores pela sua copa coberta de flores amarellas. Pelas 2 1/2 horas da tarde atravessei em frente da embocadura do Igarapé Pimental, que desagua na mesma margem pouco abaixo da cachoeira Uruá (2). Passando este, diri-

(1) Pela circumstancia de quebrarem-se nellas as aguas, e não desviarem-se, como acontece nas outras rochas que interceptam as correntes.

(2) Nome de um *gasteropode*, do genero *ampularia*.

gi-me pelo meio do rio para a margem direita, demorando-me algum tempo em uma ilha, onde em volta della mandei pescar. A's 3 1/2 chegava ás corredeiras do Uruá, impropriamente chamadas cachoeiras, porque não constituem ellas mais do que grandes massas d'agua, que, apertadas entre os recifes que se atravessam irregularmente de uma a outra margem, mais ou menos parallelas, se precipitam impetuosamente sem formarem quedas. Corre esta ora de N a S, ora de S E a N O.

Tendo atravessado ellas, ora á sirga, ora á zinga, cheguei ás 5 horas da tarde á ultima, onde sobre uma ilha ahi passei a noite. Atada a minha rede a uma grande arvore secca, que ahi estava, preparava-me para deitar-me levado pelas dores que no corpo me tinha deixado a febre, quando de uma fenda que ella tinha, começou a sahir uma quantidade prodigiosa de morcegos, que em alguns minutos formou uma grande nuvem, que atravessou por sobre as cachoeiras. A lua que estava magestosa, e harmonia das aguas na sua rapida carreira, deram-me uma agradavel noite, que compensou o soffrimento do dia.

No dia seguinte, pelas 6 horas da manhã, deixei o Uruá e segui viagem pela mesma margem. Notei que as ilhas que aformoseam o rio dahi para cima, eram cobertas de vegetação mais basta, e vi campeando por sobre a floresta da margem, muito para o interior, gigantescos pés de palmeiras, *uauassus* (1), (*atalea excelsa*).

Algumas barracas de seringueiras apparecem pela margem ; de homens que atraz de um lucro fallaz, sujeitam-se a passar todo o verão na mata, sem um só companheiro, vivendo vida de condemnado, e de animal. Pelas 9 horas passei a foz de um dos tributarios do Tapajós, denominado Tamanduá, onde outr'ora os Uuarupás tiveram uma maloca.

(1) *Uá*, fruta ; *açú*, grande.

Quasi fronteira, fica-lhe uma pequena ilha, arenosa, coberta de *astrocaryum jauarys*, que se cobrem de *tillandsias*. Pelas 2 horas da tarde cheguei á maloca de indios Mundurucus, chamada do Boburé. Chegando gravemente doente, não pude seguir viagem.

Quasi deserta, hoje a maloca do Boburé, não é mais do que um pequeno centro de tres familias, compostas de vinte a trinta individuos de ambos os sexos, representantes da grande tribu dos Mundurucus. Meio civilizados, não fallam comtudo ainda o portuguez, e quasi todos deixaram os seus usos primitivos. Poucos são os que são pintados. Chegando entre elles, fui bem recebido e agazalhado, não me deixando o velho tucháua, quasi que um só instante. Entre elles passei a noite, seguindo no dia seguinte pelas 7 horas para cima. Ao deixar o porto da maloca, encontrei algumas *pontederias*, que estavam em flôr, e algumas *nympheaceas*. A's 8 1/2 comecei a montar a cachoeira do Boburé, que são semelhantes ás do Uruá, porém apresentando comtudo algumas quedas, entre os recifes que a compõem, correndo de O para L. Tendo de descarregar-se a canôa para subir algumas quedas, saltei em terra, na margem direita. Correndo os rochedos que aqui e alli entre a areia formam immensas chapadas, encontrei sobre alguns diversos e differentes sulcos, uns já gastos, outros ainda perfeitamente visiveis, que mostravam ter sido feitos pela mão do homem.

Examinando com attenção as suas fórmas, comparando uns com outros, medindo as suas profundidades, cheguei a convencer-me de que ahi é que eram aperfeiçoados os machados de pedra que se encontram nas margens do Tapajós.

São tão claros, que recordam perfeitamente as diversas fórmas dos mesmos, nos indicando com precisão, onde eram aperfeiçoados os grandes e os pequenos; onde alisavam-se as faces; amollavam-se; arredondava-se os

lados, etc. Penetrando para o interior ahi vim a certificar-me que não errava quando assim pensava, encontrando vestigios de uma maloca, pelos fragmentos de louça e de diorito, do mesmo da cachoeira do Apuhy, que ahi encontrei. Pelos fragmentos de diorito, vê-se que os mesmos machados eram, depois de debastados em terra, aperfeiçoados sobre os rochedos, banhados pelas aguas. A rocha ahi perpetua um facto, que não admite duvida.

Passando a cachoeira, o rio desobstrue-se de ilhas, alarga-se e tem as suas margens, direita pedregosa, e esquerda coberta de praias de fina areia, conservando-se sempre montanhosas.

A primeira ilha que se encontra, depois de longo espaço, é pequena, coberta de recifes e a segunda coberta de dous tufos de verdura, que a tornam summamente pittoresca. Deixa entre ellas e a margem um canal de 50 braças de largura.

Desembarcando pelas 11 horas na barraca de um seringueiro, aproveitei o tempo de preparar-se o meu almoço em percorrer a floresta. Abunda ahi a *syphonia elastica*, que toda arrochada, deixava correr o leite, que se depositava em pequenas tigellinhas grudadas ao tronco; o *eriodendrum sumauma*, a periquiteira (*bombax*), duas especies de *cecropias*, pão d'arco (*bignonia*), e algumas tabocas (*graminea*). Encontrei ahi um *ornythrocephalus*, que acabava de florescer. A temperatura media 24° Reaum.

Deixando a floresta segui viagem. Notei então que toda porção de rio desde a primeira queda do Boburé, é embelezada por profundas e continuas enseadas, que quando são arenosas cobrem-se de jauarizeiros.

Fronteira ao lugar em que desembarquei fica a ilha do Mamboahy.

Passando esta cheguei á morada de um preto sorocabano, ás tres horas da tarde. Ahi tive occasião de matar

algumas araras, que n'uma enorme *cuieira de macaco* (*lecythis*), das frutas da mesma faziam seu pascigo. Ahi passei a noite felizmente sem febre.

Tendo armado a minha rede no copiar (1) da casa, pude apreciar o lindo luar, não conseguindo conciliar o somno senão depois de uma hora da noite, por causa do canto melancolico do *yuru-tahy* (2) ou *uru-tahy*, que sem querer procurava ouvir.

Yuru-tahy é um fissirostro nocturno do genero *caprimulgus*, cujo canto, sendo melancolico, como que arremeda uma gargalhada de mofa e compassada ; começando forte as primeiras notas e diminuindo progressivamente as ultimas. Com pequenos intervallos repete o canto, que no silencio da noite ouve-se longe, e causa mais ou menos impressão, chamando a attenção para elle. E' para os indios um Deus submettido á *Yacy*, lua, que é a deusa dos vegetaes. Contam as velhas tapuyas, que é um passaro folgazão, e que o seu canto isso demonstra.

Dizem ellas, que outr'ora, passando uma mulher, que voltava da roça, por cima de um tronco que estava cahido, atravessado no caminho, teve de, para passal-o, levantar um pouco a perna, e que passando tambem momentos depois o *Yuru-tahy*, ao tronco fez esta pergunta :

— Muirá atuçaçáua neara rupi ? (3)

Ao que respondeu logo o tronco :

— Turuçu çerá cunhan yuru neaué catu. (4)

Gostando elle da pilheria, soltou uma grande gargalhada : Uá ! Uá ! .. Uá ! ... Uá !

Hoje quando o luar é claro, pela calada da noite dizem que elle recorda-se do facto e solta a gargalhada.

(1) Uma especie de varanda.

(2) *Yurú*, bocca ; *tahy*, grande. Será a *mãe da lua* de outras provincias ?

(3) Páo, quem passou por cima de ti ?

(4) Uma mulher com uma bocca tão grande como a tua.

E' grande com a plumagem toda pedrez, olhos negros, grandes e salientes, bocca extremamente rasgada com o bico superior muito pequeno e unciforme quasi occulto por pennas que terminam capilliforme, e o pescoço semi-pardacento. Pousa perpendicularmente na ponta dos páos seccos, e isolado com a cauda entre pernas, de maneira que pareça a continuação do mesmo. Pouco esvoaça, deixando sómente o seu poleiro para arremeçar-se sobre as suas presas, que são sempre insectos, voltando para elle d'onde solta o seu canto ou gargalhada. Não faz ninho, desova em qualquer ôco de páo.

Sahindo no dia seguinte pelas 6 horas da manhã notei que dahi em diante as margens têm florestas que chegam á praia, não sendo tão elevadas. Apparecem poucos recifes, sendo o leito pedregoso. Muitas sumaumeiras, e massarandubas do igapó, ahi apparecem. Da ponta dos *Encantados*, que fica na margem esquerda, fronteira a um recife da margem direita que se entromette pelo rio, começam a apparecer algumas ilhas pedregosas, com pouca vegetação, que infelizmente não florescia. A vegetação das margens do Boburé para cima é mais virente. A's 7 1/2 entrei n'um canal formado por uma grande ilha, com basta vegetação, junto á margem direita; entre esta e uma outra menor coberta de gramineas e arenosa, ha outro canal, pedregoso, onde o rio corre com grande velocidade, formando uma pequena queda que fôrma, a que chamam o *rabo do mergulhão*. O canal por onde passei que desemboca, onde o rio em toda sua largura tem 2 1/2 milhas, é tambem ouriçado de pequenos rochedos, por entre os quaes o rio corre com velocidade com aguas desencontradas. A 1/2 milha, depois de se entrar neste canal, encontra-se uma ilha em fôrma de ferradura, que o divide em dous traços, tendo o da esquerda 300 braças de largura e o da direita, que mede metade desse numero, uma forte corrente. A parte occidental da ilha, que forma a abertura da ferradura, é terminada por

um bosque de *astrocaryum jauarys*. Pouco acima desta ilha á margem direita (terra firme) apresenta um espaço de 20 braças em quadro, onde a mata foi derrubada, jazendo ainda por terra os troncos, entre os quaes encontrei algumas sepulturas, cobertas de *japás* (1), ou por varas deitadas longitudinalmente do comprimento da sepultura. Uma cruz de páo pintada de preto, pia promessa de algum viajante talvez, nos indica ser ahi a ultima morada de alguns viajantes christãos. Victimias de naufragios ou de molestias, para ahi têm sido conduzidos aquelles que por essa região morrem.

Sendo um lugar de tristeza, como que a natureza não quiz impressionar o viajante que ahi toca, pois desdobra suas galas em torno, de maneira, que fórma ahi um dos pontos mais risonhos da região das cachoeiras. Descendo á praia depois de visitar aquelles que, como eu, navegavam, e ahi pereceram, encontrei dous ninhos de tracajás, (*emys*), contendo um 16 ovos e outro 24. As tracajás como as tartarugas, desovam nas praias, mas não em bandos como estas. Cavam uma cova na areia, depositam os ovos, cobrem-os com a mesma areia, que calcam depois com o peito. O calor choca-os e quando apparece alguma chuva sahem os pequenos tracajás. Um facto nota-se no viver desses chelonios, que passam a mór parte do seu viver debaixo d'agua, sahindo sómente algumas vezes para sobre as pedras seccarem-se ao sol, e é que, logo depois de uma forte trovoada, sempre apparecem elles á superficie das aguas, ou sahem para as praias.

Os pescadores não deixam escapar esta circumstancia, e no dia seguinte a uma noite de trovoada, sahem a fazer a pesca, que sempre então é abundante.

(1) Especie de esteira, feita de duas *meaçauas*, isto é, de dous tecidos em angulos rectos, feitos com folhas inteiras de palmeiras, empregados em toldas de canôas, portas, etc.

Não tendo encontrado até ahi senão alguns molluscos do genero *unio*, encontrei então alguns representantes do genero *castalia*, de varias especies e tamanhos. Continuando viagem, notei que este canal, que tem a sahida muito marulhada, por atravessar a corrente entre ilhotas de rochedos, é um desvio para evitar a cachoeira do *Meryulhão* que lhe fica parallela. Ahi a temperatura as 9 horas da manhã era de 24° Reaum. Logo depois da sahida, parei em uma bella enseada, onde almocei, e encontrei algumas pontederias. Fica-lhe defronte uma pequena ilha de rochedos com tres arvores, despidas de folhagem, carunchosas, mas de um aspecto muito agradavel. Um dos mais ricos tributarios do Amazonas, é tambem o Tapajós um dos mais bellos, e que mais variadas e interessantes scenas apresenta sobretudo á medida que sobe para suas nascentes. A's 11 horas penetrei novamente em rio morto, donde se avistam innumeradas frondas de uauassus, que se elevam acima da floresta. A's 2 horas da tarde cheguei ao sitio denominado S. Francisco de Paula, sahindo ás 4 horas com uma temperatura de 28° Reaum.

Fica este sitio fronteiro á embocadura do rio Juan Xim. A's 4 1/2 começou a trovejar, zunindo vento S. Acalmando um pouco este, começaram a se agitar as aguas, passando a temperatura a 24° Reaum. A's 5 horas atravessei a ilha *Boia-açú* (1), que fica a 320 braças da terra firme, na margem direita, onde ha um lago em que dizem morar a *mãe d'agua* ou *boia-açú*, ou *bicho do fundo*, que é a mesma cousa. Supersticioso como é o povo do interior da provincia admite, como um facto incontestavel, a existencia de um ente sobrenatural, que vive sob a fórma de uma immensa cobra, a quem se deve a formação de alguns canaes, lagos, etc.

O desbarrancamento das margens dos rios, a secca de alguns lagos, são attribuidas á boia-açú. Sahindo de um

(1) *Corruptella* de *mboia*, cobra, e *açu*, grande.

lago, as aguas desapparecem e o caminho por onde passa, vai-se transformando em canal, ás vezes de 20, 30 braças de largura, que corresponde ao diametro da mesma. Sahindo nos grandes rios, as aguas encapellam-se, faz sobrar as canoas, carrega com as ribanceiras, e causa inundações. Credulos, não procuram averiguar a causa desses phenomenos, e attribuem-os á mãi d'agua, que nunca foi vista e que todos a evitam. Sedimentosos como são os terrenos da margem do Amazonas, não é para admirar os factos, de aberturas de canaes e de formações de lagos. Entretanto todos acreditam na boia-açú, não admitem que da existencia della se duvide, apezar de contar-se della factos inverosimeis, verdadeiras historias do Barão de Munkausen.

As pessoas mais sensatas, não crendo na mãi d'agua, julgam que a ficção mais se enraiga no espirito da gente credula, por apparecer com frequencia algumas sucurijús (*Eunetes murinus*) de tamanho fóra do commum. Se fôra a referir aqui, o que se diz ter praticado a boia-açú, muitas paginas me seriam precisas; por isso, deixando esta fabula tradicional, passo a continuar a minha viagem.

Da pequena bocca que communica o lago Boia-açú com o rio, começa a apparecer junto á margem muitas *pontederias*, que se prolongam por mais de tres quartos de legua. Ahi apanhei alguma chuva, que era seguida de forte trovada, fazendo-me gozar o espectaculo variado e mais bello que a natureza sóe apresentar. Atravessando por entre serrada chuva, avistava-se o sol que se recolhia n'um leito de purpura e anil, como que através de um véo, unido o firmamento ás aguas por uma linha de nevoa branca. A chuva cessou, e o sol appareceu depois quasi a sumir-se na linha do horizonte avermelhado, como um pharol, por entre a nevoa que então era côr de rosa. Desapparecendo depois o sol, as aguas tomaram uma côr plumbeo-rosada. Que lindo crepusculo!

Quando admirava a sublimidade da scena, que por todo o horizonte se apresentava, o meu piloto que já por alguns momentos estivera, como que reconcentrado, e não perdia de vista as aguas, como que procurando alguma cousa, me disse : — Patrão, não acredita na Oyoára.

Vendo que tratava-se de algum facto tradicional, pedi-lhe que me explicasse o que significava a Oyoára. (1) Tomando então um ar, que revelava receio, e ao mesmo tempo vontade de desabafar-se, começou em tom baixo a narrar uma lenda, que para elle era uma realidade.

Assim como dos indios primitivos da America do Norte, e dos da Asia e Oceania, ha lendas e tradições, que entretem hoje as familias muitas vezes em seus serões, assim tambem os nossos auctothones, legaram-nos tradições, que n'um povo ainda não muito civilizado, como são os tapajós, e os indios que ainda conservam alguns usos primitivos, passam por realidades, e influe muito no seu viver. Cheias algumas de poesia, outros de crenças jesuiticas plantadas pelos colonos portuguezes, hoje servem para mostrar a indole e conservar ainda alguns dos costumes antigos. Fóra da luz derramada pela civilização, essas crenças calam no animo do tapuyo, e não ha arredal-o dellas.

A Oyoára, como a sereia dos antigos, é a *nympha*, ou o genio dos igarapés, seductora dos mancebos tapuyos. E' uma mulher linda; a alvura de seu rosto, seus meigos olhos negros e sua bocca de coral, formam um conjuncto, realçado pelos seus cabellos negros e ondeados que pelas espaduas se derramam como um manto.

Seu corpo é um complexo de fórmias encantadoras, que contrastam com as negras fórmias do boto que toma da cintura para baixo.

Quando a noite é calma, que a lua argentêa as aguas

(1) Corrupção *y.* agua, com a dicção *oára*, que exprime naturalidade ou propriedade, significando : senhora d'agua.

dos igarapés, ou depois de um temporal á tarde, no descahir da noite, e que o crepusculo com suas doces e variegadas côres, embellezam a natureza, então a Oyoára apparece na superficie das aguas, sacode seus cabellos presos por flores de morerú (1) e entôa o seu canto. Canto de amor e de voluptia que ai daquelle que ouve! cegamente embriaga-se e atira-se nos braços daquella que o seduziu, que apenas tem em seus braços a presa, desaparece com ella, levando-a para os abysmos das aguas onde tem os seus palacios de ouro e pedraria.

Todos evitam o encontro da Oyoára. O itacára (2) pelas noites de luar, foge dos lugares onde dizem que ella mora ou pode encontral-a; todos temem o seu canto, entretanto que fugindo-se della, sem nunca ninguem a ter visto, assim mesmo quantos não dizem ter sido—*pegado pela Oyoára?*

Qualquer molestia cerebral, ou nervosa, é produzida por effeito da Oyoára, das quaes se curam com fumigações de alho, pimenta malagueta ou disciplinando-se com cordas d'arcos. Dizem que uma especie de *raiva*, ataca os que soffrem o encanto da Oyoára, differençaando-se porém, em que esta faz o individuo procurar a agua.

Esta raiva, encanto da Oyoára, não é mais do que effeito da imaginação escaldada pela tradição.

Pondo de parte a tradição, continuarei na descripção da natureza. O rio ahi corre para O e a temperatura baixou a 20° depois da trovoada. Chegando ás 6 horas da tarde ao Tucunaré cuara (3), fui aboletar-me na casa de uma familia Mauhe, onde sobre um grande *muquem* (4) varias especies de caça estavam se assando. Bem recebido

(1) Pontederia cordata.

(2) Pescador.

(3) Tucunaré, peixe tucunaré, do genero *cichla* e *cuara*, huraco.

(4) Armação de pão para assar caça ou peixe.

pelo Mauhe, chefe da familia, passei parte da noite tomando algumas notas sobre a sua giria.

Sahindo no dia seguinte pelas 6 horas da manhã passei pela pequena ilha do Tucunaré, que fica fronteira e parallelá á do Bom Fim, mais comprida, e quasi junta á margem esquerda.

Temperatura então 19° Reaum. Entre estas duas ilhas, ha um grande banco arenoso. Passando-se a ilha do Bom Fim varias outras, pequenas, que formam um canal de 35 braças de largura. Em frente á ponta da ilha do Tucunaré, desagua o canal do mesmo nome, com 6 braças de bocca, e de pequeno curso.

Entrando por elle tive de voltar, por não ter agua sufficiente á livre navegação da minha canôa, e costeando depois a ilha Tucunaré, entrei por um braço do rio que se une ao igarapé quasi na sua embocadura, e separa a ilha da terra firme. Descendo por este canal, fui dar a um pequeno porto, onde desci para tomar por terra o caminho para as terras dos Mauhes, isto é, onde estes indios têm as suas malocas. Este canal é estreito coberto de matas com leito arenoso, onde abunda a *castalia*. Grandes jauarys apparecem na parte arenosa, assim como vivem ahi socegradamente bandos de *opistocumus cristatus*, de mais de duzentos individuos, que ao aproximar-se a canoa, fazem ouvir o seu grasnar. Seguindo logo para os Mauhes tive de atravessar uma grande floresta, por entre a qual é sempre o caminho, se caminho póde chamar-se a passagem por entre a vegetação fechada, que se anda desviando, ora dos espinhos, ora dos cipós.

O terreno todo accidentado obrigava-me, ora a subir ora a descer, passando igapós, e igarapés. Rica em palmeiras é a floresta, que fórma dellas, em alguns lugares um bonito palmetum. O *astrocaryum mumbaca*, a *geonoma multiflora*, o *cyagrus cocoides*, as *bactris*, a *attalea insignis*, a *euterpe edulis*, *Ænocarpus batauá*, etc. enchiam

grandes claros, emquanto outras elevavam suas frondas acima das cópas mais altas das arvores. Bonita floresta, animada por innumerous cantos de uma especie de tanager, que em bandos escondiam-se entre a folhagem.

Ahi encontrei uma *euterpe*, o *assahysinho*, que por ser nova denominei *longibracteata*.

Por felicidade encontrei muitos exemplares, uns com fructos, outros com flores em varios grãos de desenvolvimento. Vi tambem ahi pela primeira vez a *Cenocarpus* minor, mas sem flor. Depois de meio dia de uma agradavel e util travessia pela floresta cheguei á primeira maloca, denominada do Sahy, nome tirado do do tucháua.

Está situada no alto de uma serra, em cuja fralda corre um lindo igarapé, sobre um espaço descampado, mas já invadido por nova vegetação, que occulta algumas casas. Compõe-se de varias cabanas, e é habitada por umas 10 familias, comprehendendo cerca de oitenta pessoas. Guiado pelo tucháua, dirigi-me á mata, onde me mostrou elle o sipó que entra na preparação do tabaco paricá, *aimbé*, na giria delle, e a folha que serve para sua torrefacção, uma myristicacea do genero *cocculus*. Voltando assisti ao curativo de um doente, por meio do *putuipe*, instrumento que descreverei, ao tratar dos costumes dos indios Mauhes, assim como do preparo do paricá. Passando a noite entre elles, no dia seguinte voltei; por me achar bastante doente. Sendo informado que as outras malocas eram iguaes a esta desisti de visital-as.

Usam elles ahi já de roupas, mas vivem, quér homens, quér mulheres quasi nús, conservando ainda seus usos primitivos. São affaveis, obsequiadores, e muitos intelligentes. Cultivam e fabricam o guaraná, *uaranaan*, na sua giria, assim como a mandioca, e o milho. Enormes e doces cajus ahi encontrei, cultivados por elles, e com os quaes me obsequiaram.

Estando a temperatura em 24° Reaum. ás 11 horas da manhã segui viagem.

Sahindo pelo mesmo canal, entrei novamente no rio, que então é muito largo, e completamente morto, obstruido por alguns bancos. A' 1 1/4 comecei a costear a ilha do Mamboahy, ou Namboay, que é coberta por uma densa floresta. Ao frontear-se esta um longo recife, destaca-se da margem e se prolonga pelo canal. A's 2 horas cheguei ao sitio de um mulato cuyabano, homem que a poder de immoralidades e vilanias tem conseguido dominar, escravizando grande numero de tapuyos, que trabalham para augmentar sua fortuna. (1) A's 3 1/2 passei pelo ribeirão Mamboahy, que tem actualmente 5 braças de embocadura, com um curso de mais de 20 leguas, e pelo qual se vai tambem ás terras dos Mauhes. Na sua foz, encontrei grande numero de *pontederias*. A margem ahi cobre-se de algumas rochas, que se destacam das arvores que chegam á praia; sendo algumas de quatro. Ahi o rio é completamente morto e corre a OSO. Marcando o Therm. 26° Reaum. ás 5 horas, começou a essa hora uma forte trovoadá, acompanhada de vento S que obrigou-me a demandar o porto do sitio de um Mauhe. Sendo a casa pequena, e estando ahi o tucháua da maloca do Acará com muita gente, preferi dormir á sombra das arvores, a beira rio.

No dia 21, pelas 7 1/2, sahi acompanhado pelo tucháua e parte de sua gente, que seguiam-me em uma grande canôa. Ao chegar á ponta da ilha, a margem que lhe fica fronteira apresenta uma barranca argillosa de 20 a 30 palmos de altura. Começa então a apparecer novas pequenas ilhas de rochedos, semeadas pelo canal. A's 9 horas cheguei a uma maloca de Mundurucus, onde me demorei por ter sido atacado violentamente pela febre, até ás 2 1/2 horas da tarde.

(1) Foi ultimamente assassinado.

Ahi assisti á fumigação da gomma elastica, e tirei o retrato do tucháua, cujo nome christão é Paulo. Inteiramente pintado, com a maior facilidade e sem cerimonia tirou as calças e poz-se nú para eu poder desenhar as listas da parte inferior do corpo. Depois de ter tomado alguns apontamentos ahi, segui viagem, chegando a outra maloca, porem de Mauhés ás 4 1/2 da tarde (1). Chama-se esta maloca, do José Pocu. Passando a noite nesta, que apenas hoje conta duas familias, sahi no dia seguinte pelas 5 horas da manhã chegando ao lugar denominado *Fechos da Montanha* ás 6 1/2 horas.

Ahi o rio estreita-se muito e ambas as margens são montanhosas. Pequenas ilhotas de rochedos salpicam o mesmo, que então é morto. A's 10 horas cheguei á pequena cachoeira do Acará. Uma successão de rochedos baixos fórma varios canaes, onde as aguas se precipitam espumosas com pequeno declive. De ambas as margens, ahi adiantam-se pontas, que estreitam muito o rio, formando então o verdadeiro fecho. Sobre os rochedos, cobertos pela agua crescem muitas *podostemeas*, e pascigam algumas garças. As aguas bramem ahi com estrondo, na sua passagem por um leito pedregoso e de encontro aos rochedos que procuram impedir-lhe a marcha. A passagem foi feita á sirga e com muita difficuldade, porque o embate da corrente offerecia a cada momento eminente perigo. Passada a cachoeira, continúa o rio a ser obstruido por lages de rochas, até em frente á maloca do Acará, onde cheguei ás 10 3/4.

Fica esta assentada á margem do rio, na fralda da montanha, e compõe-se de 12 casas, sendo a principal a do tucháua, ao lado da qual ha um grande rancho, onde passam o dia as mulheres e os homens da maloca que não

(1) Antes de chegar a essa maloca passei pela foz do igarapé Urubutu, onde pela revolução se refugiaram muitos cabanos.

estão em serviço. O uso geral do guaraná entre os Mauhes, ainda é observado com todas as formalidades.

Desde o romper do dia, até ás 5 horas da tarde, leva uma mulher, que é rendida quando está cançada, a ralar o guaraná, no centro do rancho, enquanto as outras cosem, ou catam-se assentadas em linha.

Os homens deitados nas redes que pendem de todos os esteios que sustentam o mesmo rancho, fumam o tauary, ou se embalam.

Rodeada de grandes cuias com agua, quando a mulher diz que o guaraná está prompto, levantam-se homens e mulheres, cada um por sua vez, com uma pequena cuia, e vem beber-o, indo logo após para o seu lugar. Acabado este, começa logo novamente a fazer-se outra porção, e assim passam o dia, de minuto em minuto bebendo o guaraná. Os Mauhes, são hospitaleiros intelligentes e mais vivos que os Mundurucus, sendo um typo mesmo diverso.

São mais claros, têm olhos mais vivos, notando eu que geralmente as mulheres são bonitas apesar de soffrerem quasi todas um pouco de strabismo convergente. A cerimonia do paricá, que alguns dizem só se effectuar em occasiões solemnes, não é exacto, tomam sempre em qualquer occasião em que estejam atacados de constipação ou molleza.

Empregam-se hoje na extracção da borracha ; e cultivam algum terreno, do qual colhem o milho, a mandioca e algum algodão, que fiam para o fabrico das suas redes.

Amendo a independencia, não quizeram seguir os conselhos dos missionarios que por ahi passaram, reunindo a população dispersa para formarem um centro para a thechese dos Mundurucus das campinas. São activos, e não tão faceis de enganar como os Mundurucus.

Passando o dia entre elles, tive tambem occasião de assistir a um simulacro da festa da tocandya, que para me obsequiar, fizeram. Dando uma idéa exacta, não

tinha contudo a importancia da grande festa da tocandya, por faltarem dous dos principaes elementos; o cachiry e a tocandya. Não havia enthusiasmo por isso, assim como porque diminuto era o numero de dansantes.

Fiquei todavia satisfeito, por ficar conhecendo essa dansa, ainda muito mal conhecida, e o uso dos instrumentos que nella entram.

A' noite dormi entre elles, alumiado pela luz produzida pela resina de jutahy e breu, de que se servem, fazendo-a arder sobre um cepo, que ha fincado no meio do rancho.

Pela madrugada do dia seguinte, seguindo viagem, cheguei ás 6 horas á cachoeira da Montanha.

E' esta uma das mais bellas e tambem a mais perigosa, depois da do Apuhy. Uma grande ilha quasi circular, de 200 pés de altura, coberta de densa floresta, embellezada por algumas palmeiras, divide o rio em dous braços, que formam as duas cachoeiras, ou antes famosas corredeiras por entre recifes, que produzem um fragor medonho. Ahi a canôa sobe á sirga, com a tripolação n'agua para empurrar-a ou suspendê-la quando é preciso. Passando a cachoeira o rio volta-se subitamente.

Chegando ahi a essa ponta vi que arriscava sem gloria minha vida se continuasse a subir, porque gravemente doente, sem recursos a morte era inevitavel; resolvi portanto descer novamente o rio. Dista esta cachoeira de Itaituba 75 leguas e da maloca do Acará uma. Ahi as margens são elevadas e cobertas de matas.

Voltando á maloca a despedir-me desses bons amigos, ahi me demorei um pouco, de maneira que passei a cachoeira do Acará ás 12 horas, chegando ao Tucunaré ás 6 horas. Dormi esse dia na canôa.

No dia seguinte sahindo dahi ás 6 horas da manhã cheguei ao sitio do Manoel Raymundo ás 10 horas. D'onde sahi depois a explorar o Juanxim, de que fallarei mais tarde.

Dia 25. A's 10 1/2 passei as cachoeiras do Boburé; ás 2

a do Uruá e ás 3 passei a do Apuhy, dormindo na ilha do mesmo nome.

E' admiravel a rapidez com que se desce, e como o proeiro ajudado pelo piloto em um segundo desvia a canôa de um perigo eminente. Nas cachoeiras, a queda da canôa é rapida como o pensamento.

Sensação singular se experimenta então ; é um mixto de orgulho e medo, de prazer e alegria.

Sahindo ás 6 horas da manhã do dia 26, passei logo a cachoeira do Coatá e ás 9 1/2 a do Maranhão Grande.

Chegando a esta, tomei pelo canal estreito de margens pedregosas, que tem uma pequena queda, na margem esquerda, e algumas ilhas de rochedo pelo centro. Este canal evita a passagem pelo Maranhãosinho, que demanda na descida muito cuidado pelos innumerous canaes entre rochas, para as quaes chama a corrente. Esta cachoeira tinha outr'ora o nome de *Piracaiú* (1) alludindo ao peixe que se encontra ás vezes morto ou de *bubuya* (2) sobre as aguas pelo embate das mesmas nas pedras.

Quando davam 2 horas da tarde chegava eu à ilha Tracuá, d'onde sahi ás 3 horas, chegando a um sitio de um seringueiro na margem esquerda ás 6 1/2 da tarde. Ahi tomando alguns apontamentos, passei a noite até a 1 1/2 hora; sahindo então em direcção a Itaituba.

Rompeu o sol do dia 27 para mim quando atravessava a embocadura do Tapacorá-açú, vindo descançar e tratar-me da molestia apanhada nesta excursão ás 10 horas da manhã.

(1) *Pirá*, peixe ; *caí*, doudo.

(2) Boiando levado pela correnteza.

IV

GEOGRAPHIA E ETHNOGRAPHIA.

O rio Tapajós ou Preto, como vulgarmente é appellidado pelos habitantes de suas margens, pela sua importancia natural, e pelo futuro que offerece áquelles, que de suas riquezas se quizerem aproveitar, geographicamente merece um artigo especial, porque, se bem que já fosse tratado pelo Conde Castelnau, e pelo engenheiro portuguez Ricardo Franco de Almeida Serra, ainda hoje é quasi desconhecido, a não ser pelos negociantes que por elle navegam annualmente commerciendo. (1)

Não faço uma descripção circumstanciada de todo o seu curso, mas indicarei com exactidão o que sei pelas informações que colhi de homens eminentemente praticos deste

(1) Em 1802 e 1815 houve duas expedições ; sahindo a segunda em 14 de Setembro do rio Preto affluente do Arinos, chegou a Santarém em 27 de Novembro.

De 1827 a 1828 foi explorado pelo Cons. G. Langsdorf e ultimamente pelo Sr. Chandless.

rio, pelo que pude observar, e pelo que consta já escripto. Occupando um lugar distincto entre os tributarios do Amazonas, farei por corrigir alguns erros que se têm vulgarizado sobre elle. Simples será a minha exposição e conscienciosa a indicação do que sei e observei. Como todo o commercio hoje é feito pelo Arinos, descreverei este e não tratarei do Juruena.

O rio Tapajós, que propriamente assim é chamado, nasce da união de dous grandes affluentes, o Arinos e o Juruena, depois de ter recebido o S. Manoel. As fontes principaes destes dous affluentes estão nos altos campos dos Parecys, vulgarmente chamados serra dos Parecys, a 14° e $42' 30''$ Lat. S $63^{\circ} 3'$ Long. O de Paris. O Arinos abrangendo um espaço de 100 leguas de E a O com duas ramificações que se cruzam com as aguas que correm para o Paraguay e seus affluentes, tem verdadeiramente sua principal nascente a 15 leguas da Villa do Diamantino. A fazenda do Estivado, onde esteve Castelnau, pôde ser considerada a linha divisoria entre as aguas que correm para os rios do N e as que correm para os do S. O *rio Preto* uma das principaes fontes do Arinos, fica 3 a 4 leguas da Villa e o seu porto a 5 ou 6 da mesma. Por ahi navegam as canôas que vão de Itaituba para o Diamantino, apesar de ser um rio estreito, com 10 a 15 braças de largura e geralmente obstruido de páos.

Passam por elle canôas carregadas com 1 a 2.000 arrobas.

Dahi começa o Arinos, que perpetua o nome de uma tribu de indios, hoje desconhecida, que já vem com 20 a 25 braças de largura, ficando logo abaixo na margem esquerda o Porto Velho, que está na Lat. S $13^{\circ} 57'$ e na Long. O Green. $56^{\circ} 9'$. Passando o lugar denominado *Registo Velho* desagua o rio *Prata*. Pouco abaixo fica a cachoeira dos *Páos*, formada de grossos madeiros, que atravancam o rio. Ahi já o rio é obstruido por ilhas, e desagua na mar-

gem direita o rio dos *Patos*, onde habitam os indios *Bacairis*. Vinte leguas abaixo do Porto do Rio Preto fica a embocadura do *Sumidouro*, por onde desceu em 1747 João de Souza de Azevedo e não João da Cunha Azevedo, como dá Lacerda no seu Diccionario, que em companhia de Pascoal Arruda vinham em busca de ouro; por elle tambem desceu em 1805 João Viegas e em 1812 Antonio Thomé de França. Sendo o primeiro navegante do Tapajós, o portuguez filho da Ilha da Madeira Leonardo de Oliveira, segundo refere o Padre José de Moraes, na sua *Historia do Estado do Maranhão*, I. pag. 511. Tem a barra deste rio 15 braças pouco mais ou menos de largura, sendo sua corrente rapida e d'agua crystallina. Fica na Lat. S 13° 23' 30'' e na long. O 56° 47' 30''. As margens do Sumidouro são habitadas pelos indios *Parecys*, que como os *Mundurucus*, usam tambem de uma capa de palha, para encobrir o orgão sexual. Passando-se a ilha do *Cyriaco*, que recorda o nome de um viajante que ahi morreu, chega-se a uma grande campina á direita, onde dizem habitar os indios *Mambyuaras* e *Tapanhonas*. Trinta leguas abaixo do Sumidouro desagua o rio *Tapanhonas*, que tem pouco mais ou menos 20 braças de bocca. Ahi e pelas barreiras do *Genipapo*, mais abaixo aparecem os *Tapanhonas*. Pela abundancia que ha da fava, chamada de Santo Ignacio, existe ahi um lugar denominado *Faval*. Doze leguas abaixo fica o *Barranco vermelho*, abaixo do qual existem algumas ilhas. Dahi em diante começam a apparecer matas pelas margens, mais frondosas. Ha ahi uma arvore, que se encontra tambem no baixo Tapajós, denominada pelos *Cuyiabanos Tucuri*, que se emprega no fabrico de *ubás*, que fórma nos lugares banhados pelos rios bosques fechados. Vinte e cinco leguas abaixo do Tapanhona, fica *Pouzo Alegre*. É um lugar em que repousam aquelles que vem do Tapajós, e se felicitam por ahi terem chegado a salvamento, depois de innumerous perigos. Com effeito até ahi

o rio que corria placidamente começa a ser obstruído por cachoeiras e saltos.

Abaixo deste ponto milhares de escolhos ou ilhas de rochas, formam um labirinto de canaes, que vem depois formar a cachoeira da *Figueira*, que não formando queda é contudo muito marulhosa, só dando passagem pela parte direita. Segue-se depois o *Boqueirão*, que é um canal muito revoltoso.

Em continuação recifes entre os quaes ha grande correnteza, formando a cachoeira do *Rebojinho* que é insignificante, e menos perigosa, do que os baixios que se lhe seguem. Consta haver ouro nesse lugar.

O rio dahi para baixo é cheio de pedras, havendo uma no centro de 24 palmos de altura, com 120 de circumferencia. O maior tributario do Arinos ahi desagua algumas leguas abaixo, na margem direita, que é o *rio do Peixe*, com 40 braças de largura, pouco mais ou menos. Ahi a largura do Arinos é de umas 100 braças. As cachoeiras do *Rebojinho* e *Meia carga*, têm uma rapida correnteza, que obriga a serem sirgadas as canôas. Passadas estas o rio torna-se morto, e faz numerosas voltas, até encontrar-se com uma ilha longa, que fica quasi defronte da foz do Juruena. De Pouzo Alegre á foz do Juruena, são 42 leguas, tendo esta de largura 180 braças, emquanto que o Arinos ahi apparece só com 100 de largura, porém unidas as aguas, apresentam uma largura de mais de meia milha, semeada de ilhas que encobrem ao observador uma das margens.

Fica a junção de 10° 24' 30" de Lat. S e 58° 2' 45" de Long. O. Desta união para baixo o rio continúa com o nome de Juruena, impropriamente, porque dahi é que deve começar a chamar-se Tapajós.

Os rios Arinos e Juruena, assim unidos, caminham entre ilhas de grande extensão, até o ponto em que o leito é forrado de innumeradas rochas, que formam recifes e lages,

pelo que esse lugar se denomina *Lages*, ficando a 6 leguas pouco mais ou menos da junção.

Abaixo desse ponto fica uma extincta aldêa de Appiacás, com o nome de *Largo da Povoação*.

Cinco leguas abaixo a *Sirga do espinho*, que é uma agglomeração de recifes e ilhas, que formam as margens e o leito do rio, e occultam a foz do rio *S. João da Barra* que ahi desagua, na margem esquerda. Começam a apparecer as montanhas que vão dar ao Salto Augusto, chegando-se depois ao *Taquaralzinho*, onde estão aldeiados os Appiacás.

A posição geographica desse ponto é o paralelo 9° 2' cruzado pelo meridiano 58° 16' 40".

Os Appiacás são ahi os melhores auxiliares da navegação, já vendendo aos navegantes os seus productos e comprando os que precisam, já guiando as canôas e empregando as suas forças, no transporte de cargas. Cultivam a mandioca, a canna de assucar, o algodão, a batata doce, as bananas e o milho, que plantam em roda de suas cabanas ou a pouca distancia, e colhem tambem a salsa e a borracha. Usam um quadrado preto pintado em torno aos labios. Sahindo dos cantos da bocca uma linha da mesma côr que termina nas orelhas e duas outras, uma partindo das azas do nariz a juntar-se na orelha com a primeira, e a outra sahindo dessa junção e terminando no queixo, onde dobra-se em angulo para o beiço, como tive occasião de ver. São bonitos, trabalhadores e activos, e fallam bem a lingua geral.

Hoje é pequena a tribu porque muitos têm sahido para emprego com particulares, e mesmo porque a maior parte delles, não querendo entreter relações com os brancos, refugiaram-se no rio *S. Manoel*, onde formam hoje uma nova tribu, mais numerosa, com o nome de Parabitetés. Usam estes a mesma pintura nos labios e pouco commerciam. São indios de boa estatura, olhar franco e mais claros do que os Mundurucus.

Os Appiacás têm uma outra aldêa, em uma ilha abaixo. Passando a embocadura do S. João da Barra, existe uma grande cachoeira, de forte correnteza, podendo calcular-se a velocidade das aguas em 8 a 12 milhas por hora.

Uma legua abaixo, está a *Salto Augusto* ou *Salto Grande*. De Itaituba a este ponto, gasta uma canôa escoteira um mez, e carregada dous.

Fica na Lat. S 8° 53' 15" e na Long. O 58° 15'. Ahi existe outro aldeamento de Appiacás, pertencentes como os outros á provincia de Mato Grosso, sendo ahi que naturalmente todos dão o limite da provincia do Pará.

Esta é a barreira maior que encontra o navegante, que passa de uma para outra provincia, que pelas cheias de inverno torna-se medonha e faz desanimar todo aquelle que não conhece a sua navegação. Sendo horrivel ahi o estampido da agua, precipitada, por tres canaes, dos quaes o da direita, se bem que não seja o mais alto, é o que tem maior volume d'agua e ha entretanto encanto em contemplar-se a effervescencia das aguas que se despenham.

O canal da direita mede quasi 40 braças de largura, enquanto que o da esquerda não tem mais de 25. O terceiro tombo fica muito mais abaixo.

As canôas não transpõem ahi o salto, mas servem-se de um varadouro, por onde carregam as cargas ás costas.

Dahi começa uma serie, quasi que não interrompida de cachoeiras, mais ou menos perigosas, mas pelas quaes se desce, ajudado á sirga, ou sómente á zinga, que terminam-se no Salto de S. Simão. Pela ordem natural são estas: Tucurizal, Furnas, Salsal, Rebojo, Banquinho, Lage de S. Lucas, Saival, Dobração, S. Gabriel, S. Raphael, Santa Iria, Banco de Santa Ursula, Canal do Inferno, Misericordia, S. Florencio, Labyrintho, Salto de S. Simão. Destas as mais perigosas são as da *Misericordia* e *S. Simão* compostas de varias cachoeiras, que se precipitam umas após outras, até chegarem a umas ilhas rochosas, donde

começa a espraia-se. E' de difficil transito e fica a S° 43° 50 Lat. S e a 57° 59' 15" Long. O.

A cachoeira de Todos os Santos fica uma legua abaixo, e marca umas vinte leguas do Salto Augusto. Ahi o rio estreita-se, alargando-se porém muito na embocadura do rio S. Thomé, que tem 25 braças de bocca, seguindo depois placidamente, até a foz do rio S. Manoel. Tem este na sua embocadura a largura de 280 braças pouco mais ou menos, engrossando assim o rio, a alargar-se uma milha, emquanto que anteriormente á junção, só tem umas 180 braças, se tanto. Medeia entre este e o rio S. Thomé 20 leguas. Antigamente fazia-se a navegação por ahi, mas por causa das innumeradas cachoeiras, e dos indios Bida-pirapes, ou barbados, muito ferozes, que ás vezes infestavam suas margens, foi abandonada.

Dahi para baixo, as aguas deixam a côr olivacea, que tinham e tomam a preta, razão por que dahi começa-se a chamar rio Preto ou Tapajós. A foz do S. Manoel fica 7° 24' Lat. S e 57° 47' 30" Long. O.

Descendo encontra-se logo abaixo um grande Igarapé, denominado *Agua Pona*, por onde se vai ás campinas, onde está a grande taba dos Mundurucus.

Subindo por este Igarapé, depois de seis dias de viagem, chega-se ao porto, onde começam as campinas, mas, distante ainda das malocas meio dia de viagem, por terra.

Abaixo deste Igarapé fica um outro chamado *Pesqueiro*, sendo ahi o rio muito tranquillo por espaço de algumas leguas. Junto ao Igarapé *Iri*, fica uma aldêa de Mundurucus.

Desagua na margem esquerda o Igarapé *Jacarécanga* (1), onde perto ha outra aldêa dos mesmos Indios. Obstruido o rio, por baixios de pedras dahi para baixo, por

(1) Cabeça de Jacaré.

mais de duas leguas, toma esse lugar o nome de Baixio das *Capoeiras*, ficando á sua direita o Igarapé Cabruá.

Algumas leguas abaixo, fica o baixio do *Chacorão*, muito perigoso no tempo da vasante. Ahi o rio mede 1/2 legua de largo, e conta-se até o S. Manoel 20 leguas. Depois de algumas leguas do rio morto passa-se o lago das Piranhas (1), para vir se encontrar na mesma margem (direita) os Igarapés *Cadiriry* e *Cabetutu*, dando este ultimo entrada para as campinas.

Passando-se duas malocas de Mundurucus, hoje abandonadas, apparece o rio das *Tropas*, antigo *Paitu-ury*. E' notavel este rio por nos recordar um facto que mostra perfeitamente a indole destes indios, e que deu lugar á mudança do nome deste rio. Os portuguezes acostumados a escravisar todos os povos com quem tratavam, com o fim de satisfazer á ambição que lhes é innacta, fizeram em 1773 uma expedição ao Alto Tapajós, chegando até este rio. Ahi fizeram propostas de compra de escravos, e como os Mundurucus não quizessem acceder á proposta, romperam em hostilidades, com o fim de fazerem prisioneiros, que depois seriam captivos. Os Mundurucus pegaram então em armas e pela numerosa população fizeram tal resistencia, que obrigou a tropa portugueza a debandar pelo rio abaixo, tendo-lhes faltado munições. Os indios então, sem perda de tempo, puzeram-se no encalço dos portuguezes e vieram devastando tudo quanto encontraram, levando a fogo e flecha tudo, até o forte de Santarém onde se refugiou a tropa, que ficou sitiada por elles.

Intrepidos como eram os Mundurucus, guerreiros temidos em todo o valle do Tapajós, comtudo não escalaram o forte, só conservaram em duro sitio os portuguezes, que,

(1) Corruptella de: *Pirã*, peixe e *tanha*, dente. Os Indios dão o nome de *piranha* ás tesouras, por cortar como os dentes do peixe que hoje tem esse nome.

julgaram mais acertado propor paz, sendo aceita pelos naturaes. Encontrei uma testemunha deste facto na ilha do Tracuá, em casa do Sr. Silverio de Albuquerque Aguiar. E' uma velha tapuya, hoje cega, de cabellos todos brancos, que conta talvez mais de cento e quarenta annos, conservando todavia as suas faculdades. Diz ella que estava então em Alter do Chão, d'onde é filha, quando elles passaram devastando tudo. Que era tal o terror que só o nome de mundurucú inspirava, que todos fugiam abandonando o que possuíam. Disse-me mais que depois que elles voltaram, foi ella para Santarém, que então era só povoado por indios, e ajudou a carregar pedras para a segunda igreja, que então os padres da Companhia de Jesus estavam edificando.

Já vimos no cap. 1.º, em que época foi edificada a igreja, e por elle vê-se que esse facto foi pelos annos de 1733.

Passando-se o rio das Tropas, entra-se n'um esteiro de grande correnteza, interceptado de rochas, abaixo do qual desagua o igarapé *Pacú* (1). Na margem esquerda mais abaixo entra-se na cachoeira do *Mangabalzinho*, que não é mais do que uma grande corredeira, entre recifes. Segue-se o baixio de *Cantagallo*, onde estão alguns seringueiros, pelas margens do rio.

Na mesma margem, esquerda, desagua o rio *Crepury*, com 30 braças de boca e em frente a uma ilha. Este rio dá tambem entrada para as campinas dos Mundurucus; é todo encachoeirado, sendo as mais notaveis, seguindo da foz: a Jauarité (2), a Pacú (3), a Curimatá (4), a Jacaré, e a Cuicuiápe (5), que são as cinco primeiras. E' muito piscoso e abundante de caça.

(1) Peixe deste nome.

(2) Onça.

(3) Peixe deste nome.

(4) Idem.

(5) Remo, na giria dos mundurucus.

Contam os navegantes até á foz deste rio, trinta leguas, donde segue rio morto, passando uma legua abaixo pelo morro do *Cuatácuara*, (buraco de Cuatá,) alludindo-se a circumstancia de apparecerem muitos macacos cuatás, *Atelles* sobre os barrancos e mesmo nos buracos que existem neste morro, feitos pela acção do tempo.

Abaixo um pouco, fica na margem direita a missão do Bacabal fundada em 1870, por Frei Pelino de Castrovalva e Frei Antonio de Albano, com os indios que ahi já existiam. Esse lugar tinha o nome de *Ponta grossa*.

Estão hoje aldeiados nesta missão cerca de 700 indios Mundurucus, missionados por esses dous capuchinhos italianos.

A posição da missão é uma das mais bellas do Tapajós, pela elevação em que está, e pelo grande horizonte que alcança. Contém 16 grandes barracões, onde estão alojados os indios, além de outras barracas com fornos para farinha. Tem uma boa capella feita de páo a pique e duas casas para escolas de ambos os sexos. Uma grande casa de sobrado, envidraçada, serve de residencia aos missionarios. Tem um campanario de 60 palmos de altura com dous sinos, um de 8 e outro de 14 arrobas. Suas terras são ferteis. Os indios entregam-se á lavoura, e lavram um terreno de quasi quatro leguas. As doenças que ahi reinam são ordinariamente os pleurizes, e a dysenteria, que ceifam annualmente de 15 a 20 vidas. As escolas são frequentadas por 45 alumnos do sexo masculino e 40 do feminino.

Abaixo fica a grande cachoeira do Mangabal, antes grande corredeira por entre recifes, de mais de tres leguas de extensão. Tira o seu nome de innumeradas mangabeiras, que crescem nas campinas das margens.

Terra preta é um lugar á direita, em frente a ilha dos Ratos, de difficil transito. Na volta que faz o rio, cercado de montanhas, fica a cachoeira *Montanha*. Daqui para baixo, seguem-se as cachoeiras, que já descrevi no capitulo

anterior, que são Boburé, Mergulhão, Uruá, Apuhy, Cuatá, Furnas, Maranhão Grande e Maranhãosinho. Pouco acima do Boburé, como disse desagua o *Juanxin*, rio bastante rico em madeiras e seringaes; é encachoeirado, ficando a primeira cachoeira, de nome Bebal, a 2 leguas da foz; as outras são as chamadas, Capão, Uapuhy, Urubucuará, Pacú, Cahy (1). Destas para cima o rio é coberto de baixios, ficando as cachoeiras proximas umas ás outras, n'um espaço de uma legua e um quarto, conservando o rio quasi sempre a mesma largura da foz.

Gasta-se na viagem de Itaituba ao Salto Augusto, sem cargas 20 dias, e com cargas 60 dias, e dahi ao Diamantino 20 ou 30, se vae-se descarregado ou carregado.

Segundo o Sr. Chandless, nas suas *Notes on rivers Arinos, Juruena, and Tapajós*, pôde-se avaliar o curso do Tapajós, com os seus dous ramos primitivos em 1.200 milhas inglezas, ou 348 leguas brazileiras, que assim estão divididas:

Do Porto Velho á

Bocca do Sumidouro.....	80
« do Rio Tapanhonas.....	120
Alto das cachoeiras do Arinos.....	100
Bocca do Arinos.....	120
Salto Augusto.....	140
Bocca do R. S. Thomé.....	65
« do S. Manoel.....	80
1. ^a Aldeia de Mundurucus.....	80
Bocca do R. Crepury.....	100
Cachoeira do Apuhy.....	120
Itaituba.....	25
Santarém.....	170
	1.200

(1) Cahy, fino.

Conta pois o Tapajós, propriamente dito, como tributários, na margem oriental, os rios seguintes por ordem geographica, da sua foz: Mapiri, que é engrossado pelo Irurá, Igarapé-açú, Marahy, Cupary, Tapacorá-açú, Juãxim, Crepury, Pacú, Pimental, das Tropas ou Paitu-ury, Cabetutu, Cadiriry, Iri, Pesqueiro, Agua Pona, finalmente S. Manoel. O Cupary é engrossado pelo Cupary-açú, em cujas cabeceiras estão os indios Jacaré-uaras, tribu errante, feroz, perseguida pelos Mundurucus. Chega-se a essa tribu tambem pelo Tapacorá-açú, um dos affluentes mais ricos do Tapajós. Na margem occidental, poucos e não tão importantes são os affluentes que ahi desaguam, assim denominados: Uarapiuns, Cury, Piracanã, Bom Jardim, Itapeua, Capituam, Tajacuara, Jacaré, Tamanduá, Tucunaré, Mambuahy e Jacaré-acanga.

Da primeira cachoeira para cima, as suas margens risonhas, ricas e ferteis, não são habitadas, senão por alguns seringueiros pelo verão, e pelos indios Mundurucus e Mauhés, que ahi vivem em aldeiamentos.

Contam-se entre os primeiros as seguintes malocas, por ordem geographica: Cury, Santa Cruz, Uxituba (nestas os indios estão semi-civilizados), Boburé, duas na cachoeira da Montanha, Igapó, na cabeceira da Mangabal, Baccabal, Boa-Vista (abaixo do Pacú), Chacorão, Capoeiras e as do Iri. A mais populosa destas é a do Baccabal, havendo algumas extinctas, como a da embocadura do Juanxim, e a do meio da cachoeira Mangabal. Poucas malocas contam os Mauhés ahi, porque, perseguidos outr'ora pelos Mundurucus, refugiaram-se para o interior, entretanto além de algumas familias dispersas, encontram-se as malocas: Boia-açú, Urubutu, e Acará. Póde-se calcular a população ahi dos primeiros em 1.200 almas e a dos segundos em 500.

Toda esta população vive pobre e miseravelmente, alimentando-se de peixe e caça, não cultivando, senão alguma mandioca, ou bananas, por estar toda distrahida na

extracção da gomme elastica, que os negociantes obrigam a tiral-a, para pagamento dos generos que ahi vendem por preços fabulosos. A moeda entre elles quasi não é conhecida porque todo o commercio é feito por permuta de generos.

Antes de descrever os usos e costumes destes indios, convem mencionar os que habitaram outr'ora as margens d'este formoso rio. Dividiam-se, como já tive occasião de dizer, em Canicuruz e Japiruára; tendo a primeira denominação todas as tribus que habitavam o baixo Tapajós e a segunda os da regiões da cachoeiras.

Dominava o baixo Tapajós os Tapayu ou Tapajós, tribu da qual já fallei tratando de Santarém, porém que apresentarei agora alguns de seus usos.

Augmentada com o correr dos annos foi esta tribu se estendendo, principalmente pela margem direita até á cachoeira do Boburé, tomando varias denominações, porém conservando os mesmos costumes.

Para chegar a esse conhecimento, tive de fazer um estudo particular, sobre dezoito qualidades de machados de pedras, que encontrei desde as serras que circumdam Santarém até á cachoeira do Boburé; assim como sobre fragmentos de louça encontrados neste espaço. Da referida cachoeira para cima, os machados têm fórmas inteiramente differentes, dos que se encontram nas terras pretas onde existiram as malocas. Nesse espaço em uma qualquer das malocas os machados que se encontram sempre são dos mesmos feitios e de rocha da mesma natureza, diorito, emquanto que os que se encontram, rarissimos, do Boburé para acima affectam outra fórmula. Comparando a louça encontrada na serra do Piquiátuba, onde habitavam sem contestação os Tapajós, com os fragmentos que encontrei nas margens da dita cachoeira, vê-se que têm as mesmas fórmulas, os mesmos ornatos, e os mesmos desenhos.

Estavam as suas malocas estabelecidas desde a emboca-

dura do rio até a cachoeira acima referida, nas chapadas das serras, nos lugares hoje denominados *terras pretas*.

Usavam de igaçauas duplas para guardarem os ossos dos seus.

Collocavam estes dentro de uma especie de panella, que era mettida dentro de um pote ornado de desenhos de linhas com fórmãs mais ou menos geometricas, feitas com tinta vermelha, que julgo ser caragiru, com oleo de copahyba ou castanha. Destas igaçauas, encontrei fragmentos no Piracaná, como já disse anteriormente. Eram enterradas umas junto ás outras, com a bocca para cima. Pelos fragmentos encontrados, as maiores poderão ter quando muito tres palmos de diametro. Fragmentos iguaes encontrei perto da cachoeira Apuhy e alguns nas praias trazidos pelas correntes. Acima do Boburé não encontrei fragmento algum. Usavam para o córte das arvores de machados de varios tamanhos, assim como para a guerra, além do arco e flecha hervada, de massas de diorito, com a fórmula de dous cones, unidos pela base. Dous fragmentos destes encontrei, um no Piquiatuba e outro em Itaituba. Tinham idolos imitando a fórmula humana, assim como na louça de uso domestico usavam de ornatos com fórmãs de passaros e reptis. A parte exterior de panellas, ou vasos, era ornada com desenhos resultantes da compressão de tecidos de palmeiras, de encontro á superficie dos objectos, quando ainda frescos ; de maneira que eram estes tão variados quanto pôde ser variado o mesmo tecido.

Pacificamente viviam no baixo Tapajós, até a época em que os portuguezes começaram a estender a sua conquista, e a captival-os ; depois então começaram elles a retirar-se para o interior, fugindo a esta perseguição.

O primeiro que com elles encontrou-se foi o capitão Pedro Teixeira, em 1636, como já disse, que nenhuma hostilidade empregou ; porém assim não procederam outros, sobre

tudo o sargento-mór Bento Maciel, filho do governador Bento Maciel Parente, o mesmo que fraca e vergonhosamente entregou a João Cornelles, commandante dos holandezes, em 27 de Novembro de 1641, a cidade de S. Luiz.

Frei Christovão de Acuna, que foi nomeado pelo Conde Chinchon, vice-rei do Perú, para aperfeiçoar a planta do Amazonas, levantada pelo mesmo capitão Pedro Teixeira na sua subida a Quito, chegando com o mesmo quando se dirigiam por Belém, ao Tapajós em 1639, diz: que parando na aldeia dos Tapayú, encontrou uma partida de portuguezes que ahi estavam, que tinham sido bem recebidos pelos indios e tratados com prova de confiança e boa vontade de traficarem. Apesar porém de serem bem recebidos, terem recebido innumeradas offertas, e serem convidados para virem se estabelecer na aldeia, comtudo fortificaram-se, visto os naturaes não quererem vender seus irmãos. Acuna procurou dissuadir os portuguezes do intuito em que estavam de atacar os indios, e chegou mesmo a obter do commandante da expedição, que era então Bento Maciel, a sua palavra de honra, como não faria mal algum aos indios; porém apenas Acuna retirou-se, cahio sobre estes, barbara e traiçoeiramente, de maneira que, batidos de surpresa, entregaram os selvagens suas flechas, em signal de submissão. Desarmados os indios, metteram os portuguezes estes em uma especie de curral, e começaram a commetter excessos de barbaridade e vandalismo, principalmente com as mulheres. Não contentes com o numero elevado de captivos que fizeram, ameaçaram os chefes com novas crueldades, se não mandassem buscar mais 1.000 escravos, para resgatal-os.

Levados pela força, mandaram estes procurar seus companheiros, podendo apenas reunir-se 200, por ter o resto da tribu fugido para o interior. Contentes com este nu-

mero, soltaram os chefes e conduziram os captivos para a capital. (1)

(1) Dou aqui a data de alguns decretos prohibindo a escravidão e na sua integra um *bando*.

Um Decreto de D. Carlos de 7 de Julho de 1550 e um outro de 21 de Setembro de 1556, declararam livres os indios do Brazil.

Em 20 de Março de 1570, D. Sebastião publicou um Decreto declarando que nenhum indio seria considerado escravo, salvo sendo aprisionado em guerra aberta por elle autorizada, exceptuando-se os Aymorés e as tribus mais ferozes que costumam assaltar as outras e os portuguezes, para comer. Foi confirmada por segunda Lei de 22 de Agosto de 1587; que declarava que os indios que trabalhassem para os portuguezes, não deviam olhar-se como escravos, mas sim como jornaleiros livres, a cujo arbitrio ficava trabalhar ou não segundo lhes conviesse. Felipe I em 11 de Novembro de 1593, declarou que seriam só escravos os indios capturados em hostilidades por elle ordenadas e pelas Leis de 5 de Junho de 1605 e 30 de Julho de 1609 prohibiu escravizal-os em caso algum. D. João IV renovou a plena abolição da escravatura e o Governador Balthazar de Souza Pereira, veio para o Pará com ordens de emancipar todos os indios que estivessem escravizados. D. José pela Lei de 6 de Junho de 1755 fez observar as leis de seus antecessores e mandou declarar por editaes pregados nos lugares mais publicos das cidades de Belém e S. Luiz do Maranhão, « que os indios, como livres e isentos de toda a escravidão, podem dispôr de suas pessoas e bens como melhor lhes parecer, sem outra sujeição temporal que não seja a que devem ter ás minhas leis, para á sombra dellas viverem na paz e união christã, e na sociedade civil, em que, mediante a Divina Graça, procuro manter os povos, que Deus me confiou; nos quaes ficaram incorporados os referidos indios, sem distincção ou excepção alguma, para gozarem de todas as honras, privilegios e liberdades de que os meus vassallos gozam actualmente conforme as suas respectivas graduações e cabedaes ».

O Papa Benedicto XIV em 1741 promulgou a bulla *Pastorum*, contra a escravidão dos indios prohibindo comprar, vender, dar ou receber em escravidão os indios.

José de Napoles Telles de Menezes, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, etc.

Sendo-me presente o escandaloso abuso, que com a mais reprehensivel transgressão das Sagradas leis, e ordens de Sua Magestade tantas vezes mandadas publicar pelos meus Exms. Predecessores sobre a criminosa ambição, e liberdade que a maior parte dos moradores deste Estado indifferentemente praticam, induzindo, e sobornando a simplicidade dos indios das suas povoações para dellas desertarem ou aproveitando-se daquelles que por algum tempo lhes são concedidos por legitimas Portarias para os eternisarem nos serviços das suas casas, roças e fazendas contra toda a razão, direito e disposições das mesmas referidas ordens. E devendo eu dar a este respeito uma providencia proporcionada á gravidade e consequencias de tão criminosa desordens para que de uma vez cessem, e tenham fim os seus perniciosos effeitos: Renovando, e restabelecendo no seu antigo vigor quanto até agora seacha determinado a beneficio dos mesmos indios, Ordeno...

Os Tapajós que eram temidos pelos portuguezes, por causa de suas flechas serem hervadas, soffreram muitas tentativas da parte da gente de além mar, com o fim de reduzir-os á escravidão, mas sempre sem effeito, porque não se sujeitavam, elles selvagens, a essa lei selvagem dos brancos ; estando porém promptos, como homens livres, a

Que da publicação deste em diante nenhuma pessoa de qualquer qualidade, estado, ou condição que seja, possa recolher, conservar, ou servir-se nas suas casas, roças e fazendas de indio algum que não lhe haja sido concedido por uma legitima Portaria minha por escrito com que declare o tempo e fórma da dita concessão; E que todo o que, sem este indispensavel documento constar, que contrario pratica, fique pelo dito facto incurso nas penas do Bando de 12 de Fevereiro de 1754 mandado lançar nesta cidade pelo Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado com que determina;

Que todos os que assim se acharem sem Portaria de Permissão, será condemnado o sujeito, que os retiver a pagar além da soldada a quantia de 2\$000 por mez, a metade para o mesmo indio, e a outra metade para os cativos na fórma do Regimento dos orphãos, como tambem pagará mais 3\$000 applicados para a obra de um hospital, etc.

E igualmente nas do outro Bando de 3 de Maio de 1764 mandado publicar pelo Illm. e Exm. Sr. Fernando da Costa de Athayde Teive, com que ampliando as penas assim a Ordena que toda a pessoa comprehendida no abominavel crime de consentir no seu serviço indios de um e outro sexo, sem os justos titulos, que prescrevem ás Leis e Ordens de Sua Magestade alem das referidas penas serão condemnados em mais um mez de prisão e 5\$000 havido summariamente por cada indio para o denunciante. Com a advertencia, porém, que se os ditos denunciantes por odios, e vinganças fizerem denunciaes falsas, e que assim se verifiquem, serão castigados, como falsarios, com as penas que lhe competem. Cujas denunciaes se farão perante o Dr. Intendente Geral e terão principio findo o tempo de dous mezes que lhes assigno da data deste em diante para declararem os indios que tiverem sem legitimo titulo de Portaria de concessão ou Termos de soldada, porque fazendo-o dentro no referido Termo, serão absolvidos das sobre-ditas penas.

E para que chegue a noticia de todos, e não possam allegar ignorancia se affixará este Bando por editaes nos lugares publicos desta cidade, e nos de todas as mais villas de moradores brancos desta Capitania e depois de registrado nos livros da Secretaria do Estado, da Camara, Contadoria da junta da Real Fazenda, Intendencia do Commercio e do Juizo dos Orphãos. Dada nesta cidade de Belém do Grão-Pará em 30 de Junho de 1780.— *Marcos José Monteiro de Carvalho.*

Registrado a fls. 64 no livro, que serve de registro nesta Secretaria. Barcellos, 20 de Agosto de 1780.— *João de Albuquerque.*

Fica copiado no livro — Commercio — deste lugar de Ayrão na fórma que Vms. ordenam.— *Raymundo Dias Guedes.*

Fica copiado no livro de registro deste lugar de — Carvoeiro — na fórma ordenada pelos Srs. da Camara de Barcellos, Capital desta Capitania do Rio Negro.— *Manoel Pinheiro, Director.*

Fica registrado no livro de registro desta villa de Moura.— 28 de Outubro de 1870.— *Pedro Affonso Gatto, Director.*

commerciar com elles em termos pacificos. Estas e outras expedições fizeram, com que os Tapajós fossem se refugiando para o interior e se tornassem inimigos figadaes dos portuguezes. Os indios que passaram para cima formaram diversas malocas em diversos pontos com outras denominações. Victimas desta inimizade, foram tambem os inglezes quando tentaram subir o rio, que destroçados por elles, até deixaram a sua bandeira, que os indios guardavam como tropheo.

Estas expedições resumiram muito a população destes indios, de maneira que, valorosa como era não podia resistir aos ataques repetidos dos mundurucus, que dominavam o alto Tapajós, trazendo tambem sempre as outras tribus que haviam na região das cachoeiras, foragidas.

Em 1661 quando appareceram os missionarios jesuitas, e começaram a catechisal-os, fundando para isso missões, diminuto era seu numero, tanto que muitos outros indios a estas missões se chegaram. Captivos uns, foragidos outros, levados pela morte o resto, esta bella tribu extinguiu-se, deixando perpetuada a sua memoria no nome do mais bello rio do Amazonas. Recordações ainda hoje temos pelos seus machados, pela sua louça e pelos seus *muirákitans*. (1)

A época do desaparecimento dos Tapajós, começou em 1750, com uma epidemia de cursos de sangue que appareceu e em 1798 elles já não existiam, senão cruzados com outros. Tive occasião de estar com uma velha Tapajós, em Santarém, e nella vi pela primeira vez em seu pescoço um grosso *muirákitan*, que guarda como uma reliquia, e diz ser boa para dores de garganta. Disse-me ella, que em certa época do anno, partiam alguns companheiros para o Amazonas, e traziam esse enfeite.

(1) Vide relatorio de Rio Jamundá.

Referio-me que os Tapajós foram quasi todos exterminados por dysenteria e febres que appareceram, que matava-os ás duzias por dia.

Durante o tempo do dominio dos Tapayús, no baixo Tapajós, viviam tambem pelas margens do rio e para o interior outras tribus que mais tarde foram exterminadas pelos Mutirucus, hoje Mundurucus ; ou fugiram para outros pontos da provincia.

Entre ellas, como disse dando o historico de Santarém, haviam as seguintes : Apaunuariás, Amanajás, Marixitás, Apicuricus, Moquiriás, Anjuariás, Jararéuaras, Apecurias, Cenecuriás, Motuari, Anjuariás, Uarupás, Periquitos e Suariranas. (1)

Desapparecendo estas tribus, só existiam em 1768 as tres ultimas, e um diminuto numero de Tapayús, apparecendo comtudo outras, que viviam quasi sempre em luta. Eram estas as dos Tapacorás, Cararys, Jacarétapiás, Sapopés, Iauains, Uarapirangas, e Mauhés. Os Sapopés vieram das immedições do rio Matary, assim como os Periquitos. Os Uarupás habitavam, antes de se estabelecerem no Tapajós, os rios Abacaxiz e Canumá, que desembocam no furo Uarariá, que dá no Tupimnabarânas.

No seculo XVII varias missões fundaram os jesuitas, pelo rio Tapajós, com os nomes de S. José de Matapus, Cumaru, Cury, Santo Ignacio, e Borary, como vimos, que depois algumas foram elevadas a villas e ainda hoje conservam essa categoria, se bem que não mereçam, pelo seu atrazo, pequena população e desenvolvimento intellectual. Algumas com justa razão viram-se privadas dessa categoria, por leis provinciaes.

As que ainda conservam os titulos de villa são as que mencionei no capitulo anterior.

(1) Que se conservaram mais tempo do que os que foram os primeiros habitantes.

A população destas missões nunca chegou a ser a bravia catechisada, mas sim a de indios já meio civilizados que vinham de outros lugares e procuravam esses aldeamentos onde havia mistura de diversas tribus.

Quando em 1773 fundou-se a segunda igreja com collegio, na aldeia dos Tapayús, hoje cidade de Santarém, haviam ainda nas cercanias duas tribus de Tapayus, a dos Parauás e a dos Ariréaçus.

Os indios de algumas das tribus que habitavam outr'ora o rio, tinham signaes que os distinguiam, por exemplo : os Iauains tinham um listão preto nas faces, desde a raiz do cabello á barba ; os Uarupás, Çuariranas e Periquitos, tinham as faces pintadas com listas. Alguns eram anthropophagos como os Sapopés e Jacaré-tapiyás e Uarupás. Dos seus ritos, usos e costumes nada hoje consta, tudo perdeu-se com o tempo, que até da memoria dos naturaes apagou a sua lembrança.

Depois de 1774 appareceu no alto Tapajós uma tribu tambem anthropophaga denominada Mampás, que foi a principal causa do exterminio dos Uarupás, que se viam tambem perseguidos pelos Mauhês. Os Uarupás viviam pelas vizinhanças das aldeias de Santo Ignacio e S. José.

Em 1835 havia ainda uma familia uarupá em Aveiros, e ha poucos annos outra na ilha Uarupá.

Os indios que habitam hoje o Tapajós são : os Parintintins, Parabitetés, Appiacás, Têlêuates, Tuparurus, Iaurités, Tapaiunas, Andiraz ou Jacaréuaras, Amaneius, e Parauaritis. Todos estes vivem errantes pelas florestas do centro, á excepção dos Appiacás, Parabitetés e Andiraz, que têm suas malocas fixas.

Os Parintintins, que uma tradição entre os mundurucus dá como oriunda delles, formam uma tribu guerreira, e valente que vive errante, sempre perseguida pelos mesmos que os têm quasi exterminado. Dizem que da

rivalidade entre dous irmãos tucháuas (1) Mundurucus, que aspiravam o lugar de muruuicháua (2), nasceu esta tribu, como mais adiante explicarei. Usam grandes arcos de paxiuba e zarabatanas, entaniçadas com jacitara e depois pintadas de preto. As flechas destas são hervadas, enquanto que as dos arcos, feitas de tabocas, não o são. (3) E' a unica tribu do Tapajós, que não quer commercio com o homem civilizado e que sempre o ataca, quando o encontra. Dizem que fallam o dialecto Mundurucu, com excepção de duas palavras.

Os Appiacás e Parabitetés, que são irmãos, oriundos do mesmo tronco, usam, como já disse, um risco negro circumdando os labios; os Tuparurus enfeitam-se com tres riscos verticaes dentre as sobrancelhas á raiz dos cabellos; os Iauarités tornam-se garbosos com as suas tres linhas que fogem do canto dos labios angularmente; os Tapaiunas, para evitarem as mordeduras dos insectos, pintam-se com o succo da casca do fructo do genipapo; os Parauaritis são pintados quasi como os Appiacás. Os Jacaréuáras, por dous que vi e segundo varias pessoas conceituadas que com elles estiveram, são indios excessivamente alvos e que parecem ser albinos, pela circumstancia de não poderem soffrer a luz do dia. Esta particularidade, junta á sua maneira de viver, fez com que merecessem o nome de Anderás (*morcegos*), pelo qual são geralmente conhecidos. E' digno de notar-se os seus costumes. Não andam durante o dia, que passam nas suas cabanas, não deitados em rêdes, mas pendurados pelas pernas, com a cabeça para baixo, em traves que cruzam as cabanas de lado a lado. Assim dormem durante o dia e assim flecham á noite, quando sahem

(1) Principal, o que governa a maloca.

(2) Maioral, o que governa a táua ou taba, reunião de malocas.

(3) Nas suas malocas usam de um toré feito do tronco de embauba, encaixado n'um cabaço de jamaru, onde é soldado com serol.

para suas excursões. Logo que presentem caça, sobem às arvores e pendurados pelas curvas das pernas aos galhos matam-a. Andam completamente nús, e não usam pintar-se. Como já disse, têm o seu aldeamento nas nascentes do rio Cupary.

Além destes indios, ha duas outras grandes tribus, que formam a base da população de todo o rio Tapajós, e que figuram entre as mais antigas: a dos Mutiricus ou Mundurucus e a dos Mauhés, antigos *Maguês*. (1)

Dispersos em malocas pelas margens do rio, têm os primeiros a sua taba principal na margem esquerda perto das campinas, que unem a provincia do Pará á de Goyaz e Mato Grosso.

Calcula-se a população dos Mundurucus em 18 a 20.000 almas, sendo 5.000, já semi-civilizados e distribuidos pelas malocas, e a dos Mauhés em 700 a 1.000, divioidas em 51 malocas, exparsas pelas florestas que se unem á Provincia do Amazonas, limitadas pelo rio Mauhe-açú, que vulgarmente tem o nome de *terras dos Mauhés*. No Pará as principaes malocas são: Acuai, Sucuré-editú, Uirauacê, Terra-nova, Amocahy, Pererema, Mangarê-puitá, Jutahy, Apocuitá, Murity, Pacoval, Açahysal, Tucuman, Pantinady, Peredy, Suruby, Undy, Sururupaitá, Guaranáputira, Etê-caucé, Paratáudy, Cuvucá, Araticú, Pindobal, Araçá, Panacú, Sápiady, Sahahy, Inajatuba, Tucumahy, Majurú, Laranjál, Cupahyba-pixuna, Araticú-miry, Pirahy, Xibuhy, Paricatuba, Meruy, Sary, Muperam, Saricam, Açancê, Apeteguy, Curupira, Poeira-piranga, Araçary, Aipaçahy, Paicá, Udecán, Acará, Tucunaré-cuára.

A tribu dos Mundurucus é a mais numerosa e a mais guerreira do Valle do Amazonas, assim como a mais per-

(1) Na lingua tupy o *h* ás vezes tem o som approximado de *g*, o que faz com que escrevam alguns certas palavras, ora com uma, ora com outra letra.

feita no trabalho de pennas. São homens fortes, musculosos, bastante morenos, de um olhar sombrio e triste, com olhos rasgados, e com os ossos faciaes bem proeminentes. Indolentes, como todo o indio da região equatorial, são comtudo mais trabalhadores. São os braços dos negociantes e os seus melhores freguezes.

A tribu hoje existente nas campinas fórma uma taba composta de 32 malocas, sendo as principaes : Cabruá, Uary (1), Aruduby (2), Acupary (3), Curucupi (4), Aritairy (5), Decudemo (6), Imburariry, Sampraribi, Aipucá (7), Dauapone (8), Dassêpaqueti, Carênaurari, Paraby (9), Saapicpic (10), Capicpic (11), Baurim, Quiminbicá, Aitic (12), Arucuré, Uassairamtim, Biamsobu, Apissânaiqui, Arubadury (13), Dairy, Uaréry (14), ainda outras menos importantes ; sendo a maior a Dauapone. No tempo em que todas as malocas obedeciam a um só chefe, tinha elle sua residencia na margem do rio das Favas, em Biamsobu ; hoje esse lugar está vago, e não é preenchido, porque esperam pela volta do seu rei que perdeu-se em uma batalha. São Sebastianistas ! . . .

Pelo rio Tapajós dão-lhes o nome tambem de *caras-pretas*, pelo costume que têm elles de se pintarem. Com effeito os homens, talvez que para sua presença ser mais respeitada, usam pintar a cara desde a raiz dos cabellos, até á maxilla superior toda de preto e dahi até a

-
- (1) Rio de Machado.
 - (2) Terra de papagaio.
 - (3) Rio de páo de morrão.
 - (4) Lugar onde desce arara.
 - (5) Rio de Inajá.
 - (6) Sahida de Coatá.
 - (7) Sumauma.
 - (8) Perna curta.
 - (9) Ananaz.
 - (10) Cabeça secca.
 - (11) Mato secco.
 - (12) Paca fria.
 - (13) Rio dos Acarys.
 - (14) Rio das Lontras.

inferior, principiando das orelhas listadas angularmente a formar pequenos rhomboides. O pescoço até ás clavículas é listado verticalmente até o encontro de tres linhas que passam por essa região e por sobre as omoplatas, horizontalmente; o peito e braços são listados tambem angular e perpendicularmente, de maneira que formam uma serie de triangulos, uns unidos aos outros. As costas e pernas são listadas verticalmente até os tornosellos, exceptuando-se a parte anterior das canellas, que não tem lista alguma. Usam os cabellos raspados, em roda da cabeça, deixando-os crescer sómente no alto, pintando a parte raspada com uma massa, chamada *sêrá*. (1)

As mulheres pintam a cara com uma banda negra que parte de uma a outra orelha passando por cima do beijo superior e pelo angulo do queixo; da parte terminal inferior dessa banda segue para baixo do queixo outra porção igual á mesma porém listada em triangulos, que são cheios por linhas parallelas a um lado dos mesmos triangulos. Dos angulos externos dos olhos partem linhas para as orelhas, assim como os internos são unidos por sobre o nariz por uma, que dá uma apparencia de usarem todas as mulheres de oculos. Por sobre as clavículas, passando pelas omoplatas tres linhas parallelas, formam um collar que dá-lhes algum realce. De cima da região abdominal, partem linhas perpendiculares e parallelas que se terminam sobre o pubis e verilhas. Todas as mulheres que observei, assim eram pintadas; sómente os homens, alguns variavam de pintura, não na fôrma, mas na quantidade de linhas. Uns eram pintados até os seios, outros até as verilhas. A razão é esta: na idade de 14 annos começam a pintar-se, mas como é dolorosa a operação, e causa inflam-

(1) *Sêrá* é uma massa preparada com o *urucu* e o *utu-iti*, que é o leite da arvore por elles chamada *utuaá* (*a callophora utilis* de Martius).

mações e febre, só depois de seccas as feridas produzidas é que procedem a nova pintura ; em geral é annualmente feita esta operação, o que leva muitos annos, de maneira que só depois de 20 annos estão completamente pintados. Além do tempo que levam a pintar-se, acontece que alguns riscos que têm são indicativos de serviços feitos á tribu. Alguns, se bem que velhos, não chegam a ficarem todos pintados, porque não prestaram os serviços que dão lugar á pintura, ou porque pela sua pouca idade ainda não tiveram occasião de prestal-os.

O processo que empregam para esse fim é barbaro e doloroso. Depois de traçarem sobre a pelle uma linha de tinta, com uma especie de pincel feito de espinhos de murumuru (que das palmeiras são os mais venenosos), molhado na mesma tinta, começam a picar a pelle. Este pincel é proporcionado á largura da lista, e pelo numero de espinhos fura a pelle quasi que poro por poro. Nesse mesmo dia e no seguinte, esta parte assim pintada fica inflammada e produz uma ferida que custa a cicatrizar.

A tinta empregada é assim fabricada : deitam dentro de uma panella o breu produzido por uma *Burseracea* do genero *icica* a que se dá o nome vulgarmente de *breu branco* e lançam-lhe fogo ; depois do *breu* acceso collocam o fundo de uma outra panella sobre a bocca da primeira, de modo que recebe todo o fumo produzido pelo breu incendiado. Depois de extinto o breu, raspam o pó que o fumo accumulou no fundo da panella e juntam-o em uma vasilha. Emquanto arde o breu fervem em uma outra panella as folhas de uma *convolvulacea*, a *convolvulus edulis*, com a casca de uma leguminosa, por elles chamada *chiriri* e o pericarpo do *Assahy-zinho*, euterpe longibracteata, nob.

Fervendo esta mistura, ajuntam então o pó do breu e vão mexendo, até tomar uma consistencia de mel, com uma côr azulada. Empregam a folha da batata doce, como

mordente. Esta tinta é geralmente guardada n'um caroço de *tucumã-açú*.

Divide-se a tribu em tres grandes familias, a *Aririchá*, ou branca, a *Ipápacate*, ou vermelha, e a *Iasumpaguate*, ou preta.

Estas tres côres são puramente convencionaes, porque na côr da pelle não fazem elles differença, mas indicam uma differença de nascimento; assim os mancebos não podem receber por companheiras raparigas da mesma familia ou côr, por serem consideradas irmãs. O branco nunca procura para ter a seu lado, senão a mulher da familia das côres preta ou vermelha; e assim acontece ao das outras côres. O filho varão, sempre é da condição do pai; se este é vermelho, o filho tambem o é.

Vivem em malocas separadas, no centro da qual ha sempre um grande quartel onde dormem e vivem todos os homens, enquanto que as mulheres moram em cabanas separadas. Desde a idade de 9 annos, começam os meninos a dormir no quartel. Nelle é que são feitos todos os trabalhos dos indios, e nelle se guardam todos os instrumentos, quér de guerra, quér de caça. Tem esse quartel o nome de *exça*. E' uma grande meia agua coberta de palha de palmeira, tocando o telhado o chão, sempre com a frente para o nascente, e dividido por duas linhas de esteios, que partindo do fundo vem terminar muito fóra do mesmo quartel. Em cada uma destas divisões moram os guerreiros da mesma familia, cuja distincção vê-se na côr dos esteios; são pintados os brancos com tabatinga, os vermelhos com urucú, (*bixa orellana*,) e os pretos com uma tinta feita de diversas plantas.

Usam de *maquyras* (1) pequenas, tecidas de fibras vegetaes, que suspendem umas sobre outras.

(1) Rede de Malhas.

Ha quarteis habitados por mais de quatrocentos índios.

As cabanas das mulheres têm os telhados cobertos ou de sapé, *anatherium bicorné* ou de caraná-y, *lepydocarium*, e as paredes feitas com pannos da casca do tauary, *couratari*, cosidas umas ás outras com cipós, e são presas a travessas horizontaes postas pela parte de dentro.

No quartel tocam continuamente das 5 ás 8 horas da manhã e ás mesmas horas da tarde o *ufuá*; que é um instrumento guerreiro, feito de uma taboca de 2 a 3 pollegadas de diametro e 3 a 4 palmos de comprimento, com um bocal da mesma taboca, porém fina, preso com cêra virgem e que produz um som forte e vibrante.

Andam todos nús, usando os homens, continuadamente, o *iráipêman* (1) e do *erárêpê*. O primeiro é uma pequena bolça cônica, feita de um foliolo da palmeira curuá, ornado de pennas ou elythros de coleopteros, que serve para esconder a cabeça do membro viril; e o segundo é uma cinta estreita tecida de algodão que serve para levantar o mesmo quando se banham ou têm de atravessar qualquer rio. Trazem tres furos nas orelhas, sendo o inferior maior, pelos quaes passam; no primeiro uma penna de arará e nos dous ultimos tibias de mutum, ou rolletes de páo.

Obedecem a um ou dous tucháuas, que ha em cada maloca, mas veneram muito a Muirátucu, o seu rei que desapareceu, mas que ainda esperam. Estes tucháuas governam independentemente uns dos outros e têm direito de vida e de morte sobre os seus subditos.

O viajante entre elles é sempre bem recebido e se lhe offerece logo o *Dáú*, que é uma comida feita de cãstanhas assadas em *puqueca* (2) no muquem e depois socadas. Come-se com bejus. No caso de recusar o viajante comer,

(1) Iruti, na lingua geral.

(2) Embrulhada em folhas.

é mal visto, afastam-se delle e recusam-lhe os presentes que costumam fazer quando é aceita a offerta, de passaros, de quadrupedes, etc. Alimentam-se de caça, com bejús, em vez de farinha.

Alguns desertores que ha entre elles e que se sujeitaram a soffrer serem pintados, ensinaram respeitar o dia de Sexta feira Santa, que por elles é chamada *Tupanabê*. (1) A religião delles é só a crença em um Ente que tudo creou e sobre o qual ha varias tradições.

Deus, *caruçá-caraibê*, segundo a sua crença andou entre elles, com um filho chamado *Rairú*, antes da criação do céo, que foi depois da do homem. Contam a criação do homem e suas differentes raças da seguinte fôrma : Caruçá-Caraibê detestava seu filho, por querer usurpar-lhe o seu poder, pelo que resolveu desfazer-se delle, por varias vezes, sahindo Rairú sempre vencedor.

Uma vez, depois de flechar a extremidade de uma folha de tucumã-açú, uma alta palmeira coberta de espinhos, ordenou a seu filho que subisse para tirar a flecha, certo de que ficaria elle todo ferido, e cahiria quando subisse sobre a folha para tirar a flecha ; porém Rairú, chegando á palmeira tocou-lhe com os dedos, o que fez com que todos os espinhos se abaixassem e sem perigo algum subio e trepou sobre a folha donde tirou a flecha que entregou a seu pai. Este mais enraivecido por ter ainda uma vez, seu filho mais poder do que elle, deixou passar alguns dias, para usar outro stratagem.

Fez então de uma porção de barro um tatú, enterrou-o deixando só de fóra a cauda e ordenou a seu filho que tirasse o tatú para fóra. Segurando pela cauda, Rairú, empregava todas as suas forças para puxal-o, mas eram inuteis, porque cada vez mais se enterrava o animal levando-o comsigo. Assim desappareceu Rairú. Quando Caruçá-

(1) Deus morreu.

caraiabê desfructava o seu isolamento, depois de alguns dias, apparece-lhe novamente Rairú, sem que diga a tradição por que meios chegou elle a sahir do fundo da terra, communicando que ahi encontrára uma multidão de homens e mulheres, e que seria bom fazer com que elles sahissem para cultivar a terra.

Aceitando a proposta de Rairú, Caruçá lançou na terra uma semente, que germinando produziu um algodoeiro. Esta é a origem do algodão entre elles. Crescendo este, do algodão produzido Deus fez uma extensa corda, na extremidade da qual atou Rairú, e pelo buraco feito pelo tatú, deixou-o descer.

No fim de alguns minutos começaram a subir pela corda os individuos escolhidos nas entranhas da terra por Rairú. Os primeiros que sahiram eram pequenos e feios, porém progressivamente foram sahindo depois homens esbeltos e mulheres formosas, porém infelizmente quando sahiam as mais lindas, a corda já gasta e não supportando mais o grande peso dos que por ella ainda subiam, arrebentou-se e foram precipitados no fundo da terra.

Deus, então, dividiu essa multidão que havia sahido, em differentes tribus; distinguindo-as, com desenhos de fórmãs e côres differentes, que até hoje ainda conservam. Assim explicam a sua pintura que é sempre a mesma e não arbitraria. Ficando dessa gente, uma porção feia, e rachitica, Deus então disse, fazendo-lhes um traço vermelho sobre o nariz: «Vms. não são dignos de viverem com a raça humana; sejam antes animaes!» E transformou-os em mutuns-açú, que desde então vivem pelas matas, soltando seus sentidos gemidos.

Depois de separadas as tribus, e marcadas com signaes differentes, Caruçá-caraiabê espalhou-as pelo mundo ordenando a umas que cultivassem a terra, a outras que vivessem errantes, etc., dando a todos uma occupação. Rairú, que tinha ficado sob a terra, ainda uma vez achou

meios de reaparecer, pelo que ainda seu pai empregou outro stratagem para ver-se livre delle. Encontrando na margem de um rio uma pedra escavada pelas aguas, em fórma de forno, ordenou a seu filho que a puzesse sobre a cabeça, a fim de leval-a, para nella cozinharem. Obedecendo Rairú, poz a pedra na cabeça, porém apenas o fez, começou a mesma a crescer e a subir arrebatando-o da terra. Tal crescimento teve que formou a abobada celeste. Pelo seu *Genesis*, assim foi creado o firmamento. Ainda Caruçá-caraibê, andou por algum tempo sobre a terra, porém depois desapareceu.

Pela rigorosa observancia que fazem da familia a que pertencem, o seu typo ainda não está degenerado; de maneira que o mundurucu conserva ainda a sua indole e a belleza primitiva. Muito moralizados, não admittem a convivencia entre estrangeiros e suas mulheres e se por acaso alguma cahe em qualquer falta é immediatamente expulsa da tribu.

Não são polygamos, mas podem desfazer-se da mulher quando cheguem a aborrecer-se della, e tomar outra, sempre de outra familia, porque como disse, todo o mundurucu encara a mulher da sua côr como uma irmã e só estes laços admittem.

Como todos os indios do Valle do Amazonas, a mulher é quem mais trabalha; os serviços de roça são feitos por ella, assim como todos os mais; o homem reserva para si os trabalhos mais nobres, como sejam o fabrico de intrumentos para a guerra, a caça, etc. As mulheres tudo quanto carregam é em cestos compridos, sustentados pela cabeça, por fibras vegetaes e que apoiam-se nas costas; a estes cestos dão o nome de *itirú*. (1) São ellas que levam as flechas e o mantimento quando partem para a guerra.

(1) Aturá, da lingua geral.

Guerreira como é a tribu dos mundurucus, explica a tradição esta indole bellicosa, e o costume que têm de cortarem a cabeça aos vencidos depois de uma batalha. Dizem que outr'ora, dous irmãos disputavam o putá (sceptro) de muruicháua, mas que sendo escolhido um chamado Muirátucu, o outro desgostoso fugiu da tribu com sua familia. O muruicháua mandou-o chamar, accedendo o fugitivo ao chamado ; porém tempos depois continuando a desintelligencia entre elles, tornou o irmão a sahir da tribu, acompanhado pela familia e pelos amigos, que formavam então um partido. O muruicháua, vendo o irmão partir, com gente, da qual elle era tucháua, não consentiu que elle formasse nova tribu, impedindo com um estratagema tragico, que depois tornou-se um costume. Alguns dias depois da partida, sabendo o tuchaua onde seu irmão estava acampado, mandou o convidar para uma grande caçada. Este accedeu ao convite, não pensando na cilada em que ia cahir. No dia da caçada, depois de effectuada esta, quando se dirigia só para o acampamento, tres mundurucus mandados por Muirátucu o flexaram, e por conselho dos pagés, para provarem ao seu mandatario que tinham cumprido as ordens, cortaram a cabeça do morto, que foi levada e guardada como um trophéo, entre elles. Dahi então começaram as hostilidades entre os Mundurucus e a nascente tribu dos Parentintins. Dias depois vieram os que perderam o seu chefe, já com outro eleito á frente atacar o muruicháua fraticida e refugiaram-se novamente na mata depois de tomarem esta vingança, suppondo talvez que os mundurucus não os perseguissem. Mas, se havia odio de irmão para irmão, dahi nasceu o de tribu a tribu, de fôrma que no anno seguinte quando não esperavam foram atacados pelos mundurucus, que ainda uma vez cortaram as cabeças aos prisioneiros, para provarem seu valor perante seu muruicháua.

Dahi nasceu o costume de guerrear a tribu mundurucu a todas as outras, e o de cortar as cabeças dos prisioneiros.

Este costume mereceu-lhes o nome de *Paiquicé* (1), ou corta cabeças, que lhe dão os outros indios. A guerra tradicional, que ainda fazem a outras tribus, depois de ter exterminado algumas, hoje é com um duplo fim, o de perpetuar o odio de raça e o de trazer mulheres para si.

Sahem todos os annos expedições de guerra, commumente nos mezes de Fevereiro ou Março, dando cada maloca um certo numero de arcos. (2) Quinze dias antes da partida, passam a cantar e a dansar em frente dos quarteis, e na vespera da partida, tiram dos mesmos, onde guardam, os instrumentos de guerra dos que succumbiram nas batalhas do anno anterior e enfeitam-os.

No dia seguinte, quando partem, são estes levados de mão em mão, como que em procissão, com gritos de vingança, e choro e grita das mulheres, que acompanham os guerreiros, levando as suas armas e maquyras. (3) No primeiro encontro que ha com o inimigo, muitas vezes a centenas de leguas da maloca, estes instrumentos são quebrados nas costas dos primeiros inimigos que cahem, em signal de satisfação de vingança. Generosos na guerra para com as mulheres e crianças, são barbaros para com os homens, os quaes são todos mortos á flexa ou a massa.

Usam na guerra varios instrumentos. No primeiro encontro servem-se do *irari* (4) e da *ubê* (5); mas apenas a luta trava-se peito a peito, servem-se do *bá-y* (6); sempre a peleja é animada pelo som vibrante do *pem-y*, que é uma especie de corneta, de dous palmos de comprimento, feita de duas porções de cerne de madeira, cavados e depois

(1) Corruptella de Payéquicé, isto é *faca de pagés*, porque segundo a tradição a faca com que foi morto o tucháua foi ministrada por um pagé, tomando o que cortou a cabeça esse appellido que se estendeu á tribu.

(2) Homens.

(3) Redes de malhas.

(4) Arco.

(5) Flexa.

(6) Massa.

entaniçados. Sopra-se por um furo lateral. O *Ufuá* é que os guia ao combate.

Terminada uma batalha, os mundurucus vencedores recolhem os despojos assim como as cabeças dos inimigos, o que tudo é trazido para o seu acampamento. Logo que um inimigo cahe, o vencedor passa-lhe uma mão aos cabellos e com a outra, armada de uma faca, feita de um pedaço de taquara, com a maior destreza o degola.

No dia seguinte ao do combate, empregam-se em arrancar os dentes de algumas cabeças inimigas e em muquear outras. O processo para seccarem as cabeças é simples; depois de extrahirem a massa encephalicá pelo buraco occipital e de arrancarem os olhos, mettem-as em azeite de andiroba e expõem-as ao fumeiro. O orificio dos olhos é cheio de breu, onde collocam dous dentes de cutia para animar o rosto. Com tal habilidade fazem estas operações, que a cabeça conserva-se perfeitamente, assim como os cabellos, que são antes penteados. Denominam elles estas cabeças *pariuá-á*, que depois são conduzidas em uns espetos de páo, chamados *pariuá-á-renape*. Garbosos levam depois estes horriveis tropheus, para a maloca, e não se separam delles senão depois da grande festa da terminação da guerra. Como é considerado guerreiro valente, o indio que traz esta cabeça não trabalha emquanto não se faz a grande festa, e é respeitado e presenteado por todos. Para onde vai, a leva, e quando dorme, pelo *pariuá-á-renape* a espeta junto á rede. Por somma alguma se desfaz deste tropheu, antes de se celebrar a dita festa.

Emquanto os guerreiros apanham os despojos, as mulheres recolhem os companheiros *iuem-nates* (1) e os *achiráus*. (2)

(1) Feridos.

(2) Mortos.

Os achiráus são conduzidos para a maloca ; mas como ha grandes distancias a vencer, não levam-os inteiros, mas sim em quartos moqueados. Chegando aos quarteis, separam as carnes dos ossos e mettem estes, depois de bem limpos, dentro de um cesto chamado *achiráu-irupá*, e guardam nos mesmos quarteis.

Depois de voltarem todos os guerreiros para suas malocas, e curados os feridos, celebra-se a festa das recompensas. Em certo dia determinado, reúnem-se em uma maloca todos os mundurucus, para assistirem ao fabrico e receberem o *pariuáte-ran* (1) ; que consiste em uma cinta de 1 1/2 pollegada de largura, tecida de fio de algodão, tendo na parte inferior uma franja feita com todos os dentes de uma queixada inimiga. Depois da chegada de todos os mundurucus, o tucháua ordena uma grande caçada, a fim de haver comestiveis para os convidados. Na noite desse mesmo dia, começa a confecção da cinta, que é privativa dos tuchauas.

Emquanto estes tecem as cintas, os indios arrancam os dentes das maxillas dos inimigos que trouxeram, lustram, e furam, com o dente do peixe *rá-chéua*, ou *rubá*, na lingua geral.

Emquanto uns furam os dentes, outros lustram e outros, passam aos tuchauas, que, para cada dente que prende á cinta tem um canto, ou uma quadra em que despertta os brios da mocidade, lembra aos mais velhos os seus soffrimentos em campanhas passadas e mostra que não se devem esquecer os exemplos dos seus maiores, e continuar o exterminio de seus inimigos. Pintam a vingança com côres seductoras, e fazem ver que para cada irmão morto é necessario uma cabeça inimiga que sirva para recompensar os bravos.

(1) *Pariuáte*, inimigo; e *ran*, cinta.

Uma quadra, pude alcançar ouvir, e aqui refiro :

Béque bequiqui capipim otêgê.
Ochê urupantum rãne egê,
Ochê urubê am aum egê.
Beque mum ochê capicape nansum. (1)

Durante o fabrico destas cintas, toda a tribo assiste assentada e nua, em roda dos tucháuas, porém logo que ficam promptas, levantam-se todos e se dirigem para os quarteis onde vão tomar as vestes da festa, para assistirem á cerimonia da distribuição dos premios aos feridos.

Antes de continuar a descripção desta cerimonia, convem descrever o vestuario da festa. Ornam a cabeça com o *aquiri-á*, uma especie de coifa, tecida de algodão com pennas do corpo de arara, de maneira que externamente fica como que avelludada, emquanto que por dentro só apparece o tecido de algodão.

Desta coifa, da altura das orelhas para traz, pende uma especie de babado de duas ordens de pennas, da cauda da mesma arara unidas umas ás outras e enfeitadas na extremidade inferior com pennas miudas de côr differente que encobre o pescoço.

Pelos furos superiores das orelhas passam duas rozetas igualmente de pennas. Cingem na cintura o *tempê-á*, que é uma banda feita como *aquiri-aá*, isto é, a parte que se aperta á cintura é feita de pennas miudas e della pendem quatro divisões de pennas compridas, unidas e enfeitadas, que correspondem, duas aos lados e duas á frente e costas. Passam a tiracollo *carurape*, que é uma facha de pennas, terminada por uma grande rozeta, e ornam os hombros com o *báman*, ou dragonas de cachos de pennas miudas; os pulsos com as *ipê-á*, ou pulseiras; e as curvas das pernas com os *caniubiman*, que são ligas com pennas que

(1) Fóra da letra a traducção é esta :

Vejam meus amigos que os serviços que temos agora com estes dentes foi-nos deixado por nossos avós.

encobrem as canellas, enfeitadas com cascas de fructos, para chocalhar. Nos tornozellos tambem levam o *caniubicric*, que é uma liga de pennas miudas, fechada por uma rozeta.

Geralmente as pulseiras e dragonas e ligas são de pennas pretas de mutum e o resto do vestuario de pennas azues e encarnadas.

Levam uns arcos enfeitados de pennas, *irarê*; outros lanças, *bêcacá-ipê*, e outros uma especie de sceptro, *putá*, feito das pennas mais longas da cauda da arara, unidas as pontas por uma rozeta e enfeitadas com pennas miudas na parte que prende a uma flecha, em que seguram.

Assim vestidos, abrem alas, por entre as quaes passam os feridos nús, com os cabellos crescidos, cahidos pelas costas, para ir receber o premio da sua bravura.

Estes desde que chegam da guerra, não trabalham, nem cortam os cabellos. Chegando estes junto aos tuchauas depois de uma pequena allocução, recebem as cintas que pelos mesmos tuchauas são amarradas. Depois de assim premiados tantos feridos, quantas foram as cintas preparadas, são premiadas tambem tres mulheres, uma de cada familia, correspondente ás cores preta, branca e encarnada, que como irmãs recebem por todos os mortos a recompensa, representando a viuvez de cada familia.

Apresentam-se vestidas, com o collar de dentes de animaes, que neste dia todas trazem, e com o carurape. Nas mãos empunham dous putás: um de um ancião, outro de algum morto.

Finda esta cerimonia, os feridos recolhem-se logo para as casas das familias, emquanto as mulheres vão dançar e chorar, cantando em roda das casas das familias dos mortos e na frente dos quarteis, nas divisões a que cada uma pertence. Quando param ellas de cantar, cantam em côro todos guerreiros, dansando e batendo com os pés; o que produz um ruido que a leguas se ouve.

Durante esta dança e canto, ha intervallos em que serve-se a comida e a *maniquêra*. (1) Termina a festa, que começa ás 6 horas da tarde, ao romper do dia seguinte pela cerimonia do córte dos cabellos dos feridos. Pela madrugada são os feridos conduzidos entre alas de guerreiros, que ao som dos instrumentos, os vão levando para o quartel, onde os tucháuas os fazem assentar-se, cortam-lhes os cabellos e vestem-os com as roupagens de penas, terminando por uma grande allocução.

Esta festa dura ás vezes oito dias, emquanto ha feridos a recompensar; entrando logo elles no dia seguinte no numero dos dansantes.

Assistem alguns guerreiros, com os seus *pariudá-á*, e toda a dança e canto e ao som de um grande instrumento, o *caruquê*, cuja voz é medonha, e é feito de um tronco de uma arvore de madeira leve, ocado, tendo por bocal uma raiz rachada e igualmente ocada, presa a uma travessa na parte interna do tronco.

Além desta festa, celebram os Mundurucus outras festas no correr do anno, mas não guerreiras: são as festas dos animaes. Para elles, assim como para toda a gentildade, todos os animaes têm uma mãe imaginaria, como: a mãe da anta, a mãe do veado, etc.

Depois de uma grande caçada fazem grandes dansas, em que arremedam a voz dos animaes que festejam. Nessas occasiões não servem-se do vestuario de pennas, mas sim de um especial. Pintam-se todos com o *sêrá*, ornam a cabeça com o *aquiri*, que é um enfeite, que preso nos cabellos que conservam no alto da cabeça, levanta dahi um pennacho de pennas e cahe para os labios um tecido de foliolos de muruty, que assemelham-se na fôrma a uma grande espiga de milho.

(1) *Many*, mandioca; e *quêra*, velha, isto é, o vinho preparado com a mandioca puba.

Cingem ao pescoço o *ichu*, que é uma especie de patrona feita de grelos de muruty enfeitada de pennas, que é amarrada nas costas. Nestas patronas levam elles pequenos animaes como jabotys, periquitos, çayúis, etc.

São festas acompanhadas de grandes libações de maniquera e cachiry. Trazem o arco e a flecha de caça (*up*) ás costas, e a dança é formada por uma grande filla de Mundurucus de mãos dadas, levando os dous das extremidades dons grandes *torés*, ao som dos quaes dansam fazendo muitas evoluções.

Assisti a uma dessas dansas e admirou-me a certeza dos passos assim como o numero de figuras. Geralmente dansam formando circulo, e em todos os passos batendo muito com os pés. Quando terminam uma parte, batem todos palmas e fazem uma vozeria infernal.

Além destas festas, celebram de tres em tres annos a festa geral, ou do enterro dos ossos. Os ossos dos mortos em campanha, como disse, são guardados no quartel por espaço de tres annos; findos os quaes, depois desta grande festa que dura um mez, estando elles sempre presentes, são mettidos dentro de uma igaçáua e enterrados para sempre.

Nesta festa, vestem os mundurucus os seus vestuarios de pennas e os guerreiros desfazem-se dos seus *pariudá-á*, ou penduram-os no quartel.

Quando morre algum da tribu, são vestidos com as suas roupagens guerreiras e enterrados dentro de casa.

Valentes como são, tornam-se covardes quando trata-se do *Maraquemara*. São muito supersticiosos e acreditam em feitiços. Nenhuma molestia para elles é natural, sempre é causada por feitiço e ai daquelle, que fôr indicado pelo *pagé*, como feiticeiro ou maraquemara!

Morrendo qualquer individuo, e tendo sido apontado como feiticeiro, todos o evitam, não se toca no que lhe pertence —; torna-se um pariá, até o dia da vingança.

A propria mulher e filhos são os primeiros a evital-o e entregal-o á vingança.

O curandeiro ou *pagé*, ás vezes vendo o máo effeito dos seus remedios, para não se desacreditar trata logo de suspeitar feitiço. Então os parentes do doente ou morto, vão muitas vezes a malocas distantes, onde mora o maraque-mara, dizem ao tuchaua a que fim vão, e partem ao encontro da victima. Não o ferem como guerreiros, mas sim por meio de enganos apossam-se das armas da victima, e então lançam-se sobre ella, arrastam-a para o campo e ahi a reduzem a cinzas.

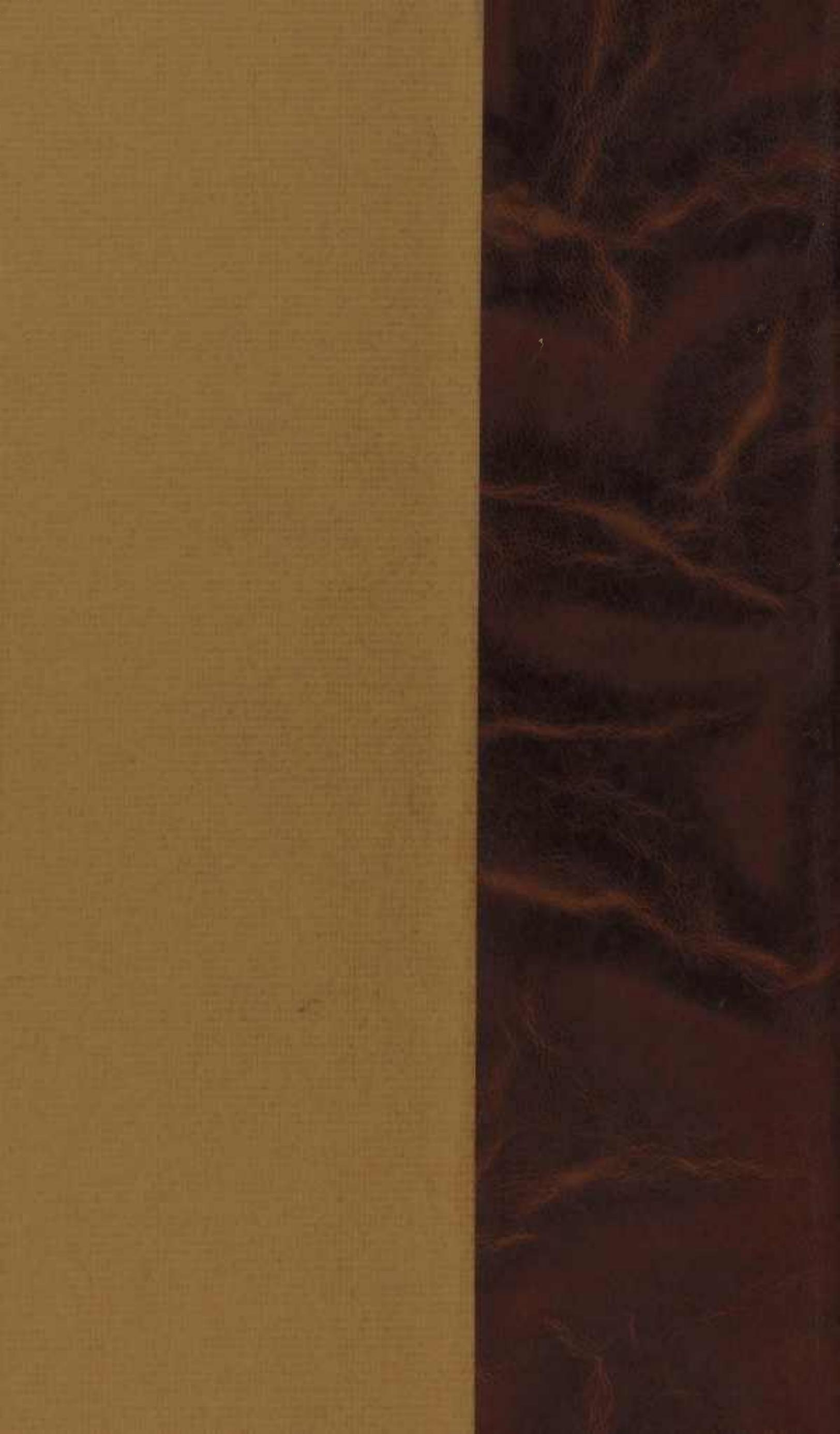
A victima que tem a consciencia de si, nunca foge, embora seja aconselhado por algum amigo para fugir afim de evitar a morte. Não crê que o matem, embora veja sempre o exemplo e tenha sido mesmo ás vezes instrumento desta scena da barbaria. Conheci um tucháua que assim morreu.

Não nos devemos admirar destas aberrações do espirito humano, destas crenças selvagens, porquanto, ha um seculo ainda, a velha Europa condemnava á morte os seus feiticeiros.

Outro uso ainda selvagem é o das mulheres cortarem a dentes o cordão umbilical das crianças quando nascem. Este processo ainda approxima o homem do bruto.

Algumas malocas hoje já vão recebendo a luz da civilização ; já o uso de roupa e armas de fogo vai sendo introduzido, mas quasi nenhuma pratica de religião infelizmente existe. Alguns regatões que com elles traficam, só têm em vista aproveitar-se de seus serviços e de seus recursos pervertendo e não educando.

Terminando este tosco trabalho, cumpre-me dizer que os recursos que offerece o formoso e rico Tapajós, com os seus milhares de braços indigenas, promete um futuro grandioso, logo que o facho da instrucção fôr ahi sacudido, e espalhe sua luz brilhante pelos centros, onde hoje reina ainda a rotina e a educação colonial.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).